



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL**

**EDILTON MASCARENHAS GOMES**

**ASPECTOS IDENTITÁRIOS DO CULTO A NOSSA SENHORA DA**  
**CONCEIÇÃO DA FEIRA – BA**

CACHOEIRA, BA, 2021

**EDILTON MASCARENHAS GOMES**

**ASPECTOS IDENTITÁRIOS DO CULTO A  
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA FEIRA – BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural – da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito final para obtenção do Título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzane Tavares de Pinho Pêpe.

Área de Concentração: Patrimônio Cultural.

CACHOEIRA, BA, 2021

---

G633a Gomes, Edilton Mascarenhas.

Aspectos Identitários do Culto a Nossa Senhora da Conceição da Feira- ba. / Edilton Mascarenhas Gomes. Cachoeira, BA, 2021.  
145f., il.

Orientação: Profa. Dra. Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro Artes, Humanidades e Letras Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Bahia, 2021.

1. Maria, Virgem, Santa – Culto – Conceição da Feira (BA). 2. Imaculada Conceição, Festa da 3. Religiosidade. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 232.91142

---

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB.  
Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)  
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

EDILTON MASCARENHAS GOMES

**ASPECTOS IDENTITÁRIOS DO CULTO A  
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA FEIRA – BA**

Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira, 16 de setembro de 2021.

EXAMINADORES:



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzane Tavares de Pinho Pêpe - UFRB



Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Junior - UFRB



Prof. Dr. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire - UFBA

CACHOEIRA/BA

2021

## **DEDICATÓRIA**

A todos, do mais antigo ao mais atual que, com amor, entusiasmo, trabalho e vontade de ver Conceição da Feira progredir, o fazem com seu suor, sem esquecer os que também contribuem com críticas construtivas. Isso é igualmente uma forma de construção, pois, também nesse contexto fica evidente o quanto é importante conhecer e valorizar nossas raízes. Nesses dois aspectos percebemos a identidade e o grau de pertencimento de um povo. Este, sem saber quem foi, não sabe no presente e jamais saberá. A ausência de um pertencimento que forme uma identidade seja ela de qualquer natureza faz do homem um mero produto do acaso, vagando frio e vulnerável, como um organismo suscetível a qualquer contaminação.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que com muita luta desempenha, mesmo no cenário atual de limitações impostas ao ensino superior, o papel de investigar e produzir conhecimentos, sobretudo na região do Recôncavo onde está inserida. Pois, acredito que dentro da realidade histórica do Brasil, na contribuição com o passado tão dinâmico e rico no contexto econômico e que produziu uma vasta herança cultural, que se instalou mediante o seu contexto histórico e geográfico, em nada fica devendo às demais regiões do país em seus vários ciclos, lutas e conquistas. Assim, o Programa de Pós Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural - PPGAP, tem muito a contribuir na formação do nosso povo ao abraçar essa causa e fomentar novos olhares sobre o passado e novos questionamentos no presente, e assim, contribuir com a construção de um futuro melhor, mais participativo e plural.

A todos os professores que desde a minha graduação em Bacharel em Museologia, deram suas contribuições e incentivo para que esse momento saísse da mera vontade. Em especial, agradeço à querida e sempre doce Suzane Pinho Pêpe, minha orientadora, com quem tive a oportunidade de estreitar ainda mais os laços acadêmicos e de amizade. Orientação que, para além dos caminhos acadêmicos, serviu para me mostrar que sempre há uma nova possibilidade de ver o mundo, mais neoclássica, modernista e até contemporânea, diante do barroquismo do seu orientando.

Aos seis colegas de sala, um número reduzido, mas que propiciaram grandes experiências. Todos fizeram parte desse processo. Nessa convivência quase que diária ganhei a proteção e amizade especial de uma “ANJA” que mesmo sem asas ganhou um lugar especial na sala de aula e fora dela.

A todos os amigos que me incentivaram e, como não poderia deixar de citar os queridos Lucas e Luciano na ajuda e parceria, nas madrugadas para entregar tudo no prazo e com suas dicas acadêmicas, os dois também são partes dessa conquista.

Ao amigo de todas as horas, Antônio José (Zé), que com a disponibilidade de sempre, ajudou a quebrar tantos galhos, principalmente com os problemas técnicos do computador que insistia em tirar minha paciência.

Aos familiares, pelo incentivo e orgulho. Por fim a Deus e a todas as forças benfazejas do universo, que em tudo nos concedem e mostram um aprendizado no caminho rumo a nossa evolução como pessoas para sermos sempre luz em todo tempo.

“Quando o sol da cultura está baixo,  
também os anões lançam longas sombras.”

Karl Kraus

## RESUMO

Este trabalho aborda o culto a Nossa Senhora da Conceição, em Conceição da Feira, Bahia, tomando como objeto de análise os aspectos identitários percebidos na festa que celebra a padroeira da cidade. Parte do passado, desde início da colonização portuguesa no Brasil, para contextualizar os diversos aspectos socioculturais e religiosos que compunham o contexto de formação da comunidade e dessa manifestação. Aborda alguns eventos ocorridos dentro do recorte cronológico de 1985 até o presente, que merece especial atenção e motiva este estudo. Dentro dessa cronologia, constata-se a desconstrução de referências religiosas e culturais da cidade, apesar da sobrevivência de valores do catolicismo. Evidencia a manipulação do fator cultural como arma de poder, no que se refere às formas de dominação e, para situar o leitor na realidade do passado e do presente que envolve a festa da Conceição, inclui dados anteriores à segunda metade da década de 80, contrapondo assim as formas de participação religiosa e cultural, juntamente com as transformações na sua função social. Todos os acontecimentos reunidos no trabalho serviram de laboratório para verificar, *in loco*, o valor do pertencimento e do referencial para uma comunidade. Oportunamente, incluímos aqui, o maior número de informações que encontramos a respeito do passado da cidade, no intuito de enriquecer o trabalho e contribuir com esses dados para uma melhor compreensão e difusão da sua história. Consta ainda a visão de alguns teóricos, os quais forneceram o embasamento que deu suporte à interpretação dos dados colhidos com entrevistas e observações da pesquisa de campo. Com base nisso, apresenta algumas reflexões acerca dos acontecimentos, como eles aconteceram e como refletiram sobre a comunidade.

**Palavras-chave:** Conceição da Feira, Cultura, Nossa Senhora da Conceição, Religiosidade.



## ABSTRACT

In this work, we present the cult to Nossa Senhora da Conceição, in Conceição da Feira, State of Bahia, as object of analysis we are taking the identity aspects perceived in the party that celebrates the saint who is the patroness of the entire city. In the past, since the beginning of Portuguese colonization in Brazil, to contextualize the various sociocultural and religious aspects that made the context of community formation and that manifestation, scenario of some events that occurred within the chronological moment from 1985 to the present. The chosen period was due to the perception of these events which deserving special attention, and motivated this study. Within this chronology, there is a deconstruction of the material and cultural religious references of the city, even with a parallel survival of these values. Here, we highlight the manipulation of the cultural factor as a power that regards to the forms of domination, and to situate the reader about the reality of the past and present involving the Conceição's party. Therefore, we have included some data prior to the second half of the 1980s, contrasting the participation of the religious and cultural factor with the transformations on the social function. All the events served as a laboratory to verify in loco the value of belonging and the reference point for a community. In due course, we inserted a lot amount of information found about the city's past, in order to make the work rich and contribute with this data for a better understanding and dissemination of its history. There is also the view of some theorists, who provided the foundation that supported the interpretation of the data that we collected through interviews and field research observations. Based on this, we present some reflections about these data, how it happened, and how they reflected in the community.

Key-words: Conceição da Feira. Culture. Our Lady of Conceição. Religiosity.

## **LISTA DAS SIGLAS**

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**MAS-UFBA** – Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia

**RCC**- Renovação Carismática Católica

**Seplan** – Secretaria estadual de Planejamento do Estado da Bahia

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa de Conceição da Feira.

Figura 2. Capela da Fazenda Saco, 1675. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

Figuras 3 e 4. Lápides na Antiga Igreja do Seminário de Belém, Cachoeira- Bahia. Fotos: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

Figura 5. Bandeira municipal. Foto: Marivalda Mota, 2019.

Figura 6. Fachada da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Feira, com a torre lateral. Foto: acervo particular: Djalma Farias Bastos.

Figura 7. Fachada da igreja matriz com a torre central. Foto: Dora Dantas Pereira. S/d.

Figura 8. Fragmento da pintura encontrada na parede da nave, atrás do retábulo de São Benedito. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2012.

Figura 9. Azulejos no interior da igreja que substituíram as antigas pinturas. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

Figura 10. Aspecto da capela mor, anterior a última reforma com decoração para a solenidade do último dia da novena do ano de 1983. Foto: acervo particular, Rita Plácido Correia, 1983.

Figura 11. Lavagem do adro da igreja matriz, realizada possivelmente na década de 80. Foto: Lindinalva Bonfim, s/d.

Figura 12. Filarmônicas se organizando em frente à matriz para o início da procissão. Foto: Acervo de Rita Plácido Correia, 1983.

Figura 13. Baianas em frente a matriz e adeptos do Candomblé participando da lavagem derramando água com perfume em frente à igreja matriz. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 14. A presença do credo africano no culto aos elementos da natureza: terra, fogo, água. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 15. Missa solene da festa de Nossa Senhora da Conceição do ano de 2019, onde vemos a diversificação na indumentária dos participantes. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 16. Porta estandarte à frente do cortejo da lavagem. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 17. Representação da religiosidade de matriz africana integrando o cortejo das baianas na lavagem. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 18. Coroa da imagem de Nossa Senhora da Conceição. Prata dourada e características do final do século XVIII. Acervo da igreja matriz. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Figura 19. Volutas, laços, ramagens e ânforas. Detalhe da talha dourada no coroamento do retábulo mor. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 20. Vasos de barro que mostram as contribuições da cultura indígena e africana. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 21. Convite para evento em prol da festa, 1947. Foto: Cyro Mascarenhas, 2020.

Figura 22. Cartaz de evento em prol da festa, 1954. Foto: Cyro Mascarenhas, 2020.

Figura 23. Preparativos para a procissão. Limpeza do andor. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 24. Caixa de fogos de artifício para a alvorada. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 25. Uso da camisa da festa durante o novenário. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 26. Presença de pessoas fantasiadas. Fotos: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 27. Fantasia. Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 28. Bloco Os devassos participando dos festejos no dia da lavagem. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 29. Pessoas fantasiadas de demônio. Lavagem 2019. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 30. Saída do andor da padroeira da garagem. 1983. Foto: Rita Plácido Correia, 1983.

Figura 31. Representações das camadas sociais nas diferentes formas de vestir. Rita Plácido Correia, 1983.

Figura 32. Andor da padroeira produzido na residência do Sr. Arnold Almeida, quando presidiu a equipe organizadora da festa. Foto: Acervo da família Pereira, s/ d.

Figura 31. Imaculada de Soult - Bartolomé Esteban Murillo. 1678. Foto: Museu do Prado, Madri.

Figura 32. Detalhe da parte central do forro da nave da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição da Feira, numa releitura da obra de Murilo. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 33. Detalhe da policromia da imagem de Nossa Senhora do Rosário do retábulo lateral na nave da igreja matriz de Conceição da Feira. Florão do padrão volutas. Escola baiana de policromia, séc. XIX. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 34. Nossa Senhora da Conceição, século XVII? Imagem que sai nas procissões de encerramento da festa. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 35. Imagem de Nossa Senhora da Conceição, parte posterior. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 36. Imagem da procissão após o acidente na procissão dos motoristas do ano de 2018. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2018.

Figura 37. Imagem separada da base pelo impacto na rede elétrica no acidente de 20018. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2018.

Figura 38. Base da imagem. Fotos: Edilton Mascarenhas Gomes, 2018.

Figura 39. Fissuras que se evidenciaram após o acidente. Fotos: Edilton Mascarenhas Gomes, 2018.

Figura 40. Detalhe do nicho e da imagem da padroeira no retábulo mor da igreja matriz. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

Figura 41. Nossa Senhora das Mercês, acervo do MAS -UFBA. Foto: Cláudia Guanaes Fausto, 2012.

Figura 42. Imagem do Sagrado Coração de Maria com policromia exibindo padrão semelhante ao que se percebe na imagem de Nossa Senhora da Conceição da Feira. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 43. Imagem de Nossa Senhora da Conceição, retábulo mor da igreja matriz, Conceição da Feira Bahia. Madeira dourada e policromada, século XIX. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 44. Olhar direcionado para baixo e detalhes dos motivos ornamentais da policromia. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Figura 45. Douramento total na túnica da imagem onde o artista empregou a técnica do esgrafito e punção. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Figura 46. Detalhe da policromia. Borboleta. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 47. Detalhe da túnica com o beija flor. Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 48. Detalhe do verso da imagem. Sinais de coautoria na execução da policromia. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Figura 49. Nota de jornal noticiando a restauração da imagem do retábulo. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes. Acervo particular do autor. 2019.

Figura 50. Sinais de ataque de insetos e oxidação metálica com desgaste da madeira. Foto: Edilton

Mascarenhas Gomes, 2013.

Fig. 51. Manchas de oxidação metálica. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Figura 52. Estandarte do bando anunciador. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 53. Estandarte da lavagem. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 54. Programa da festa da padroeira do ano 1984. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 55. Folheto distribuído no pregão do ano de 1989. Foto: Acervo particular do pesquisador, 2020.

Figura 56. Mulheres vestidas de baianas com a fogueira simbólica no final do percurso da levagem da lenha. Foto: Acervo particular. Lindinalva Bonfim s/d.

Figura 57. Comissão organizadora de 1983. Foto: acervo particular, Rita Plácido Correia. 1983.

Fig. 58. Carroças enfeitadas na lavagem, 1984. Foto: acervo particular, Lindinalva Bonfim. 1984.

Fig. 59a. Andor da padroeira do ano de 1954. Foto: Acervo particular. Elza Brandão, 1954.

Figura 59b. Ornamentação do andor da padroeira. Foto: acervo particular. Idália Benício de Oliveira, s/d.

Figura 60. Procissão do ano de 1983. Foto: acervo particular, Rita Plácido Correia.

Fig. 61. Nota sobre a separação dos festejos religiosos e populares na diocese. Foto: acervo particular do pesquisador.

Figura 62. Imagem de Nossa Senhora da Conceição da Praia em Conceição da Feira, Bahia. Foto: Cristoval Filho, 1990.

Figura 63. Retorno à Conceição da Praia. Foto: acervo particular do autor.

Figura 64. Imagem de Nossa Senhora da Conceição de Maragogipe- Bahia. Foto: internet, 2019.

Figura 65. Procissão de encerramento das festas da padroeira, ano de 1994, presidida pela imagem da cidade de Maragogipe. Foto: acervo particular, Cristoval Filho, 1994.

Figura 66. Imagem substituta da imagem local. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

Figura 67. Andor da padroeira retirado para o corredor lateral, dezembro de 20005. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2005.

Figura 68. Missa com rituais de cunho neopentecostal onde se vê queima de pedidos escritos em bilhetes. Foto: facebook.

Figura 69. Rituais de cura e libertação durante a celebração da missa. Foto: Facebook.

Figura 70. O retorno do culto às imagens e uso do véu. Foto: Facebook.

Figura 71. O padre atual recebendo as baianas em frente à igreja no dia da lavagem. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

72. Participação popular na lavagem. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 73. Adeptos de religiões de matriz africana integrando o cortejo da lavagem. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 74. Fiéis ocupando o espaço externo da igreja durante o novenário. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 75. Momento da missa solene das 10 horas do dia 8. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 76. Camisas padronizadas. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 77. Geraldo Leite e Lia de Arlindo, moradores emocionados enquanto aguardavam a saída da procissão. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 78. Momento de emoção à passagem do andor da padroeira. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes,

2019.

Figura 79. Cadeirantes aguardando a procissão. Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 80. Pessoas com limitações físicas. Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 81. Moradora que sempre acompanha a procissão segurando o andor ou embaixo dele. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 82. Dona Luizinha e a seiva de alfazema para Nossa Senhora. Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 83. Etapas do processo de decoração do andor de Nossa Senhora da Conceição. Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 84. Fotos com o andor antes da procissão. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 85. Fiéis após o encerramento da procissão na disputa pelas flores do andor.

Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 86. Fogos de artifício na chegada da procissão. Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 87. Carro com a imagem da santa. Procissão motorizada do ano de 2020.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	15
1.1	O OBJETO DE PESQUISA	20
1.2	A FORMAÇÃO DE CONCEIÇÃO DA FEIRA – BA	22
<b>2</b>	<b>CULTURA, PATRIMÔNIO E RELIGIOSIDADE</b>	35
2.1	TERRITÓRIO	44
2.2	A DIVERSIDADE FORMANDO A CULTURA	46
2.3	AS IDENTIDADES	48
<b>3</b>	<b>AS IMAGENS NA IGREJA CATÓLICA</b>	72
3.1	OS TÍTULOS MARIANOS	77
3.2	A ARTE SACRA MARIANA NA BAHIA	80
3.3	AS IMAGENS DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO ACERVO DA IGREJA MATRIZ. A IMAGEM DA PROCISSÃO	83
3.4	A CONSERVAÇÃO	86
<b>4</b>	<b>A FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS</b>	100
4.1	O PASSADO RECENTE E O PRESENTE	102
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	132
	<b>REFERÊNCIAS</b>	138

# 1 INTRODUÇÃO

Durante o período da colonização portuguesa no Brasil, a Igreja Católica desempenhou um papel fundamental quanto à ocupação das terras recém-encontradas. Desde os assentamentos iniciais no litoral aos mais distantes da costa, a religiosidade católica era um elemento sempre presente, desde as viagens da expansão marítima portuguesa, de modo que chegando aqui, os padres logo se incumbiam de erguer, ainda que de modo improvisado, um recinto onde pudessem realizar seus rituais litúrgicos. Essas construções rudimentares e frágeis iam ganhando feições mais robustas à medida que o aglomerado de colonos – formados juntamente com alguns nativos – aumentava e se desenvolvia nas proximidades dessas edificações. Muitas cidades brasileiras surgiram do contexto que se estabelecia com a construção dessas capelas, que tinham sua localização central, geográfica e social inserida na vida dessa época, pois, de acordo com Silva (2011, p.13), os acontecimentos tinham na religião um dos principais pontos de integração da comunidade .

Baseado na dinâmica dessa centralidade religiosa nasceu Conceição da Feira, que se formou à sombra do seu ícone religioso mais importante, a sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição.

Presente na sua história desde o início, com as celebrações em homenagem à santa que aconteciam numa capela rural, ainda no século XVII, Nossa Senhora da Conceição continuou como figura central entre os moradores da região que ganhou maior estímulo ao desenvolvimento graças à construção de uma nova igreja no início do século XIX.

Esse personagem religioso se manteve presente na dinâmica local após sua emancipação na segunda década do século XX. No passado e na atualidade, mesmo com as transformações religiosas e sociais que influenciam diretamente o evento que se realiza para celebrar o orago da cidade, a festa ainda se mantém. Diante disso, elegemos a imaterialidade desse conjunto de celebrações e ritos que tem como suporte a comunidade local como objeto deste estudo. Com isso, buscamos uma melhor compreensão dos fatores que fizeram dessa festa, o local de maior visibilidade e apreço para as manifestações religiosas e culturais da cidade, assim como serviu de cenário onde se percebe as mudanças sociais incidindo diretamente nas formas de apropriação e celebração.

A festa da padroeira ou festa de Nossa Senhora, como é conhecida, já foi o ponto máximo no calendário dos festejos que movimentam Conceição da Feira, evento este que passou por momentos críticos de transformações, desvalorização, proibições e reformulações que partiram quase sempre da iniciativa de alguns dirigentes que à frente da paróquia que



conseguiram o apoio de parte dos católicos que se consideram praticantes. Essa parcela de fiéis, ao se posicionarem de acordo com essas transformações, chegaram ao ponto de adotarem atitudes iconoclastas, fato que também estimulou o desejo de estudar mais a fundo esse processo. Diante desse paradoxo, fazemos o recorte temporal entre a segunda metade da década de 1980 e o ano de 2020. Sobre esses 35 anos, constatamos de forma mais acentuada evidências das mudanças sociais e religiosas que se instalaram nesse festejo, assim como sua consequência sobre as referências que a comunidade tem da festa.

Seus principais símbolos, como a imagem da santa e o prédio da igreja matriz da cidade passaram por uma ressignificação e descaracterização respectivamente. Reformulados, perderam o caráter de intocabilidade e, no decorrer dos anos seguintes, foram atribuídos a eles um sentido obsoleto e até demonizado.

Seguindo o recorte cronológico, constatamos quatro períodos nos quais os valores de quem estava à frente da paróquia influenciaram, de maneira direta, o culto a Nossa Senhora da Conceição, como aconteciam os atos litúrgicos e na parte dos festejos populares .

No primeiro momento, surge a proibição de realizar a festa religiosa paralelamente à parte profana, numa decisão imposta pela diocese. Em seguida, um incidente atinge a comunidade católica local com o desabamento de um pedaço da parede lateral da igreja matriz. Esse fato ensejou uma grande reforma no edifício que perdeu grande parte da sua composição original. Assim o templo ficou interditado por um período relativamente longo.

A antiga imagem da santa, símbolo do sagrado que representa a padroeira, pouco a pouco perde espaço dentro da festa para dar lugar a uma materialidade vinda de fora. A ausência de um olhar disposto a respeitar boa parte das referências locais, passou a permear o conjunto de acontecimentos na festa por longos anos até 2005. A partir de então, a doutrina católica na cidade recebe a confluência de ideias religiosas externas de cunho claramente protestante. Entre 2005 e 2012, notam-se momentos de maior sensibilidade quanto a uma tendência evangélica dentro da comunidade católica, inclusive, com um aumento do número de pessoas aderindo a denominações deste segmento. De 2012 até os primeiros meses de 2018, inicia nova administração baseada no movimento da RCC, com forte apelo neopentecostal. Nota-se grande aceitação local.

Essa tendência segue até 2018 quando da posse de uma nova gestão. Nesse período percebe-se na paróquia uma maior abertura e apoio às identidades e valores locais do ponto de vista religioso e cultural promovido pelo novo pároco.

Dentro desse contexto, trazemos a seguir alguns conceitos e o processo histórico de formação do Brasil para assim, situar melhor o leitor dentro da abordagem desse trabalho.

Mostramos também a participação de elementos de culturas e religiões distintas e sua participação dentro do catolicismo popular, presentes desde o momento inicial da colonização.

Partimos aqui da religiosidade e cultura portuguesas, que em contato com a cultura nativa e de matrizes africanas, ganham singularidades. Porém, de acordo com o que diz Tadeu Zaccaria (2015), a própria cultura europeia não estava isenta de reflexos de práticas pagãs. Ao contrário de serem extirpadas daquele meio, onde a imposição do cristianismo era uma realidade que se firmava pela força da Inquisição, passaram por uma adaptação, sobrevivendo. Outras seguiram existindo na obscuridade instalando assim um choque permanente (ZACCARIA, 2015, p. 7). Percebe-se, no entanto, que esse contato de culturas e religiões diferentes gerou aqui muitos conflitos e neles se estabeleceram relações de poder, pois, em conformidade com Suzana Melo (2010, p.53), a Igreja Católica naquele momento representa a supremacia do credo e, qualquer doutrina contrária às suas diretrizes seria inadmissível, porém, a “oficialidade” da religião na colônia, estava longe de ser unanimidade por seus habitantes:

Podemos agrupar os colonos do Brasil como um ingrediente que vai dos mais autênticos fervorosos aos indiferentes e hostis à religião oficial, a saber: católicos praticantes autênticos, que aceitavam convictamente os dogmas e ensinamentos impostos pela hierarquia eclesiástica, [...] católicos praticantes superficiais, cumpriam apenas os rituais e deveres obrigatórios, mais como encenação do que como convicção interior; católicos displicentes, que evitavam os sacramentos e demais cerimônias sacras, não por convicção ideológica, mas por indiferença e descaso espiritual, muitas vezes incluindo em seu cotidiano “sincetismos” heterodoxos; pseudocatólicos: boa parte dos cristãos-novos, animistas, libertinos e ateus, que apenas por conveniência e camuflagem, para evitar repressão inquisitorial, frequentavam os rituais impostos e controlados pela hierarquia eclesiástica, mas que mantinham secretamente crenças heterodoxas ou sincréticas (MOTT, 1997, p. 175).

A intenção portuguesa de tomar posse das terras do novo mundo associava-se também à ideia de conversão dos “infieis”, habitantes que povoavam essa parte do globo (ROPS, 1955). Assim, a força religiosa que chega aqui com a missão de conquistar novos adeptos, inicialmente em meio aos indígenas, exerce também a vigilância para que os seus preceitos e ritos estivessem presentes na vida da colônia, dominando o espaço diante de todo tipo de práticas contrárias ao que pregavam seus representantes. Os relatos que os jesuítas enviavam daqui para Portugal nos dão uma ideia de como conseguiram realizar o massacre da cultura que encontraram, chegando ao ponto de o próprio nativo se mostrar amistoso ao apagamento de seus costumes (ALMEIDA, 2016, p. 93). Isso porque os religiosos usavam uma tática sutil de convencimento, onde o confronto cultural acontecia como uma troca, uma oferta aos habitantes da terra de viver eternamente no paraíso mediante a submissão religiosa e cultural (COSTA, 2008 p. 94). Ao ensinar a sua doutrina na língua nativa, instruíam os indígenas a rejeitarem seu modo de vida

como um conjunto de práticas pecaminosas, as quais os afastariam da recompensa de se tornarem filhos de Deus e, com isso, herdeiros das benesses provenientes dessa prerrogativa, conforme cita Admilson Almeida (2016, p.103), a respeito de uma carta escrita pelo padre Anchieta em 1554:

Nesta aldeia, cento e trinta de todo o sexo e idade foram chamados para o catecismo e trinta e seis para o batismo, os quais são todos os dias instruídos na doutrina, repetindo as orações em português e na sua própria língua; o concurso e frequência das mulheres é maior; em cada domingo celebra-se missa para os mesmos; sendo muitos catecúmenos despedidos gravemente depois do ofertório, com dificuldade e gravemente o toleram, e nos rogam incessantemente que os promovamos ao batismo, o que é de cautela que se não faça, para que não voltem ao erro dos antigos costumes; porquanto, julgamos que não se lhes deve conceder o batismo senão depois de uma longa prova. (ANCHIETA, 1988, p.49).

Por que não dizer que essa subordinação foi também política? Ao impor a cultura e a religião Católica dos portugueses, estava posta a figura do rei, conforme explica Costa e Oliveira (2005):

Essa atuação dos jesuítas no Brasil do século XVI, de catequese e educação em meio aos índios, visando forjar um cristão católico reformado português, submisso ao Rei de Portugal e ao Papa, foi empreendida a partir de uma mentalidade mercantil, própria do contexto quinhentista lusitano. Assim como as mercadorias, o mercar das almas era quantificado e comemorado como o enriquecimento do reino espiritual. (COSTA E OLIVEIRA 2015, p.231).

É preciso citar que a violência não ficou restrita somente à inferiorização dos indígenas. A agressão seguiu atropelando o negro, sua religião e sua cultura. O uso da força fez valer a vontade dos europeus para assegurar a implantação e efetivar o poderio lusitano no intento conjunto de disseminar a sua referência religiosa e cultural. Assim, a predominância do pensamento de um cristianismo católico justificaria todo extermínio de referências que não lhes fosse familiar, que se apoiava na missão de salvar o gentio (CRESSONI, 2013, p. 16-17).

Assim, em meio a essa disputa pela dominação do catolicismo, as práticas e crenças nativas em contato com as culturas europeias e africanas passaram por reconstruções e adaptações ao longo do tempo. Desse modo gerou perseguições, resistências e apagamentos, assim como diálogos e ressignificações, ainda que essas não fossem permitidas pelos representantes da fé oficial. Vemos então, impregnada de elementos dessas três culturas, algumas manifestações religiosas que ainda acontecem no Brasil, onde se observa toda essa gama cultural e identitária.

O resultado dessas interações que ocorreram ao longo dos séculos constitui-se em um legado, um patrimônio, mas, essa rotulação não pode ser imposta a quem faz parte dessa

construção, uma vez que suas práticas e conceitos sobrevivem independente das formulações acadêmicas. Essa realidade, porém, não invalida, no seu meio, a eficácia da percepção desses elementos enquanto um bem cultural com o qual a comunidade se identifica e repassa seus valores como herança a gerações mais novas. Nesse sentido, vemos a importância da educação patrimonial para que o pertencimento fortaleça ainda mais essas identidades e, com maior força, assegure a essas manifestações a salvaguarda nas consciências de seus agentes como de fato guardiões de um bem, de um patrimônio. Ao perceber esse recurso como aliado importante a essas manifestações, elas sobrevivem com argumento efetivo; a própria comunidade precisa de uma apropriação que extrapole a relação emocional com o bem, e a ela se associe. Necessidade essa, tão cara nos dias atuais em que a fluidez das relações e das vivências necessita de uma consciência mais politizada para que, dessa maneira, atravessem o tempo.

Como todas, essas celebrações são suportadas pela materialidade, por isso convergimos também as atenções para o objeto de culto, constatamos aqui a relação dos fiéis para com a imagem da padroeira da cidade no contexto religioso, patrimonial e a relação como um referencial que aponta para as transformações que ocorreram dentro do espaço temporal que especificamos neste estudo. Dessa maneira, iniciamos com a contextualização do uso da arte pela Igreja Católica como meio didático.

No Novo Mundo, a Igreja católica lança mão de outros artifícios na catequese além de esculturas, pinturas, arquitetura e objetos, como a música e o teatro, junto com a língua local. Mas, é o uso da imagem visual por essa instituição que, desde tempos antigos e ainda hoje, serve como ponto axial para discussões sobre a legitimidade do culto, um dos motivos dentre outros que favoreceram o cisma protestante. Apesar do decorrer dos séculos e, ser um tema discutido até a exaustão, dentro da Igreja Católica, a questão iconográfica levanta ainda debates entre membros do clero e leigos. Isso representa fator considerável de efeitos negativos no que diz respeito às questões de preservação do patrimônio material e, conseqüentemente, ao imaterial. Junto a isso, soma-se o despreparo humanístico de alguns líderes religiosos em lidar com as questões culturais locais, o que constitui outro risco para a preservação do patrimônio artístico e histórico e cultural de muitas paróquias.

Nos espaços religiosos da capital e do interior, encontram-se muitas esculturas sacras que sinalizam os santos de devoção do culto católico no Brasil, desde os tempos coloniais. Algumas dessas imagens foram trazidas de Portugal, mas, logo passaram a ser produzidas nas oficinas dos conventos que aqui se instalavam. Com o crescimento urbano e populacional cresceu também a demanda por esse tipo de produto e os artesãos passaram a atuar com o auxílio de discípulos, livres e escravos, em oficinas, onde atendiam a um grande número de

encomendas (PÊPE, 1999, p. 16). Essas imagens eram cultuadas nas igrejas, capelas e em ambientes domésticos.

## 1.1 O OBJETO DE PESQUISA

Apresentamos aqui, o objeto de estudo desta dissertação, o culto a Nossa Senhora da Conceição em Conceição da Feira, manifestação identitária e referencial para a formação do patrimônio cultural local, tendo em vista a importância religiosa histórica e artística das imagens da santa que atualmente compõem o acervo da igreja matriz, seu culto ao longo de séculos e as transformações mais recentes.

Face a essas transformações sociais e de estranhamentos diante de algumas práticas religiosas que veremos no transcorrer deste texto, questionamos se o culto a Nossa Senhora da Conceição ainda possui a função como um referencial religioso, identitário e cultural na cidade.

Qual a relação do sujeito – o devoto – com a imagem da santa? Qual o significado dessas manifestações materiais e imateriais para a população local? E que relações estão sendo estabelecidas com o objeto em termos de preservação?

A partir da observação de como a festa da padroeira da cidade se modificou nas últimas décadas, pretendemos traçar um paralelo entre o referencial religioso e cultural da comunidade, as influências das transformações religiosas e sociais, bem como os fatos que levaram à ressignificação e desconstrução desse referencial por meio de seus símbolos. Para uma melhor compreensão do contexto que envolve esse trabalho mostraremos aqui, maiores detalhes a respeito da formação histórica de Conceição da Feira, cidade que culturalmente faz parte do Recôncavo baiano. Por essa razão, acreditamos ter escolhido dentro desse universo, um objeto que a representasse de forma mais abrangente e que englobasse, inclusive a história da cidade, pouco conhecida pela maioria dos moradores. A falta de conhecimento histórico, por parte da população local, talvez esteja atrelada a pouca investigação sobre o assunto. Somado a esses fatores, a crescente interferência religiosa e desvalorização dos bens históricos parece justificar a atual limitação do grau de pertencimento por uma parte significativa da comunidade católica atuante para com esses bens.

A festa da Conceição marcava o calendário da cidade como a sua maior manifestação religiosa e popular que, por imposição eclesiástica, ficou proibida de acontecer junto com a parte profana a partir da segunda metade da década de 1980 . Após um período de 21 anos, populares se organizam para trazer de volta ao menos a lavagem do adro da igreja. Desde então, esse evento, que teve um retorno tímido, ganhou a participação crescente da comunidade que a

cada ano vem interagindo com maior receptividade.

Por meio da participação e da observação etnográfica fizemos o trabalho de campo com o registro dos ritos, das falas, das ações e gestos dentro do contexto das celebrações, que pudessem responder aos questionamentos propostos por este trabalho e, assim discorrer com maior clareza a respeito dos aspectos sociais e religiosos que envolvem esta celebração, com base no registro das atividades preparatórias para a festa. A investigação participativa em que atuamos como parte da comunidade facilitou a percepção e a inserção nas práticas e expressões culturais ao longo da pesquisa. Para tanto, o distanciamento afetivo para a análise dos dados colhidos tornou-se imprescindível para essa investigação.

De maneira oportuna, este trabalho objetiva contribuir para a história da cidade de Conceição da Feira – onde nasci e estou atento às mudanças sociais e culturais –, acreditando que a difusão deste estudo na comunidade possa servir para uma melhor instrução, conscientização, valorização e apropriação dos moradores da sua história e dos elementos da sua cultura. Desejamos igualmente que essa pesquisa possa despertar o interesse por novas investigações e novas abordagens.

Para chegarmos o mais próximo possível às respostas às questões que aqui pouco a pouco se apresentam de forma mais detalhadas, realizamos o levantamento teórico, bibliográfico e documental, ao tempo em que desenvolvemos a etnografia nos meses de novembro e dezembro de 2019 e 2020. Acompanhamos desde os preparativos até o final da festa, que acontece atualmente entre 29 de novembro a 8 de dezembro.

Em virtude das limitações impostas pela pandemia (Covid 19), no ano de 2020, a programação da festa passou por adaptações mediante as recomendações de segurança de saúde coletiva, o que levou a realização das atividades religiosas do lado de fora da igreja seguindo os protocolos para essa finalidade. Já a procissão, aconteceu de forma motorizada, com o andor da santa seguindo em carro aberto pelas ruas da cidade acompanhado por vários veículos. A parte profana como o bando anunciador, a levagem da lenha, a lavagem das escadarias do templo e a participação popular foram suspensas. As limitações refletiram de forma negativa na busca e acesso a fontes e aos locais de pesquisa como o Arquivo da Cúria Metropolitana em Salvador, Arquivo Público da Bahia dentre outros. Em contato com a secretaria da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Feira de Santana, recebemos informações de que a respeito da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em seu poder consta apenas os documentos de registros de batismos e casamentos celebrados na paróquia de Nossa Senhor.

## 1.2 A FORMAÇÃO DE CONCEIÇÃO DA FEIRA – BA

Figura 1. Mapa de Conceição da Feira.



Disponível em: [https://www.viamichelin.pt/web/Mapas-plantas/Mapa-planta-Conceicao-da\\_Feira-44320-Bahia-Brasil](https://www.viamichelin.pt/web/Mapas-plantas/Mapa-planta-Conceicao-da_Feira-44320-Bahia-Brasil)

Segundo dados do IBGE, a extensão territorial de Conceição da Feira, município baiano, situado no Recôncavo baiano, é atualmente de 164,798 km<sup>2</sup>; no censo de 2010, foram registrados 20.392 habitantes. Em 2020, verificou-se um crescimento da população, estimada em 22.762 habitantes (IBGE. Conceição da Feira). Limita-se com os municípios de Cachoeira, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro da Purificação, Antônio Cardoso, Cabeceiras do Paraguaçu e Governador Mangabeira (fig.1). Esses nomes integram o conjunto de municípios que formam o Recôncavo baiano, região que compartilha a história colonial portuguesa, da participação dos nativos, da escravidão dos africanos e seus descendentes, das tradições religiosas e festas populares.

O atual município de Conceição da Feira fez parte da então Vila de Nossa Senhora do Porto da Cachoeira, cujo termo foi formalizado em 7 de janeiro de 1698. O território da Vila da Cachoeira estendia-se do Rio Cachoeira – como devia ser chamado o Rio Paraguaçu – até encontrar o Rio Real, ou seja, próximo a Sergipe do Conde. (Transcrição do Termo de Criação da Vila de Nossa Senhora do Porto da Cachoeira publicada por MELLO, 2001, p.32). O

Recôncavo é considerado um dos 27 Territórios de Identidade Cultural da Bahia<sup>1</sup>. Este plano de regionalização foi adotado pela Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (Seplan) por

Figura 2. Capela da Fazenda Saco



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

força da Lei nº 10.705, de 14 de novembro de 2007, consolidado na Lei nº 13.468, de 29 de dezembro de 2015. Com o fim de organizar, planejar e executar funções públicas e serviços de interesse, Conceição da Feira passara a compor a região Metropolitana de Feira de Santana desde a publicação da Lei Complementar Estadual da Bahia n. 35, de 6 de julho de 2011.<sup>2</sup>

No passado, a posição geográfica de Conceição da Feira era considerada privilegiada por estar próximo a Cachoeira, importante porto às margens do Rio Paraguaçu. Desde as últimas décadas do século XIX, sua posição é tida como estratégica por sua proximidade aos dois maiores centros, Salvador da qual dista 121 quilômetros, e está a 26 quilômetros de Feira de Santana (SANTOS, 1996).

<sup>1</sup> Território de Identidade Cultural Recôncavo é composto pelos municípios de Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição da Feira, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

<sup>2</sup> De acordo com Artigo 1.º desse Decreto, além de Conceição da Feira, são municípios da Região Metropolitana de Feira de Santana, Conceição do Jacuípe, São Gonçalo dos Campos e Tanquinho. Esse arranjo territorial reorganizou parte do Estado da Bahia.



A propriedade rural pertencia ao Coronel ou Mestre de Campo Manuel de Araújo Aragão Correia, posto ocupado por homens que possuíam influência no Brasil colônia e representavam aqui e na metrópole, o cargo mais alto dentro da hierarquia militar daquele momento (DIAS, 2010, p. 12). De fato, membros da família Aragão aparecem em alguns documentos que registram a vida da elite colonial baiana, conforme cita Mott (2010), como uma das famílias mais ricas da América Portuguesa e tudo indica que possuíam ligação de parentesco com a família Garcia D'Ávila, proprietários do Engenho da Casa da Torre.

Indícios apontam que a família do Coronel tinha especial devoção a Nossa Senhora da Conceição, uma vez que em registros da época constam alguns de seus membros como participantes da fundação da irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Praia em Salvador, por volta de 1645 (AZEVEDO, 2018, p. 9).

Na região do Recôncavo encontra-se ainda hoje outra capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, remanescente do antigo engenho da Ponte, de propriedade dessa mesma família (IPAC, vol. III 1988).

O Coronel Aragão, casado com Ana Barbosa de Brito exerceu a função de vereador na então vila de Cachoeira em 1697. Era proprietário ainda, de mais dois imóveis rurais nessa mesma localização, como os engenhos de açúcar Tararipe e da Mata, passados a ele por herança paterna. Em seu poder estava também uma fazenda denominada Araçás ou Andarahy de Baixo, destinada a criação de gado, na região da chapada diamantina, onde hoje compreende a cidade de Itaberaba (SOUZA JÚNIOR, 2015, p. 42).

Novamente vamos encontrar a participação dos Aragão no Recôncavo. Desta vez, como benfeitores da Igreja dos Jesuítas, do antigo Seminário de Belém da Cachoeira, conforme consta em duas lápides no chão da capela mor e do transepto, onde se vê o brasão da família lavrado em pedra de lioz (fig. 3 e 4), com as inscrições:

SEPULTURA DO CORONEL DA CAVALARIA ANTONIO DE ARAGÃO DE MENEZES MOÇO  
FIDALGO DA CAZA DE SUA MAGESTADE E DE SUA MULHER D. MARIA DE MENEZES  
FUNDADORES DESTA SEMINÁRIO DE BELEM. (fig. 3).

AQUI JAZ SEPULTADO O SEMINARISTA JOSEPH GARSIA DE ARAGÃO FILHO DE JOSEPH GARSIA  
DE ARAGÃO E DE D. IZABEL DE ARAGÃO DE MENEZES BENFEITORES DESTA SEMINARIO  
FALESESO EM FEVEREIRO DE 1722. (fig. 4).

Figuras 3 e 4. Lápides na Antiga Igreja do Seminário de Belém, Cachoeira- Bahia.



Fotos: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

É possível que estejamos diante de nomes que compunham ramificações desse núcleo familiar, conforme estudo genealógico de Francisco Antônio Doria (2000, p.146). o que mostra a grande influência e atuação dessa família na região. Assim fica evidente a sua religiosidade de acordo com o costume da época em que, famílias abastadas despendiam grandes somas para custear a construção de igrejas e capelas.

Quanto à Fazenda Saco, não encontramos vestígios, nem se conhece documentos que atestem o tipo de produção que ali existia. No entanto, sabemos que, no século XIX, as atividades agrícolas na região, conhecida como Campos da Cachoeira, onde Conceição da Feira está inserida, estavam voltadas para a produção de fumo e mandioca (BARICKMAN, 2003, p. 319). Com isso, a produção fumageira, mais tarde, viria a integrar o desenho da bandeira municipal (fig. 5), como reflexo de uma das atividades que impulsionava sua economia naquele momento.

Figura. 5. Bandeira municipal



Foto: Marivalda Mota, 2019.

De acordo com relatos, sobreviveram nessa fazenda, até algumas décadas passadas, o que seriam restos de um tronco onde eram castigados seus escravos. Informação da oralidade que consideramos provável, tendo em vista o número de pessoas escravizadas e libertas, contabilizados na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Feira no século XIX, conforme investigação de João Paulo Carmo (2003). O somatório de pessoas nessas condições correspondia a 19% dos moradores do distrito, no total de 2.912, sendo 1.315 do sexo masculino e 1.597 mulheres, incluindo nesses números também as crianças respectivamente (2003, p. 57-59).

Não se sabe ao certo se a antiga casa da fazenda é a mesma que existe atualmente a uma distância considerável da capela. Em visita à sede, encontramos grandes portas com ferragens antigas presas com cravos, provenientes de construções que existiam ali, segundo informações do caseiro.

De acordo com a descrição de frei Agostinho de Santa Maria em sua obra Santuário Mariano de 1722, a capela da Fazenda Saco estava situada à:

Duas léguas distante da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em um sitio a que dão o nome de Campos que fica para o norte da Cidade da Bahia & distante dela dezesseis

léguas, fundou & dedicou ao mistério da puríssima Conceição de Maria Nossa Senhora o Coronel ou Mestre de Campo Manoel de Araújo de Aragão huma Hermida nas suas terras, & foy no anno de 1675 & nella collocou huma devota Imagem Desta Senhora; a qual Hermida he hoje de seu neto Manoel de Aragão Pereyra. He esta Imagem da Senhora de muyto boa escultura de madeyra estofada a ouro; a sua estatura são tres palmos & meyo para quatro, está com as mãos levantadas com o ornato de manto, & coroa de prata (1722, p. 216).

Conforme o trecho acima, a fazenda estava localizada numa área conhecida por Campos, possivelmente Campos da Cachoeira e estava a cerca de 10 km da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. O mesmo autor menciona que já no ano de 1675, se cultuava na capela da referida fazenda uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de forma que a continuação dos atos religiosos foi mantida por seus descendentes. Não se pode afirmar se a imagem que era cultuada na antiga capela e hoje, por questão de segurança, integra o acervo da igreja matriz, seja a mesma que cita o religioso, pois, era costume fazer substituições por causa de danos que porventura compromettesse a integridade física desses objetos. Trataremos dessa imagem no capítulo 3.3 desse trabalho.

Com o passar dos anos, mesmo com algumas obras de manutenção, essa capela sofre com a ação do tempo, inviabilizando sua utilização posterior. Tal fato desperta o interesse por erguer uma nova edificação para abrigar o culto a Nossa Senhora da Conceição, que crescia naquela localidade.

Nesse contexto, acontece a doação de um terreno, feita pelo casal Manoel Fernandes da Costa e sua esposa dona Antônia Florinda de São José, para a construção do novo templo – informações que estão de acordo com o documento de escritura datado de 6 de outubro de 1830, redigido na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. A inauguração da nova igreja aconteceria oito anos mais tarde, no dia da sua padroeira, oito de dezembro, de acordo com uma cartela em mármore que assinala o ano, disposta sobre a verga da porta do lado direito da fachada. Para a escolha do local, delimita-se uma área próxima a duas estradas reais que fazia ligação entre aquela região e outras mais distantes, ou seja, uma área em que o fluxo de pessoas era constante, e havia boas nascentes de água (SANTOS, 1996, p. 11).

Por aí transitava um grande número de tropeiros e boiadas em direção ao porto da Vila de Nossa Senhora do Rosário (ALMEIDA, 1998, p. 135). Complementando essa informação, Pessoa (2007), nos diz que uma dessas vias, conhecida como estrada real de gado, ou estrada das boiadas, seguia até a região que compreende hoje o atual Estado do Piauí, que na época era referência na produção de carne seca. Com esse e demais produtos, os tropeiros faziam o abastecimento dessa rota, da capital Salvador e dos engenhos que pontuavam o Recôncavo

baiano (PESSOA, 2007, p.117).

Gradativamente se forma um assentamento ao redor dessa nova igreja (Fig. 6) com a construção de várias residências, casas comerciais e de hospedagem, o que favorece a parada desses comerciantes acostumados a passar pela localidade. Esse fato faz surgir uma feira que acontecia nas proximidades do templo recém-construído e assim, o povoado ficaria conhecido como Arraial de Nossa Senhora da Conceição Nova da Feira, numa referência à santa, a igreja e a feira que ali acontecia (SANTOS, 1996, p. 11).

Figura. 6. Fachada da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Feira, com a torre lateral

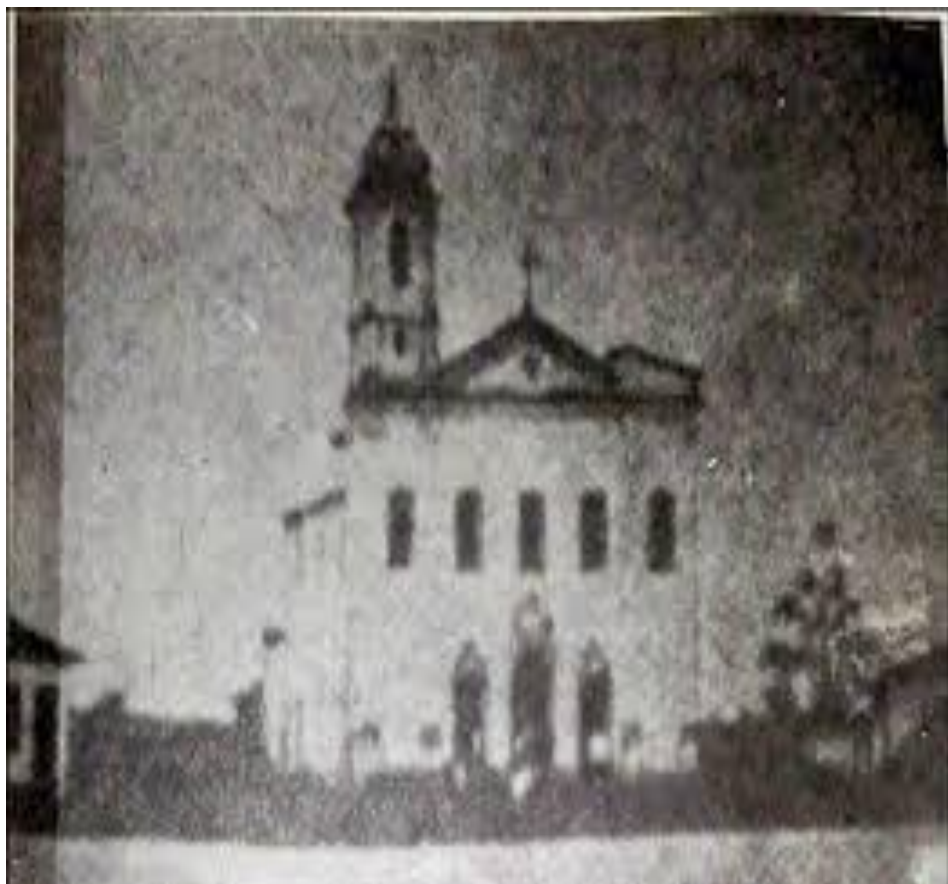


Foto: acervo particular: Djalma Farias Bastos.

O crescimento da população local e a grande distância que separava aquele arraial da então Vila de Nossa Senhora do Rosário faz o casal doador do terreno perceber a necessidade de um religioso para assistir aquela população com maior frequência. Resolvem então, encaminhar ao representante da Província, um documento relatando a dignidade do templo e carência espiritual daquela população. Em resposta, o arcebispo da Bahia, D. Romualdo

Antônio de Seixas, eleva à Freguesia a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Feira, criando também o distrito de paz pela lei provincial 275, de 25 de maio de 1847 (SANTOS, 1996, p.12).

Mais um avanço chega para o distrito, quando, em 1876, começa a funcionar a estrada de ferro em atividade ainda hoje, passando dentro de sua área. Essa obra contou com o apoio do Governo Imperial e propiciou aos habitantes da região uma maior mobilidade (SANTOS, 1996, p.12). A ferrovia fazia a ligação entre Cachoeira seguindo em direção a outras localidades da Província como Feira de Santana e Chapada Diamantina (ZORZO, 2002, p. 64).

No início do século XX, o Distrito figura na divisão administrativa do Brasil, como parte integrante do município de Cachoeira (SANTOS, 1996, p.12). Com o crescimento do comércio local, da população e do número de habitações, seus moradores, segundo Santos (1996) redigem e encaminham ao Governo do Estado, um documento onde requerem a emancipação, o que veio acontecer em 23 de julho de 1926, mantendo o nome de Conceição da Feira (1996, p. 15).

Diante desses fatos, fica evidente a ligação entre a devoção a Nossa Senhora da Conceição, a formação da cidade e a conseqüente construção cultural que recebeu forte influência da religiosidade relacionada à sua padroeira. O vínculo com a santa é notório desde o próprio nome do município, como também no uso das suas cores oficiais, azul e branco, que no referencial católico são cores alusivas à Virgem Maria. O mesmo cromatismo predomina na bandeira da cidade, onde figura, no centro, uma coroa circundada por doze estrelas que é outro símbolo mariano (SANTOS, 1996, p. 61).

Nossa Senhora da Conceição aparece novamente na letra do hino da cidade composta por um antigo morador, Vivaldo Bittencourt Mascarenhas, para o novo município. Nas suas estrofes, a cidade em desenvolvimento, prospera “sob as bênçãos da tua padroeira”, porém, encontramos uma senhora da família do compositor a qual nos informou a respeito de outra versão escrita por ele anteriormente, quando Conceição da Feira era ainda um distrito. Nas estrofes ele presta homenagem a Nossa Senhora da Conceição e pede sua proteção rumo à independência política- administrativa, conforme vemos nas duas versões: a primeira, à esquerda, e a segunda, à direita.

Oh salve! Salve Conceição!  
tua vitória alcançar,  
Teus filhos de coração  
A ti vieram saudar.

Oh salve! Salve Conceição! Por  
Cidade de encanto e de amor.  
Teus filhos de coração  
Se ufanam do teu valor.

Té que enfim foste já vencedora,  
Na vil luta pela liberdade  
Nossos votos à Mãe protetora,  
em breve fazer-te cidade.

Sejam sempre fiéis no labor  
teus filhos, os nossos irmãos,  
Para a glória Ter sempre e louvor  
Da grandeza de bons cidadãos.

És a fonte do bem com teus ares,  
Com tu' água vital, cristalina.  
Preferida aos outros lugares  
Com o auxílio da sã medicina.

Deus te guie prá sempre ao progresso  
E te envolva no manto da paz  
bem haja sempre o ingresso  
Para o mal nunca entrada jamais!

És a fonte do bem com teus ares,  
Com tua água vital cristalina,  
Preferida aos outros lugares Para  
Com o auxílio da sã medicina.

Na viril luta pela liberdade, Os  
Da vitória levaste a bandeira,  
Hoje marchas com prosperidade,  
Sob as bênçãos da tua padroeira.

Sejam sempre fiéis no labor.  
Os teus filhos, os nossos irmãos,  
E te honrem com sincero ardor,  
Sendo nobres e bons cidadãos.

Esta data feliz, este dia,  
Faz lembrar tua emancipação, Para o  
Os teus filhos com grande alegria,  
Te saúdam, querida Conceição.

A pesquisa em acervos fotográficos de moradores da cidade mostrou que poucas edificações do seu período inicial sobreviveram aos dias atuais, dando lugar à arquitetura moderna. Os poucos imóveis de época que ainda existem, quase todos passaram por reformas que descaracterizaram suas feições originais como a capela da fazenda Saco (1675) e a igreja matriz (1838). Esta última sofreu drásticas modificações em sucessivas reformas. Nas fotografias encontradas, é possível identificar as transformações pelas quais passou o prédio construído de acordo com a tipologia em uso no início do século XIX. Sua planta original era composta por nave única de coro alto, ladeada por tribunas superpostas aos corredores de acesso a sacristias e capela-mor. A sua primeira modificação aconteceu possivelmente no início do século XX, quando foi retirada a torre sineira lateral (fig. 6) transferida para o centro da fachada (fig. 7) (SANTOS, 1996, p. 24-25).

Figura 7. Fachada da igreja matriz com a torre central.



Foto: Dora Dantas Pereira. S/d.

Internamente, também nas primeiras décadas do século XX, ocorreram intervenções que alteraram o seu aspecto, como demonstram fragmentos da decoração parietal (fig. 8) preservada atrás de dois retábulos laterais, construídos após a conclusão da igreja que inicialmente contava com apenas três dessas estruturas.



Esses vestígios sugerem a existência de uma barra de pinturas que circundava a nave e a capela mor. Essa ornamentação foi substituída por sessões de azulejos pintados ( fig. 9), onde se vêem cenas bíblicas do novo testamento, da vida de Maria e alguns símbolos.

Figura 8. Fragmento da pintura encontrada na parede da nave, atrás do retábulo de São Benedito.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2012.

As fotografias mostraram ainda outras modificações no seu interior, realizadas na década de 80. Nessa reforma, foram abertos quatro arcos na nave onde haviam portas com cercaduras em madeira, o nível do piso da capela mor foi elevado suprimindo os degraus de acesso ao presbitério e a remoção da mesa do altar que existia no retábulo mor (fig. 10). A retirada desse elemento também aconteceu nos dois dos quatro retábulos da nave.

Figura 9. Azulejos no interior da igreja que substituíram as pinturas.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

No ano de 2013, novas obras no interior da igreja substituíram algumas portas de madeira entalhadas por outras de vidro, do tipo blindex. Em seguida foi construído um pequeno muro circundando a igreja, para a instalação de um gradil de ferro. Com isso desapareceram os degraus da escadaria de acesso.

Figura 10. Aspecto da capela mor, anterior a última reforma com decoração para a solenidade do último dia da novena do ano de 1983.

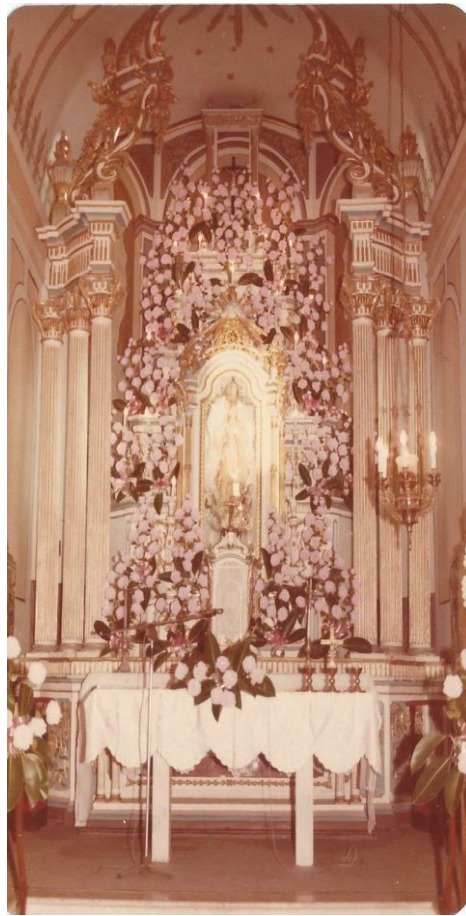


Foto: acervo particular, Rita Plácido Correia, 1983.

Mesmo sofrendo tantas alterações, ainda é possível encontrar pinturas compondo a decoração do forro da nave em forma de gamela, retábulos de talha dourada de gosto neoclássico e imagens de períodos e características variados. Chamamos aqui, atenção especial para as imagens de Nossa Senhora da Conceição. Uma delas, supostamente a que se cultuava na capela primitiva, apresenta em sua composição características que lembram o gosto rococó. Essa mesma imagem sai às ruas em procissão no encerramento da festa da padroeira da cidade, no dia 8 de dezembro. A outra, que associamos ao século XIX, figura no nicho principal do retábulo mor. Essas obras constituem parte importante do acervo da matriz como objeto de culto e objeto documental, informando a respeito da história local, sobre a região e a sociedade no período de formação da cidade. Trataremos dessas duas imagens no capítulo 3.3 deste trabalho.

## 2 CULTURA, PATRIMÔNIO E RELIGIOSIDADE

Por entender o culto a Nossa Senhora da Conceição, em Conceição da Feira, BA, como manifestação secular da cultura local que tem relação com o desenvolvimento do catolicismo no Brasil desde o período colonial, atravessando vários séculos, com momentos de maior ou de menor fervor religioso, e como a manifestação da cultura material e imaterial representativa da cidade, trazemos alguns conceitos como os de cultura, patrimônio, identidade e território. Essas formulações corroboram para a compreensão de nossa pesquisa. Nela procuramos colher dados e observar os fatos sem restrição de natureza no que diz respeito ao objeto de estudo e assim, seguimos o viés antropológico que colaborou para a análise dos acontecimentos que tomamos conhecimento e registramos durante o trabalho de campo.

Conforme esclarece Ingold (2017), a Antropologia não está disponível para encontrar um fim delimitado e restrito diante das formas de vida, engessando-as, porque nela podemos encontrar novos caminhos que possibilitam inclusões, sem deixar a margem o novo como forma ilegítima de ser e de acontecer. É assim, uma forma democrática que tem portas abertas a “todas as pessoas e todas as coisas” (INGLÓD, 2017, p. 223).

A partir dessa afirmação que tão bem descreve a realidade que apresentamos nesse trabalho, temos a oportunidade de ver na prática o que mostra o teórico a partir dessa abordagem. Essa investigação procurou captar dentro do que foi visto em campo, as nuances das transformações sociais a que estão submetidas as sociedades e sua cultura. Por isso, achamos pertinente iniciarmos essa reflexão com alguns teóricos que tratam a seu respeito. Ela, a cultura, abre as portas para nos situarmos no mundo enquanto seres criadores de uma simbologia que usamos como plataforma onde se desenrolam as nossas experiências.

Muito se fala a respeito das questões relacionadas à cultura em diversas perspectivas e, por mais que se estudem suas manifestações, mostra-se sempre atual, ampla e diversa. Nessas análises, observam-se valores, produção material e formas de vivências, cuja variedade e fatores foram chamados atenção por Lévi-Strauss (1970). No entanto, ele destaca que, muito mais plural e rica são as formas como as manifestações da cultura se apresentam (LÉVI-STRAUSS, 1970, p.80).

Diante disso, podemos entender que na imensa diversidade cultural das sociedades reside uma série de interpretações que se multiplicam nas diversas formas de vivências. É possível, então, compreender a cultura como uma atividade humana a qual se forma devido à natureza social do homem, o qual formula a sua presença em dado tempo e espaço. Esse homem

se destaca da natureza, mesmo fazendo parte dela.

Tomamos também o conceito de cultura na visão de Edward Taylor (1871), como um conjunto muito bem elaborado que se forma a partir do conhecimento, do direito, crenças, arte, moral, costumes e tudo o que é produzido pelo homem em sociedade.

A abrangente visão do autor que inaugura um conceito de cultura antropológico é bastante atual. Tudo o que foi incorporado ao cotidiano do homem na sua vida em sociedade está incluído em sua definição de cultura, a mesma que abarca a produção material resultante da vida em grupo. Por consequência inclui também o imaterial na partilha de um modo de vida. Diante disso, todo o conhecimento adquirido pelas sociedades constitui-se em legado cultural, o que podemos entender como a maior riqueza de um povo, constituindo o seu patrimônio todo esse conjunto de práticas e conhecimentos.

Isto posto, todos os elementos materiais e abstratos que nortearam a construção de uma capela rural em fins do século XVII, a construção de uma nova igreja e o desenvolvimento de um povoado até chegar a Conceição da Feira como cidade hoje, podemos dizer que todo esse processo é resultante de uma cultura instalada e em formação desde a chegada do colonizador e de como ela se formou de maneira particular nessa comunidade.

Ao olharmos para a cultura de uma sociedade, é possível também entendê-la como retratos da sua história, muitas vezes, atualizados pela sua própria natureza dinâmica. Laraia (2009, p. 94-95), nesse sentido, argumenta que os homens possuem a capacidade de incorporar novos hábitos aos seus costumes, questioná-los e transformá-los, ainda que suas manifestações sejam modificadas em algo completamente inverso, ficam impressas em si mesmas o seu significado original, junto com os aspectos que as fizeram existir. Dessa maneira, os elementos e fatores da história sobre a qual nos debruçamos apresentam-se diante dos nossos olhos com a força dessa característica inerente a cultura: a dinâmica, o movimento e as transformações.

Esse autor nos diz que para compreendermos o que está codificado nos símbolos, precisamos antes conhecer o seu contexto e os valores que existem dentro de uma determinada cultura (LARAIA, 2009, p. 56). Nesse sentido, atuando no presente, as manifestações culturais trazem consigo uma parcela da história das sociedades.

E tão somente porque o ser humano vive num mundo de que se tornou por esse modo num mundo humano, tão somente porque ao nascer já encontra objetivadas aquelas necessidades e capacidades que se manifestaram no passado, podendo assim dispor materialmente dos resultados de todo o desenvolvimento social que lhe antecedeu, tão somente por isso torna-se possível que o processo de desenvolvimento não se veja obrigado a recomençar sempre do início, mas possa partir do ponto em que se deteve a atividade das gerações anteriores. (MARKUS, 1974, p. 51-52).

Essa forma de compreender a cultura nos mostra a sua importância e suas interfaces dentro das sociedades. Com ela, o passado e o presente convivem no mesmo espaço, além de se fazer presente na consciência dos indivíduos.

Os festejos que celebram a Virgem da Conceição, por si só, já apontam para um dado da história da colonização do país e da construção da cidade de Conceição da Feira. Encontramos manifestações estruturadas no entrecruzamento cultural ao longo dos séculos, como a lavagem com mulheres vestidas de baiana, carregando vasos (fig. 11), como também acontece na Lavagem da Igreja do Bonfim em Salvador, e em outras cidades do Recôncavo. Esse ato é considerado profano para a Igreja, mas não deixa de ser um ritual que faz parte da tradição, cujo simbolismo pode encontrar fundamento também no ato de purificação no contexto da religiosidade baiana.

Figura 11. Lavagem do adro da igreja matriz, realizada possivelmente na década de 80.



Foto: Acervo particular. Lindinalva Bonfin, s/d.

Desse modo, a lavagem do templo em preparação para as festas, hoje um ritual de caráter simbólico, tudo se apresenta impregnado de representações do sagrado, de história e histórias.

Ao nos apropriarmos dos valores, signos e símbolos de tempos passados, estamos nos vinculando a uma herança que chegou até nós, que encontramos bases na nossa formação

histórica e cultural, formando o que se entende por um patrimônio.

De acordo com o filósofo Cassirer (2005), além de se diferenciar dos animais ao produzir símbolos que tenham a finalidade de conexão a uma existência subjetiva, o homem é um ser que possui a capacidade de eleger, criar e conferir sentido às coisas num sistema de simbologias, as quais impõem determinados valores como uma forma de interagir com o mundo a sua volta (CASSIRER, 2005, p.50).

Nessa construção de valores que se materializam em símbolos, podemos perceber a inclusão, assim como a descartabilidade que seguem o curso das experiências humanas como notamos em alguns pontos da festa. O clima de quase um carnaval fora de época, entre o final de novembro e início de dezembro, que tomava conta das ruas da cidade com os blocos de mascarados nas madrugadas, foi se esmaecendo e deu lugar ao silêncio, o que estava de acordo com a dinâmica dos novos tempos, mais voltados para uma dinâmica diferente do trabalho e a necessidade de despertar cedo.

Outros elementos também deram sua contribuição para que a parte profana da festa desaparecesse. A desmotivação dos moradores local associada a proibições por parte do poder religioso, novas crenças etc. A própria imagem da santa, com sua importância afetiva e religiosa como objeto de culto, ao ser deixada de lado cedendo espaço para outra vinda de fora, ou quando a mesma foi o pivô de confronto no âmbito da celebração, ilustra bem esse pensamento.

Clifford Geertz nos convida a fazer parte dessa reflexão, na sua *Antropologia interpretativa* e nos ajuda a aprofundar no aspecto simbólico da cultura; propõe um conceito semiótico. Em sua definição a cultura é um emaranhado de significados tecidos pelo homem [e compartilhados socialmente], cabendo à Antropologia elucidar esses significados. (GEERTZ, 2008, p. 16). Para esse autor, o homem produz cultura ao criar seus símbolos e significados, que não se pode buscar entendê-los de forma unilateral. Na variada gama de experiências do cotidiano no qual a cultura se manifesta, seria bem-vindo um olhar múltiplo de percepções e saberes, pois, ao produzir cultura ele se faz produto dela. Vemos assim um perfil que se forma dentro da igreja católica por alguns de seus dirigentes, paralelo ao modelo da doutrina oficial. Não raro, vemos exemplos dessa interferência de cunho protestante em ritos e convicções.

Toda essa carga de símbolos consegue atingir nossa capacidade de processar a informação e de como percebemos o mundo que nos cerca. Desse modo, os símbolos não residem apenas na sua materialidade. Eles realizam as conexões entre o meio físico e o contexto subjetivo que permeiam as sociedades. Se uma determinada cultura elege alguns objetos para impor e oficializar suas verdades, estes atuam naquele meio, impregnados de uma visão de

mundo. São eles o suporte de uma realidade compartilhada a quem dela se sente parte integrante. Ao passo em que essas referências ganham nova roupagem, seu poder coercitivo também se altera.

Com base na “Interpretação das culturas”, obra de Geertz, as autoras Priscila Silva de Jesus e Josefa Eliana Souza (2012, p. 2) comentam a influência da cultura na formação do homem. Essa “hominização”, segundo elas, se dá por meio dos processos impostos pela sociedade na qual o indivíduo se insere. A lógica seguida por Geertz encontra apoio na milenar filosofia chinesa, a qual descreve o homem como um ser biológico basicamente invariável, diversificado apenas pela sua atuação no contexto em sociedade. Então, a forma de se autoperceber faz do humano um ser diferenciado no meio natural onde procura instintivamente estabelecer valores de comportamento, os quais moldam o tipo de perfil aceito em cada sociedade.

Nesse caso, seria oportuno citar Gonçalves (2003,p.31), cujo estudo aponta a cultura como o cânone que induz atitudes. Nessa percepção, ela se impõe como uma forma de exercício de poder. A partir disso, observa-se que esse fator dominante atua na subjetividade e possibilita uma experiência de vida que alcança o íntimo do indivíduo, integra o seu coletivo na partilha e na aceitação de suas regras. Seguindo esse raciocínio, ele aponta a utilização de todo esse universo simbólico que se dá para fins de comunicação. Ao mesmo tempo, o autor salienta que seu uso é muito mais amplo, principalmente por se tratar de uma forma de agir. Uma atitude qualquer representaria a influência e a apropriação da cultura. O não questionamento das ações advindas de um padre, por exemplo, poderia ter resquício de um pensamento estabelecido na sociedade em tempos mais distantes, quando se tinha como valores firmados o não desobedecer a uma ordem superior determinada sob a legitimidade religiosa. Por essa leitura bem conveniente, o dirigente desempenha o papel de representante de Deus na terra com o posto de autoridade.

No caso de Conceição da Feira, não faltaram exemplos dessa ordem, quando das ações de quem estava à frente da paróquia. A comunidade envolvida nas atividades da igreja sempre demonstrou estar de acordo com os representantes e muitos de seus feitos, um tanto esdrúxulos, ainda que esse posicionamento não correspondesse de fato com a opinião daquela maioria. Quem se mostrasse oposto cairia no desmerecimento e na marginalidade dentro da própria igreja.

De acordo com Clyde Kluckhohn (*Apud* GEERTZ, 2008, p. 4), a cultura se constitui no modo de vida global de um povo, como o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo numa forma de pensar, sentir, acreditar e também como uma abstração do comportamento.



Vieira Pinto diz que:

A cultura é, pois, o processo pelo qual o ser humano acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de efeito favorável e, como resultado da ação exercida, converte em ideias as imagens e lembranças, a princípio coladas as realidades sensíveis, e depois generalizadas, deste contato inventivo com o mundo natural. O mundo da cultura [espiritual] destaca-se, assim, aos poucos do mundo material e começa a tomar contornos definidos no pensamento humano. O importante está em compreender-se que a cultura é uma manifestação histórica do processo de hominização e por isso se desenvolve coetaneamente com este último. (VIEIRA PINTO, 1985, p.123).

Segundo essa afirmação, as ideias, memórias e imagens, compreendidas no ambiente do mundo material são contempladas como elementos de construção da cultura, o que permite sua inserção no processo histórico.

A amplitude dada ao termo cultura levou Canedo (2009), a dizer que ela abrange interesses interdisciplinares, de modo a constituir o objeto de estudo para vários campos do conhecimento humano como a antropologia, economia, sociologia dentre outras ciências. Praticamente vemos a mesma concepção com Jesus e Souza (2012, p.3), ao mostrar que o entendimento antropológico por meio da cultura, proposto por Geertz, pode ser empregado em vários campos e em suas interfaces. Na variada gama de experiências do cotidiano onde ela se manifesta, seria bem-vindo um olhar múltiplo de percepções sensível a esses saberes e fazeres como um bem coletivo que se configura um patrimônio.

A palavra patrimônio, conforme Gonçalves (2003), já era usada na antiguidade clássica para designar os bens de valor material que pertenciam às famílias e, por consequência, essas posses eram passadas aos seus herdeiros. Na França do século XVIII, quando da formação dos estados nacionais, houve a consolidação do significado de patrimônio como uma categoria de pensamento mais aberta, com ligação direta com a representatividade dos bens arquitetônicos, históricos, peças artísticas etc. (GONÇALVES, 2003, p.26). Ainda hoje, a noção desse autor relaciona patrimônio à valoração material.

Seria uma referência para a posse e salvaguarda de um item eleito por ter representatividade coletiva ou pessoal, afetiva, histórica ou econômica. Na atualidade, corresponde a uma multiplicidade de conceitos que não se estagnam no círculo do valor material. Ela também permeia as manifestações do campo social, mágico e religioso, ou seja, imaterial. Tal visão entra em conformidade com Mazzucchi (2006, p.79), que mostra o uso da expressão fora do âmbito jurídico onde designa posses, e logo nos remete a testemunhos de um passado que carece de medidas de proteção, visto que esses remanescentes legitimam as identidades.

Esses bens, ao fazerem parte da trajetória de uma sociedade são absorvidos por ela e, desse modo, integram a sua conformação enquanto povo (POULOT, 1997, p.36). Com isso, o patrimônio também se consolida pelo desejo de perpetuação, mediante o reconhecimento da sua representatividade que se faz em torno daquele bem (MAZZUCCHI, 2006, p. 79). Não havendo essa ideia de pertencimento, o que reforça o sentido de valorização a um determinado bem, estaria como porta aberta para o seu enfraquecimento. Ao observarmos alguns fatos relacionados ao culto a Nossa Senhora da Conceição, dentro do nosso recorte temporal vamos encontrar fatos que nos conduzem à percepção da veracidade que reside na seguinte reflexão: se não é meu, se não pertence ao grupo, não há quem reclame por isso. Logo, aquele bem estará sujeito à própria sorte. Por isso, ao construir sua história, o homem vai deixando pegadas do seu interior, da sua essência nas suas ações e sente a necessidade de completude, o que segundo Fisher (1983), ele o faz por meio de algo externo:

É claro que o homem quer ser mais do que apenas ele mesmo. Quer ser um homem total. Não lhe basta ser um indivíduo separado; além da parcialidade da sua vida individual, anseia uma “plenitude” que sente e tenta alcançar, uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orienta quando busca um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que tenha significação. Rebelar-se contra o ter de se consumir no quadro social da sua vida pessoal, dentro das possibilidades transitórias e limitadas da sua exclusiva personalidade. Quer relaciona-se a alguma coisa mais do que o “Eu”, alguma coisa que, sendo exterior a ele mesmo, não deixe de ser-lhe essencial. (FISHER, 1983, p. 12-13).

Essa passagem de Ernst Fischer (1983) trata de um conflito do ser em relação à individualidade e o coletivo, tendo em vista a construção e o anseio pela integração ao mundo e o que isto possibilita:

O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por estender pela ciência e tecnologia o seu “Eu” curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu “Eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade. (FISHER, 1983, p. 13).

Ao conferir significados e valores ao que ver à sua volta, o homem domina e transforma o seu meio. Ele deixa visível suas concepções ao modificar seu ambiente e assim, persegue a perenização de seus feitos como uma maneira de marcar sua presença dando continuidade a sua história. É como bem disse esse autor, sobre a relação que o homem deseja para além dele com ele mesmo. Nesse sentido, o patrimônio então, faria o papel dessa relação que acontece de dentro para fora. A cultura regula a compreensão do mundo e, nessa verdade estabelecida, acontece a sua materialização dando-lhe formas concretas.

Partindo dessa definição podemos entender que os bens materiais e as práticas que são comuns a um povo, a uma comunidade, influenciam inevitavelmente o indivíduo. Assim, a busca em tentar compreender as formas de como se dá a organização resultante das interações entre os membros de um grupo social pode ser vista como um meio para entender a variedade cultural que forma conceitos, induz as ações responsáveis por essa diversidade de valores e formas singulares de existir.

Maria Cecília Londres Fonseca (2005) fala sobre as maneiras de como essas particularidades diferenciam as formas de trocas, gerando sistemas que têm as suas especificidades e seu modo próprio de funcionamento enquanto código. Garantir às gerações futuras o acesso a esses bens é promover condições para despertar para o sentido de pertencimento vindo a fortalecer os laços identitários e de autoafirmação desses grupos (FONSECA, 2005, p.41).

Todo esse patrimônio cultural, afirma Oliven (2009), está vinculado de forma direta ou indiretamente há um tempo passado que se faz no presente. Dessa forma, elementos da história são heranças que contribuíram para a formação de um povo e, por isso, torna-se necessária sua proteção (OLIVEN, 2009, p.80). Talvez, o intuito de um arquiteto medieval, ao construir uma catedral, jamais foi transformar, pelo passar dos anos, a sua obra em instrumento de consolidar uma identidade, uma nação.

A consagração daquele monumento se deu em decorrência da sua participação na história daquele povo, o qual lhe foi atribuindo significados e valores. A retirada desses bens, do lugar comum das coisas, se faz quase que instintivamente, uma vez que, imbuídos de significados por fazerem parte de uma época já distante, o patrimônio constitui um marco de resistência (LE GOFF, 1998, p. 10). Essa observação nos aponta para que os bens elevados ao patamar do sagrado pelo simbolismo mostram que existiu um passado e com ele é possível aprender para o presente. Com isso o patrimônio serve de base para as relações de poder que se estabelecem ao se construir ou esmaecer uma verdade.

Nesse sentido, o Estado começa a pensar o patrimônio como meio de afirmação nacional tomando como base elementos de um passado reconhecido e reafirmado. Posterior a essa ideia de revalorização e reverência à história, mais do que nunca, a auto afirmação como nação se fez necessária como um ânimo ao pertencimento e a nacionalidade, abalados por ocasião dos conflitos das duas grandes guerras mundiais. A noção de patrimônio como conhecemos hoje despontou entre os anos 60 e 80 do século XX, momento em que a materialidade passou a ser reconhecida como moradia de uma cultura (LE GOFF, 1998, p. 11). O que norteia a realização do palpável passou a integrar o conjunto de bens de um grupo. Nada

mais óbvio, uma vez que o conhecimento das sociedades está impresso nas realizações, direta e indiretamente, Desse modo essa inclusão sempre esteve presente, lado a lado com o papável tornando-se apenas oficial.

Na visão contemporânea, o entendimento da imaterialidade integrou o significado de patrimônio para determinar um saber, um ofício, um ritual, as práticas e domínio da vida social (IPHAN, 2019). Vemos assim a sua estreita relação com a cultura e a identidade. Distanciando-se cada vez mais da clássica percepção que compreende o patrimônio de pedra e cal como o mais relevante, entendem-se por isso também as festas, religiões, músicas, danças dentre outras modalidades do fazer humano (GONÇALVES, 2003, p. 28). Portanto, a preservação desses bens de uma comunidade é uma das formas de proteger sua memória e sua identidade, as quais são constituídas a partir de experiências individuais e coletivas vividas nesse meio.

Para entendermos uma festa de padroeiro de uma cidade do interior do Nordeste do Brasil, além do cunho religioso, nessas celebrações estreitam-se os laços afetivos dentro da comunidade, que nesses eventos se reconhecem, na maioria, como uma família.

O fator religioso também chega como uma herança (patrimônio) passada por valores familiares, que no sentido do sagrado se agregam e se misturam ao profano. Da forma que o autor apresenta a construção da sacralidade de um edifício histórico, composta pelos anos e vivências dos que atribui sua presença como parte de cada história vivida naquele ambiente, o cenário e as emoções enriquecem e conferem calor às pedras daquela construção. Assim também os anos e os acontecimentos se encarregam de fortalecer a manifestações culturais em que as pessoas, no seu meio, se veem representadas em cada ato. Incluem-se também nessa abordagem, sem a menor dúvida, as comemorações religiosas.

A festa religiosa, segundo Maria Letícia Ferreira (2009, p. 17), é a oportunidade de celebração que valoriza a vida, quebra a mesmice dos dias, estimula expressões de afeto e assim se constrói, se firma e repassa as tradições que representam o patrimônio cultural daquele grupo. A busca desse tempo passado no presente por meio da memória tem um significado muito mais amplo que a simples recordação de fatos. Esses acontecimentos estão disponíveis para o indivíduo isolado e para o grupo. É aí que se desenham os caminhos que levam à partilha do espaço dominado pelo sagrado, onde paralelamente se percebe a presença do profano que interage no mesmo momento; o que vai refletir diretamente de forma positiva na identidade

Esses acontecimentos reforçam a sociabilidade, dinamizam a memória dos grupos e confirmam suas culturas e identidades (ARAGÃO; MACEDO, 2013, p. 17). A memória, dessa maneira, consegue suspender a rotina instalada no dia-a-dia das pessoas que juntas comemoram a vida, externam seus sentimentos e perpetuam suas tradições.

O estudo da memória, dos elementos identitários e da formação da diversidade, como patrimônio, torna-se imprescindível para despertar a valorização e pertencimento desses bens culturais. Essas experiências não acontecem somente em função de um determinado evento, mas ocorrem também por influência do território e da territorialidade.

## 2.1 TERRITÓRIO

Compreendemos pela visão de Haesbeart (2007,p.40), que o território se constitui em uma visão ampla e se forma a partir de conceitos distintos formulados nas diferentes teorias sobre o assunto. A partir de sua análise podemos entender por território aquilo que possui uma demarcação subjetiva, que é construído e desfigurado de acordo com as relações de poder resultantes da participação de uma parcela variada de personagens , os quais impõem uma nova configuração para um determinado espaço à medida que passa o tempo e assim, se reformula de acordo com a contextualização social.

Dando continuidade a esse argumento, para a concepção de território, existem três vertentes, de acordo com Haesbeart. Estas englobam o termo a partir de um ponto de vista cultural, político e econômico. O território visto sob a ótica cultural tem como conotação principal a subjetividade em relação ao espaço. É nele que os grupos se apropriam e conferem significados por meio das experiências que ali acontecem ou por sua influência

É nesse momento que a identidade se mostra dando vida a este espaço, local onde acontecem as práticas das e nas manifestações culturais integrando o que se entende por território. Então, aquele espaço vivido passa a fazer parte de uma coletividade enquanto ela própria se caracteriza nele e no sujeito, enquanto indivíduo que compõe um grupo (PESAVENTO, 2008 p. 4).

Raffestin (1993) utiliza o conceito de espaço para facilitar a compreensão do território, pois, o espaço é a superfície onde se desdobram as ações que o constituem. Já o território se constrói nas vivências que se desenrolam dentro do espaço ou a partir dele (RAFFESTIN,1993, p. 44). O território se delimita a partir dos atores que ocupando o espaço o territorializa. Assim sendo, o autor de Geografia do poder (1993) induz uma discussão sobre a geografia humana, local onde se desenrolam as interfaces das relações que existem dentro dos grupos, marcando o ideal do coletivo e abrindo espaço para experiências individuais e identitárias (RAFFESTIN, 1993, p.268). O conceito de território e o de identidade se mostram lado a lado rumo ao desenvolvimento das teorias no campo das ciências sociais e assim, vêm adquirindo novos significados, ainda atuais (PERAFRAN; OLIVEIRA, 2013, p. 9). Já a territorialidade está

intimamente ligada ao sentimento de pertencer a um dado lugar, pois, segundo o conceito utilizado na Geografia apresentado por Fuini (2015, p. 166), é onde o poder toma forma e acontece. É o local de reunião, que demarca concentrações de natureza diversificada atuando como ambiente de centralização.

Numa análise baseada no conceito de Rosendahl (2005) existe uma formulação que contempla essa realidade subjetiva e integra a percepção de território. Para esse autor é no território, inteiramente impregnado pela cultura e seus elementos de representações, onde vamos encontrar o fator religião. Nesse conceito, o território é uma porção espacial com limites definidos de forma física ou subjetiva e se constitui mediante as formas da compreensão, apropriação e controle exercido por uma instituição, lideranças e grupos. É o cenário onde os sujeitos pisam materialmente e onde se firmam esses agentes (ROSENDAHL, 2005, p.12933). É importante observar a contribuição dos espaços que caracterizam grupos identitários como, por exemplo, etnias e religiões. Nesse aspecto, Raffestin (1993), coloca a religião como instrumento disponível nas relações de poder, à medida que delimita as ações do indivíduo e estabelece modelos de comportamentos (RAFFESTIN, 1993, p. 125).

Essas relações de poder, mesmo não se tratando de um fator prioritário nesta pesquisa, vale ressaltar a sua importância e participação como elemento de grande atuação no desenrolar dos fatos que aqui trazemos para a análise. Podemos citar o poder abrangente de lideranças religiosas no âmbito da cultura para a sua desconstrução. Não raro, estes desconhecem as formas e o valor das manifestações populares que nascem no terreno da religiosidade, formuladas ao longo do tempo. Em alguns casos, esses elementos estão unidos de maneira tão íntima à história das comunidades que uma faz parte e até justifica a outra.

Mediante a dinâmica cultural e transformações sociais e espaciais, pode ocorrer o que se entende por reterritorialização. Ou seja, o movimento de mudanças caracteriza esse fenômeno, o qual fomenta novos olhares e novas interpretações que vão refletir na utilização desses espaços e territórios. Percebemos a presença da vertente econômica agindo nesse processo, acrescentando valores desta ordem, junto com outros de cunho social, reestruturando o território. Nesse sentido, Haesbeart (1997, p. 39-40) aponta mais um caminho para melhor interpretarmos e compreendermos os dados desse trabalho, uma vez que a comunidade de Conceição da Feira se insere nessa perspectiva.

Do ponto de vista cultural e histórico, a cidade se liga à realidade do Recôncavo, mas, uma reestruturação administrativa por parte do Estado da Bahia para ações de fins econômicos e de planejamento, fez Conceição da Feira integrar a região de caráter mais comercial como Feira de Santana.

As consequências da intervenção do Estado, nesse caso, estariam estimulando indiretamente a desvinculação de uma identidade e pertencimento já enfraquecidos, decorrentes de fatores culturais, religiosos dentre outros que encontramos na realização deste trabalho. Assim, para melhor empreendermos uma análise social, Milton Santos (1994, p. 15) diz que mais vale observar o uso do território na prática. É aí que somos levados a perceber o resultado das mudanças que ocorrem numa sociedade no decorrer do tempo.

## 2.2 A DIVERSIDADE FORMANDO A CULTURA

No Brasil, um país dono de uma diversidade gigantesca de costumes e tradições onde a religiosidade e os festejos populares se misturam, mais precisamente numa região rica culturalmente como é o recôncavo baiano, os limites das diferenças religiosas desaparecem e todos comemoram juntos, independente do credo, as suas divindades, no mesmo espaço e na mesma festa que tem direito, inclusive a participação de filarmônicas, um costume muito presente no interior da Bahia (fig. 12).

Figura 12 . Filarmônicas se organizando em frente à matriz para o início da procissão.



Foto: Acervo de Rita Plácido Correia, 1983.

Essa pluralidade cultural, conforme citamos anteriormente, resulta do início do povoamento desde os tempos da colonização, quando formaram os assentamentos e a identidade cultural desses aglomerados. Com o passar dos anos e a mudança de valores, os quais iam sendo incorporados à cultura local, seria natural que novas formas de manifestações fossem inseridas nas práticas tradicionais durante as celebrações religiosas e profanas que dialogam

nesse contexto (Fig. 13).

Figura 13. Baianas em frente a matriz e adeptos do Candomblé participando da lavagem derramando água com perfume em frente à igreja matriz.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 14. A presença do credo africano no culto aos elementos da natureza: terra, fogo, água



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.



Conforme vemos na figura 13, esse ato rememora os tempos em que os moradores dessas localidades, numa época em que não disponibilizavam do serviço de abastecimento de água encanada, se reuniam para buscar nas fontes mais próximas às igrejas e assim realizar a limpeza do templo para o início das festividades. É possível que nesse momento incluíssem substâncias aromáticas à água para perfumar o ambiente. Isso pode justificar hoje, o uso da alfazema misturada à água que as baianas levam em seus vasos com flores e derramam no adro e na escadaria da igreja. Os participantes do evento aproveitam dessa água que, fluindo desses recipientes de barro, molham suas cabeças como forma de pedir proteção, afastar negatividades dentre outras crenças. Esses elementos (barro, perfume e flores) que compõem o rito feito hoje por pessoas do candomblé e outras apenas vestidas de baianas com trajes típicos, remete às religiões de matriz africana que cultuam também as forças da natureza como a terra, água, fogo, matas e o ar. (fig. 14).

É dessa maneira que Durkheim (1996, p. 8), ao falar sobre as formas de expressões da vida religiosa, explica o surgimento das criações humanas e diz que para entendê-las é preciso buscar suas origens e investigar aquele momento. Com base nessa conclusão do autor, reafirmamos o que dissemos anteriormente ao mostrar o patrimônio e as manifestações culturais como retratos da história de uma sociedade. Seria por assim dizer que as manifestações não nascem do mero acaso. Elas estão no presente como no passado e em constante manutenção e por isso, torna-se vital para um grupo social como sua própria existência. A partir disso fica clara a relação que existe entre pertencimento, valorização da cultura e a sobrevivência das sociedades.

### **2.3 AS IDENTIDADES**

Pelo que já vimos, os processos históricos vão moldando os grupos e conferindo a estes uma identidade, mas, Stuart Hall (2006, p. 7), nos leva a fazer uma análise a partir da teoria social moderna que discute a estabilidade social firmada pelas antigas formas identitárias. De acordo com ele, no cenário atual, essas antigas estruturas estão em processo de questionamentos e assim, perdendo sua primazia e fomentando o despontar de novas formas de reconhecimento, ao passo que mostra o indivíduo um ser fragmentado.

Expomos aqui dois conceitos que servem a essa temática, e nos ajudam a fazer uma reflexão sobre o contexto que abordamos. São as identidades formuladas a partir do homem,

sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

No primeiro caso, encontramos o indivíduo sob a forte influência das relações interpessoais. Essas relações se desenrolam no seu ambiente cultural e lhes fornecem valores e uma carga simbólica. Esse homem (o eu interior) é construído e passa por processos de mudanças ininterruptas dentro das possibilidades do seu contexto cultural (HALL, 2006, p.11). A identidade cumpre o papel de equilibrar o mundo do eu interior no universo coletivo e, por meio dela, o percebemos. É assim que os seus valores atuam fazendo parte do que somos. Ela cria o meio que nos liga às estruturas socioculturais e, nesse fluxo, se constrói um sistema de ambiente estável (HALL, 2006, p. 11-12).

Para o segundo conceito, temos como pano de fundo o contexto da sociedade atual e o homem que, até então unificado, encaixava-se de maneira confortável naquele meio onde estava inserido e que agora se apresenta com uma face mais diversa. A justificativa para isso, argumentaria Hall (2006), são as modificações nos sistemas estruturais e institucionais que estão resultando em uma identidade mais líquida, onde encontra lugar a instabilidade, a variedade e uma perda de valorização para o fixo (HALL, 2006, 12). Acreditamos então, estarmos diante de mais uma possibilidade que nos ajuda a pensar a realidade que aqui abordamos e como esta vem reformulando um novo caminho que percorre a identidade cultural da cidade, dentro do ambiente social e econômico, na visão regional e global.

Dessa maneira está se reconstruindo o homem dessa pós-modernidade, que tem por uma de suas marcas a flexibilidade cultural e sua impermanência. Ele assume uma identidade em que a sua coerência não se mostra girando em torno de um padrão aceito, pré estabelecido e uniforme. Agora se trata de uma condição múltipla, a quem recorre, mediante as variadas situações. Mesmo no sistema de partilha de uma identidade majoritária, não se deve encarar esse fato como uma verdade absoluta. Tomar essa medida como parâmetro seria o mesmo que se basear numa “ilusão”, diz Hall (2006, p. 13). Dentro desse caldeirão em ebulição, consta uma variedade de ingredientes que compõem essa receita. Outra vez, essa teoria vem somar as interpretações de fatos e questões aqui expostas. Temos conhecimento de que há um tempo não muito distante, um morador local, evangélico, contribuiu com a festa da padroeira, quando disponibilizou um boi para leiloar, revertendo o lucro para ajudar nas despesas da festa da santa católica. Hoje não há mais consenso, principalmente no ambiente católico dos moradores engajados nos movimentos da paróquia sobre a importância do culto a Maria, nas formas como se percebia anteriormente. Com esse mesmo olhar apreciam-se as formas de conceber o culto às imagens, a importância da festa da Conceição e do seu suporte material e artístico como patrimônio local.

No meio desse trajeto de aceitações, identificações e rejeições, existem aberturas que permitem uma absorção de uma identidade. Seria uma forma de identificação múltipla e seletiva bem ao ver de Hall:

Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Conforme falam Perafan; Oliveira (2013, p. 9), vamos percebendo a complexidade das relações que se abrem no tocante à identidade e ao território, dois elementos interligados que se mostram suscetíveis às questões que surgem em função do desenvolvimento.

A identidade é um elemento de caráter do território, relacionando-a com suas origens, com os modos de ocupação do espaço, com o contexto social construído e com um futuro mais solidário e interdependente. É considerado um fator de aglutinação, que reconhece e valoriza a diversidade, facilita a mediação de interesses, contribui para a coesão de princípios e para a convergência. (Prefácio do livro *Identidade e território no Brasil*. ECHEVERRI, 2009).

Com essa citação, mais uma vez evidenciamos o contexto em que se dá a manifestação sobre a qual nos debruçamos, ao vermos as novas formas de apropriação desse evento por parte da comunidade que nele insere novas formas de celebração religiosa e cultural. Existem as identidades tradicionais remanescentes de valores do passado que buscam apoio em suas memórias e lutam para manter e reviver momentos dessa natureza. Ao mesmo tempo, possibilitam uma abertura de espaço a essas novas modalidades de apropriação e identidades. A imagem a seguir (fig.15), é um demonstrativo claro dessas novas concepções. Até os anos 80 ainda era dominante o costume de usar a roupa nova no dia da festa, hoje tornou-se peça dispensável para muitos que abraçaram a camisa do evento, posta à venda pela paróquia.

Figura 15. Missa solene da festa de Nossa Senhora da Conceição do ano de 2019, onde vemos a diversificação na indumentária dos participantes.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Nem sempre as relações de pertencimento perante às formas de manifestações da cultura são mantidas quando acontecem mudanças de valores e interesses, o que está ligado a fatores endógenos e exógenos, mesmo quando se trata do fator religião. Este elemento para Durkheim (2000a), consiste em um sistema de crenças e de práticas que se justificam pela relação direta com as coisas sagradas, em torno das quais se agrupam indivíduos numa mesma comunidade moral, conhecida por igreja, de modo que todos que comungam de suas verdades se identificam como parte do mesmo universo ideológico. Ele percebe a religião como um

sistema de ideais que se torna um dos itens mais importantes dentro de uma sociedade, de maneira que suas regras compõem o sentido que agrega os indivíduos muito mais que outro elemento material (DURKHEIM, 2000a, p. 32). Já Alan Nickerson Alves (2014) diz que a religião nada mais é do que uma configuração de crenças baseado em regras, como também alerta que para conseguirmos uma melhor compreensão de como esse fenômeno retrata a sociedade, devemos primeiro buscar contextualizar suas origens.

Diante do que já discutimos, podemos entender a religião também como o substrato no qual a cultura se desenvolve, vice-versa, apesar da independência de ambas, mesmo caminhando lado a lado.

A religiosidade brasileira, no que se refere ao início do período da dominação portuguesa reflete essa contextualização quando se estabelecem as relações de poder. Tomemos para análise os personagens sagrados que vieram com o colonizador. Eles não povoaram somente as igrejas e capelas que iam sendo construídas. Estes seres passaram a habitar o universo do povo. O grande número dessas construções, erguidas para cultuar os santos católicos, importados da Europa, mostram também o intuito de transferência da fé lusitana para as terras do Novo Mundo, o que aconteceu de maneira imposta sobre um sistema elaborado de crenças já estabelecido. A tentativa de destruir as divindades dos nativos não foi diferente da intenção de desmonte do panteão de deuses e entidades que desembarcaram aqui com os africanos. Entretanto, afirma Zaccaria (2015), a parte católica da Europa que chegou ao novo mundo, não estava isenta de reflexos de uma cultura popular onde existiam ritos de cunho pagãos que foram cristianizados. Outras práticas seguiram presentes no meio do povo de forma velada e clandestina, mesmo havendo uma vigilância constante na tentativa de inibi-las (ZACCARIA, 2015, p.86). Na junção de todos esses elementos, formou-se no seio da demografia colonial a vivência de um catolicismo que se formou em nuances eruditas e populares.

O item religião é tão importante para a apropriação da consciência de ser do próprio homem que Mircea Eliade (1969, p. 10) acredita que é por meio dela que o homem busca dar sentido à vida a qual ele organiza com base em cânones, que se apoiam no sagrado e do sobrenatural.

Basta dizer que o “sagrado” é um elemento da estrutura da consciência e não um estágio na história da consciência, o mundo deve ter um sentido para o homem, pois o mesmo não pode viver no “caos”, é provado que nos níveis mais arcaicos de cultura, viver como um ser humano é em si, um ato religioso, pois a alimentação, vida sexual e trabalho possuem um valor sacramental, por outras palavras, ser ou tornar-se um homem, significa ser religioso. A vida humana adquire sentido ao imitar modelos paradigmáticos revelados por seres sobrenaturais. A imitação desses modelos constitui uma das características primárias da “vida religiosa”, que é indiferente à

cultura ou à época (ELIADE, 1969, p.10).

Ao reunir o conceito de religião em diferentes pontos de vista, Damião (1982), demonstra a sua atuação atrelada ao que se entende por cultura uma vez que a religião age no indivíduo como um código que caracteriza comportamentos <sup>3</sup>. Já religiosidade, de acordo com Alves (2014), são as ações de um indivíduo, decorrentes da sua relação com o que ele percebe de forma exterior, algo que possui o sentido sagrado. Eliade (2001, p. 20), no entanto, mostra que o sagrado frente ao profano está como os dois lados de uma mesma realidade que é o fenômeno religioso. É então que surgem as formas distintas de lidar com a sacralidade das entidades.

---

<sup>3</sup> Definições do fenômeno religioso fornecidas por Damião: Definição filosófica: é o reconhecimento prático da dependência do homem para com Deus, instituição social com crenças e ritos, respeito e uma regra. Definição etimológica: é originada do termo latino religioso, que significa „fidelidade ao dever, lealdade, consciência do dever, escrúpulo religioso, obrigação religiosa, práticas religiosas“. Definição sociológica: é uma instituição social criada em torno de ideias de um ou vários seres sobrenaturais e de sua relação com os homens, incluindo-se misticismo e práticas de feitiçaria negra. Definição eclética: conjunto de doutrinas que oferecem algum meio de relacionar o indivíduo aquilo que é considerado ser a realidade. O reconhecimento da existência de algum poder na conduta da vida a manifestar-se por meio de atos especiais como ritos, orações, misericórdia, etc., como meio de cultivo à atitude religiosa. É um sistema de crenças que estabelece e regula relações entre os seres humanos e as divindades. Definição genérica: sistemas de qualquer ideia, de fé e de culto como o caso da fé cristã. São crenças e práticas organizadas, formando algum sistema privado ou coletivo, mediante o qual uma pessoa ou grupo de pessoas são influenciados. Também é definido como qualquer coisa que ocupe o tempo e a devoção de alguém, ou grupo de comungantes que se reúnem regularmente para efeitos de adoração, criando um conjunto de doutrinas que oferecem algum meio de relacionar o indivíduo àquilo que é considerado ser a realidade. Definição geral: religião é um serviço ou culto a Deus, ou a uma divindade qualquer, expresso por meio de ritos, preces, observância do que se considera mandamento divino. É um sentimento consciente de dependência que liga a criatura ao criador. (DAMIÃO, 2003, p. 2)

Dentro dessas formas de convivência, desponta a religiosidade popular que toma, até certo ponto, um distanciamento da religião formal institucionalizada, que em suas manifestações tanto enriquecem a cultura (fig. 16 e 17).

Figura 16. Porta estandarte à frente do cortejo da lavagem.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Esse fenômeno encontra explicação nas palavras de Alan Alves (2014), que o mostra como uma relação pessoal com o sagrado, onde acontece uma interpretação própria, porém, essa liberdade possui seus limites.

Figura 17. Representação da religiosidade de matriz africana integrando o cortejo das baianas na lavagem.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Isso não se trata de uma abertura deliberada e permitida pelos meios oficiais, para que dessa forma se estabeleça uma relação própria e independente com as divindades. São essas criações que despontam a partir da instância cultural e que resultam dos seus inúmeros processos formadores. Para contextualizar esse fenômeno citamos aqui um exemplo de práticas, muito comum no Brasil colônia: faziam-se as representações das imagens dos santos compostas com joias, mantos e demais peças da indumentária; essas vestes eram elaboradas com tecidos finos, ricamente ornamentados, que os devotos ofereciam. Quanto mais abastados eram esses fiéis, maiores e melhores se constituíam esses presentes, os quais constavam também de imóveis e grandes extensões de terras como doações, dentre outros objetos (fig. 18) .



Figura 18. Prata dourada. Coroa da imagem de Nossa Senhora da Conceição. Acervo da igreja matriz.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Lembramos que essas doações passavam a integrar as propriedades da igreja. Essa relação direta com o santo, segundo Oliveira (1985, p. 113) configura uma troca de favores ou acordos “celebrados” diretamente entre o fiel e aquele personagem, em uma relação estritamente pessoal, mediante sua intervenção sobrenatural em determinada situação.

Temos, na atualidade brasileira, as romarias tradicionais em alguns lugares do Nordeste, e locais de peregrinação espalhados pelo país, como na cidade de Aparecida em São Paulo, para onde milhares de fiéis deslocam-se a fim de reverenciar um dos componentes desse universo sagrado, Nossa Senhora Aparecida. Alguns levam consigo objetos que aludem a uma graça alcançada, por intermédio da santa. Nessa abordagem, segundo Durkheim (1996), percebe-se a religião e as manifestações de caráter religioso como fator intimamente ligado à cultura (DURKHEIM, 1996, p. 8).

É como mostra o argumento de Silva (2003, p.36-37) , que apresenta o seio da religião, como lugar privilegiado para a criatividade das manifestações da cultura popular, a qual se constrói nas diversas possibilidades que se apresentam em oportunidades de ação dos saberes locais. Levando em conta o movimento natural que confere vida à cultura e que pode influenciar as manifestações religiosas, não se pode estranhar a reformulação dos valores vinculados à religião e à religiosidade. Para estes, existe a possibilidade de serem observados como uma apropriação cultural que influencia as formas de vivenciá-los.

As transformações que surgem neste âmbito têm sido, dentre outros motivos, um ponto de partida para o entendimento das formas atuais de desempenho dessas práticas, que são movidas pela individualização e inconstância (SILVA, 2003, p.32). Essas mudanças ocorrem também por influências do pressuposto de que alguns rituais do catolicismo e das religiões protestantes possuem certas semelhanças, diferindo-os pelas experiências e pelo recrutamento do que é sacralizado (2003, p. 36).

Por outro lado, a diversidade nas formas de religiosidade demonstra bem o que Brandão (1986) conclui em seu estudo: a religião não se restringe somente à manutenção de um sistema social, de organização e domínio. É nesse espaço de poder que se dão as manifestações de insatisfações (BRANDÃO, 1986, p. 297-298). Partindo dessa perspectiva, as formas de expressões religiosas populares estariam legitimadas como meio de fazer subsistir uma cultura implantada no oficialismo da religião.

Esse argumento estaria de acordo com os fatos que apontam para as formas distintas e inesperadas de tratamento destinado a elementos que suportam a religiosidade e a cultura ao mesmo tempo. Então, a relação com as representações do sagrado (iconografia desses personagens) se mostra uma fonte de informações a respeito da comunidade que lhes presta culto. Desse modo, essas imagens e demais obras de arte sacras, representam a religiosidade e refletem um pouco da sociedade local.

É possível que a situação econômica daquele povoado onde e quando se originou Conceição da Feira, não fosse tão tímida, pois, é fato comprovado que alguns moradores da região daquele momento, gozavam de uma situação financeira abastada. Desde o tempo da capela inicial da fazenda Saco com a família Aragão e mais tarde, com o casal Antônio Fernandes da Costa e sua esposa, essa realidade se reflete em alguns de seus atos. Isso atesta a encomenda de uma nova imagem da padroeira para ocupar o nicho central do retábulo mor. Essa obra, ao que parece, saiu das mãos de artistas que trabalhavam em um dos ateliers da capital onde eram produzidas esculturas eruditas as quais se diferenciavam do padrão da policromia tradicional conforme detalhamos no capítulo 3.3.

Também o interior dessa igreja, apesar de singelo, demonstra na talha dourada dos seus três retábulos primitivos, o emprego de mão de obra qualificada (fig. 19). Tudo isso nos leva a crer na possibilidade de participação de pessoas do lugar que custearam esse trabalho.

Figura 19. Volutas, laços, ramagens e ânforas. Detalhe da talha dourada no coroamento do retábulo mor.

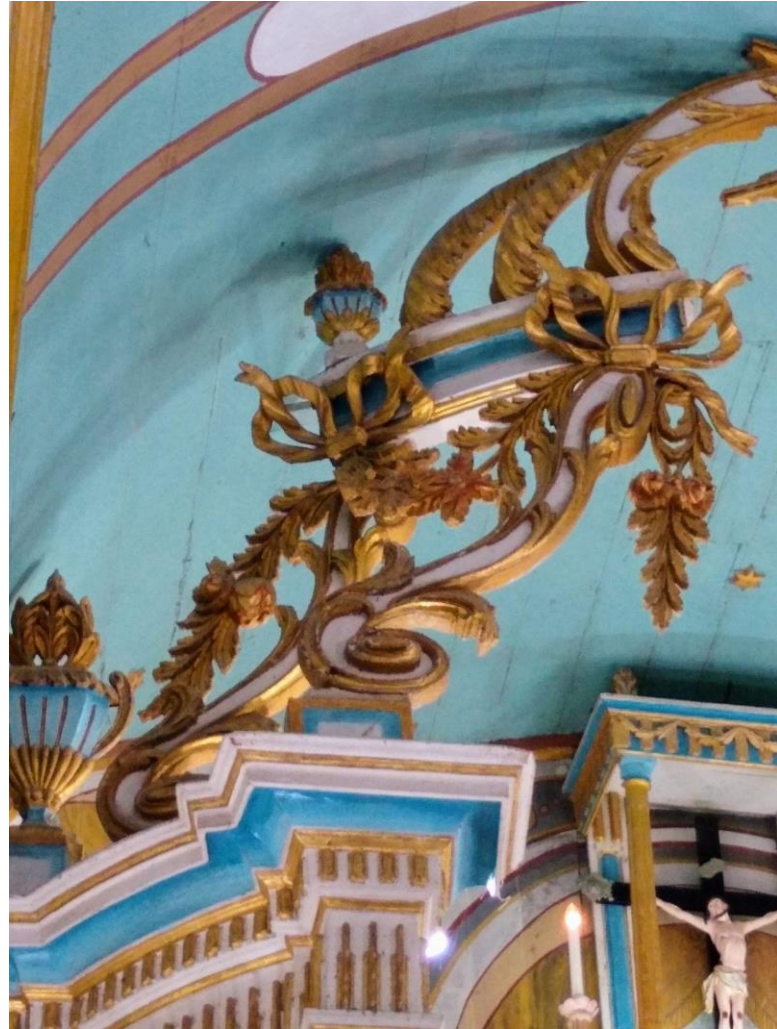


Foto: Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Retomando a discussão de Brandão (1986), a tirania da visão etnocêntrica do colonizador português, aliada a vários outros fatores de ordem social, econômica e regional, fez surgir um catolicismo popular que foi tomando formas e absorvendo componentes da cultura indígena e africana e assim resultou como mais uma das várias faces da cultura brasileira com suas singularidades.

A Igreja Católica com sua doutrina, regras e dogmas firmados, em contato com essas culturas, contribuiu de forma indireta com elementos para que, diante do panorama que se formou nos tempos da colonização, construísse o espaço onde despontaria uma realidade mais flexível e criativa.

Esse fato se comprova nas palavras de Alan Alves (2014), ao dizer que a religião popular toma faces distintas, numa interpretação mais acessível de valores e credos que se distancia da sua versão clássica, a qual acredita possuir o controle dessas vivências (fig.20).

Vale então falar de uma realidade possuidora de um caráter paralelo, que existe muitas vezes dentro do catolicismo popular, o qual, não raro, entidades e ritos encontram similaridades no meio evangélico. Existem relatos de que membros de igrejas protestantes também procuram na clandestinidade, atendimento espiritual em terreiros de Candomblé.

Figura 20. Vasos de barro que mostram as contribuições da cultura indígena e africana.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

É, pois, mais uma manifestação da religiosidade que se mistura a diversidade de costumes, crenças e tradições e reflete nas formas peculiares de como acontecem muitos festejos religiosos no Brasil. Encontramos com isso, o perfeito resumo dessa realidade na afirmação de Sanshis: “Há religião demais nessa religião” (SANSHis, 1992, p. 33). Nessa forma de vivenciar a fé, o limite das diferenças religiosas, de certo modo desaparece e todos comemoram juntos, independente do credo que professam, suas diferentes divindades na

mesma festa. Fato que muito bem descreve as palavras de Altemeyer Júnior:

O catolicismo soube resistir, mostrar a sua força popular como um rosto próprio da fé em Deus nos interiores do Brasil. Ele se mesclou com as festas, as comidas, as danças, as culturas indígena, negra e portuguesa, criando um rico mosaico (ALTEMEYER JÚNIOR, 2018, p. 22).

Podemos entender então que a religiosidade popular é uma realidade espiritual, que não se limita apenas do ponto de vista histórico e sociológico (PASSOS, 2009, p.3). Desde o Brasil Colonial, os atos e preceitos religiosos tinham também um cunho social, como batizados, casamentos, funerais etc, onde os membros das comunidades interagiam nessas práticas. Observa-se com isso, o importante papel desenvolvido pela religião Católica nas terras do Novo Mundo (SILVA, 2011, p. 183). Desse modo, seria inevitável que a religiosidade não afetasse o cotidiano e os costumes desses locais que iam se construindo majoritariamente em torno das edificações religiosas.

Como nos fala Geertz:

Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida (GEERTZ, 2008, p. 67).

Se a religiosidade era uma das bases, senão a principal que mantinha coeso esses grupos, a dependência dos favores celestes, muitas vezes era a saída para todo tipo de problema que afligia a população. Essas dificuldades, em sua maioria, resultavam da escassez de acesso aos mais diversos tipos de recursos negados, geralmente por estarem a longas distâncias dos grandes centros e, não obstante, por divisões de classe social e econômica. O poder sobrenatural que se acessava por meio da religião, seria misturado ao modo de vida dessas comunidades, até mesmo nas atividades lúdicas, justificando assim a presença da religião nos elementos da cultura local.

Os santos de devoção, principalmente os padroeiros dessas localidades, eram personagens integrantes da vida dessas pessoas. Conforme Lima (2018, p. 3), as imagens representativas desses santos que figuravam nas capelas de fazendas e das igrejas dos povoados eram testemunhas e partes ativas no transcorrer diário das experiências particulares e coletivas dos fiéis. Ressaltamos ainda que nesse contexto, os santos se faziam presentes no meio doméstico, em locais destinados a eles nos oratórios.

Figura 21. Convite para evento em prol da festa, 1947.

**TEATRO**

9 — DE MARÇO DE 1947 — 9

**NÃO PERCAM**  
o festival pelas senhorinhas desta cidade, em benefício  
da festa de N. S. DA CONCEIÇÃO

DRAMA EM 3 ATOS

**O PAINEL DA SANTÍSSIMA VIRGEM**

PERSONAGENS:

Matilde, mãe de Terezinha . . . . .	ALMERINDA PIRES
Terezinha, menina de 8 anos . . . . .	CONCEIÇÃO DUARTE
Senhora Sinforosa, velha proprietária . . . . .	ANITA SANTOS
Eustáquia, criada de Sinforosa . . . . .	ANINHA PLACIDO
Marta, amiga de Matilde . . . . .	VALVETE ALVES
Srta. Ana Robert . . . . .	MARIA PLACIDO
Lucia	ANA OLIVEIRA
Constança { alunas	ELEUSINA BITTENCOURT
Inez	MIRIAM TELIA

**ALGUMAS VARIEDADES**

**A ESMOLA DO POBRE**  
(poesia) por ALMERINDA PIRES

COMEDIA

**"NEM UM NEM OUTRO"**

PERSONAGENS:

Sr. Marques, fazendeiro . . . . .	VIVALDO MASCARENHAS
D. Umbelina, esposa de Marques . . . . .	ANITA SANTOS
Pombinha, filha do casal . . . . .	ALMERINDA PIRES
Terto, matuto, sobrinho de Umbelina . . . . .	CARLITO BOMFIM
Carlos, medico, afilhado de Marques . . . . .	FELIX BITTENCOURT

**FORMIDAVEL BAILADO, dedicado aos Conceiçãoenses**  
PELAS SENHORINHAS: — ANINHA PLACIDO, ALMERINDA PIRES.  
ANITA SANTOS E ANA OLIVEIRA

Foto: Cyro Mascarenhas, 2020.

Figura 22. Cartaz de evento em prol da festa, 1954.

**NO CINE-TEATRO CONCEIÇÃO**

Um grande festival em benefício da festa de  
**NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO -1954-**

No palco por um grupo de senhorinhas desta cidade será levado o drama sensacional «ODIO PAGÃO E AMOR CRISTÃO» que merece o apreço do povo desta boa terra pelo fim a que se destina. Convida-se o povo de Conceição, em geral, para o drama no dia 30 de Novembro, ás 20 horas, acompanhado o seguinte

— PROGRAMA —

1.ª PARTE

**ODIO PAGÃO E AMOR CRISTÃO**  
(DRAMA EM 4 ATOS)

ISABEL — pagã, avó de Margarida . . . . .	Prof.ª Maria Lucia Placido
MARGARIDA — pagã . . . . .	Prof.ª Siela Bittencourt
MARIA — cristã amiga de Margarida . . . . .	Aninha Bittencourt
LUISA — neta de Isabel . . . . .	Eunice Bonfim
LEONOR — pagã, mãe de Margarida . . . . .	Anita Santos
IRMã BEATRIZ — catequista . . . . .	Prof.ª Terezinha Almeida
HEIDA — sacerdotisa pagã . . . . .	Zilda Maciel
SELMA — pagã . . . . .	Zilda Maciel
DUAS GAROTAS PAGãs . . . . .	Terezinha Santos e Déjacy Oliveira

2.ª PARTE

ATO VARIADO

**"AS PRAIAS"**

AMARALINA . . . . .	Déjacy Oliveira
RIO VERMELHO . . . . .	Madalena Costa
ITAPAGIPE . . . . .	Raimunda Costa
ITAPARICA . . . . .	Terezinha Santos
BARRA . . . . .	Maria José Costa

**"TRANCOSO E MIQUILINA"**  
Pelos garotos Aldemira Ferreira e Osmar Ferreira

**"A MULATA E O VELHO"**  
Por Terezinha Santos e Déjacy Oliveira

3.ª PARTE

**"A MANDINGA"**

BARDUINO — marido de Pelonha . . . . .	Vivaldo Mascarenhas
PELONHA — mãe de Pombinha . . . . .	Anita Santos
POMBINHA — namorada de Janjão . . . . .	Aninha Bittencourt
JANJÃO . . . . .	Omar Bittencourt

4.ª PARTE

**"BAILADO DOS ZINGAROS"**  
Dedicado á respeitosa plateia, por Aninha Bittencourt e Adalton Oliveira, Zilda Maciel e Manoel Brandão, Maria José Costa e João Placido, Raimundo Costa e Antonio Pinheiro

A Comissão da Festa de Nossa Senhora da Conceição, espera confiante na cooperação de todos desta boa terra.

Foto: Cyro Mascarenhas, 2020.

Os festejos religiosos movimentam esses aglomerados, com destaques para as celebrações do santo de maior devoção, geralmente o padroeiro onde toda a comunidade se envolvia e ainda se envolve, nos eventos em prol da festa conforme mostram fotografias acima (figs. 21 e 22) e também nos preparativos das celebrações (fig. 23 e 24).

Figura 23. Preparativos para a procissão. Limpeza do andor. Figura 24. Caixa de fogos de artifício para a alvorada



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Eficaz como fonte histórica, podemos dizer, conforme afirmação de Jurkevics (2005), que existe um grande potencial de investigação nessas festas que comportam e revelam um sistema de crenças e modos de vida delimitados por uma cronologia e pela identidade (2005, p, 74). Assim, podemos chegar a dados a respeito do contexto que propiciou o surgimento das manifestações, o espaço e o tempo entre o início e o momento atual registra a trajetória do evento, dos envolvidos, as mudanças na sociedade, construção e a transitoriedade dos valores.

As figuras 21 e 22 representam o potencial informativo sobre o envolvimento da comunidade da época e a forma de interação no evento. Nota-se pela linguagem exibida no cartaz, a evidente familiaridade entre eles.

Com a popularização do uso da camisa da festa, conforme mostra a figura 25, as referências de classes tomam um novo significado e partem para uma forma diferente de existir, democratizando a indumentária de maior requinte que no passado se fazia a partir do poder econômico de cada um.

Anteriormente citamos que a religião era um meio de interação social e nada melhor que um

momento festivo para propiciar a socialização na comunidade sob a égide do sagrado. Essa ligação percebida por Berger (1973,) nos faz pensar na formação cultural brasileira que abraça influências de credos de diferentes percepções e na configuração de muitas destas festas em honra promovidas pelos devotos. Quando ele diz que a festa tem o poder de reconciliar as coisas no meio sagrado e no profano, encontramos o sentido dessa afirmação nessas manifestações conforme mostram as figuras 25 e 26.

Figura 25. Uso da camisa da festa durante o novenário.



Foto. Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.



Essa realidade de convivência sincronizada se observa nas inúmeras festividades populares brasileiras onde se vê representada a sociedade em diversos seguimentos. (ABREU, 1998, p. 43). Assim, seria a festa também um lugar de demarcação e demonstração de papéis sociais.

Figura 26. Presença de pessoas fantasiadas.



Figura 27. Fantasia.



Fotos: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Tomemos como exemplo o Recôncavo, um espaço onde a riqueza cultural aflora nas múltiplas faces da religiosidade como mostram as figuras 26 e 27. É marcante a mistura entre o erudito e o popular, o sagrado e o profano, os santos católicos e os deuses do candomblé com os espíritos dos caboclos habitantes das matas, marcado historicamente pela forte presença africana e indígena. Os engenhos de açúcar presentes nessa região favoreceram a presença da mão de obra escravizada e o contato com os verdadeiros donos da terra, ambos, possuidores de cultura e religião distintas. Desse modo, seria impossível que o resultado da interação entre essas camadas sociais e culturas distintas da coexistindo no seio da população, mesmo aquela que vivia à margem da sociedade, não deixasse a sua marca no transcorrer da vida colonial.

Quanto à mistura de religião e magia, Durkheim já observava essa via de mão dupla no mesmo sistema, porém, Alves (2017, p.7) diz que a magia, diferente da religião, não efetiva o papel social coletivo.

Com o passar dos anos, as transformações sociais e os valores que vão sendo incorporados à cultura, é natural que novas formas de manifestações sejam inseridas às práticas tradicionais durante essas celebrações religiosas paralelas às profanas, de acordo com o que vemos na figura 28. Observamos nesse bloco de rapazes trajando roupas femininas, a ausência da clássica xaranga, composta por instrumentos de sopro e percussão dando lugar a potentes aparelhagens de som conhecidas por paredões.

O movimento constante que ocorre no meio seio da cultura possibilita esses acréscimos e assim a mantém. Quem poderá dizer que a transmissão desses valores e dessa afetividade, passados através das gerações não age nesses indivíduos, sacralizando os elementos da sua identidade?

Novamente citando Geertz, a cultura é possuidora de um padrão complexo de significados os quais são incorporados em simbologias e concepções transmitidos através do tempo onde acontece a comunicação, a perpetuação e desenvolve o conhecimento e atividades em relação à vida (GEERTZ, 2008, p.66).

A irreverência também é uma presença marcante nesses momentos como vemos nas figuras 28 e 29. A cada ano em que se repetem os atos de determinada comemoração, eles, em sua essência, estão disponíveis para todos, porém, cada um possui sua própria vivência e lhes atribuem significados próprios dentro daquele universo. Esses eventos desempenham assim a função de ambientes de memória e criam um espaço propício para despertar o sentimento de pertença.

Figura 28. Bloco Os devassos participando dos festejos no dia da lavagem.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Essas adições que se somam no transcorrer do tempo fazem uma forma de manutenção sem, contudo, perder a sua essência ou aniquilar o seu momento histórico, porém, esses elementos adicionais, uma vez valorizados ou não dentro das manifestações, podem ter o caráter de medidor do grau de pertencimento daquele grupo para com os seus bens culturais. Se existe uma identificação por parte dos indivíduos e, estes, tendo um conhecimento do que possuem, tudo o que for estranho ao que é compreendido por aquele bem, será desprezado ou levado à marginalidade dentro daquela manifestação. É aí que se percebe o estranhamento que se instala acerca de uma visão contraditória, dentro de uma religião marcadamente conhecida pelo uso de símbolos iconográficos. A repulsa quanto ao uso das imagens dos santos por parte de alguns padres católicos, reflete o despreparo de muitos em lidar com as questões culturais que existem na vida das paróquias, principalmente, em ambientes mais tradicionais.

Figura 29. Pessoas fantasiadas de demônio. Lavagem 2019.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Um artigo intitulado “A arte sacra e a liturgia”, de Gabriel Frade (2012 p. 55- 57), faz um levantamento de dados que podem justificar também essa rejeição ao considerar o fator educacional no Brasil, seja no âmbito eclesial ou das instituições básicas de ensino no que tange às artes. O autor apresenta alguns fatores dentre os quais figuram a qualidade deficitária para essa questão. O fator econômico da sociedade que, na crescente perda do seu poder econômico voltaram suas prioridades para setores mais urgentes. A situação em alguns países latino-americanos ainda no século passado, necessitava de uma maior assistência social e assim, ocasionou o surgimento da Teologia da Libertação. Assim, uma parte da Igreja Católica se volta mais para a valorização dos programas sociais, mesmo essa vertente não desprezando na totalidade dos casos, a presença da obra de arte no seu meio, porém, alguns de seus seguidores viam na forma artística uma maneira de continuação do poder elitista. A partir dessa concepção, a obra artística passa a ser vista como algo a ser execrado dos locais de celebrações, entendimento que veio somar forças à ala iconoclasta dentro da Instituição.

O crescimento de correntes que se afastam das práticas e ritos tradicionais de culto,

onde os elementos clássicos da doutrina são deixados de lado, tornou-se uma realidade que vem ganhando adeptos e com isso, nota-se uma identificação com os ambientes e com a doutrina protestante. Esta prática ficou evidente na vida paroquial de Conceição da Feira, no transcorrer de sete anos entre 2005 e 2012, quando se instalou essas diretrizes. Nesse período, não faltaram episódios inusitados em torno do culto às imagens e demais ritos que tivessem um caráter mais tradicional, afetando diretamente os atos que envolviam a festa da padroeira. O descarte dessa ritualística abriu espaço a novas formas de culto, que em muito se distanciaram do que a comunidade estava familiarizada. Finda essa administração, se instala uma nova voltada para a Renovação Carismática Católica (RCC), onde as características das celebrações neopentecostais imprimem nova roupagem à paróquia.

Em meio a todas essas inovações dentro do catolicismo, percebe-se que algumas manifestações religiosas ainda persistem atravessando os anos como vemos exemplos Brasil afora. Citamos aqui a festa do Círio de Nazaré no norte do país, a festa de Nossa Senhora Aparecida no sudeste, Bom Jesus da Lapa no nordeste, e outras de menor visibilidade mas, nem por isso menos importantes.

No Nordeste, principalmente, no Recôncavo da Bahia as festas dos santos padroeiros das comunidades possuem um caráter misto de religiosidade, tradição e elementos da cultura local

que se firmaram ao longo dos anos. Esses itens se misturam e dão formas às feições de muitos desses festejos. Talvez resida aí o que impulsiona tais celebrações: a cultura entrelaçada à religiosidade popular. No caso de Conceição da Feira, mesmo com uma grande modificação, a festa da Conceição ainda persiste como um marco religioso e vem, após um longo período de interrupções, despertando na cidade o seu interesse como uma comemoração que possui também o caráter cultural. O ápice da festa acontece no feriado municipal de oito de dezembro, quando pessoas que residem fora, mesmo em número reduzido, ainda se movimentam para se fazerem presentes na cidade.

No passado era comum fazer roupa nova para a festa: uma para a missa solene que acontecia às dez horas e quem podia, usava outra para a procissão no final da tarde. Por quase duas décadas, a celebração eucarística passou para as 18h do dia 8 e a procissão para a tarde do dia seguinte. A programação da festa nem sempre priorizava o término no dia da santa, principalmente se o feriado caísse durante a semana. Possivelmente como um meio de prolongar os dias festivos.

O cortejo da procissão seguia com várias imagens presididas pelo andor da padroeira conduzido pelas figuras ilustres da cidade que se diferenciavam dos demais, pelo uso de uma

capa sobre os ombros na cor azul (Fig 30 ). Ao longo do percurso somavam-se a estas um grande número de pessoas e todas, conforme suas possibilidades, se faziam presentes usando sua melhor roupa. É o que muito bem ilustra a figura 31, em que uma mulher usando lenço na cabeça integra-se ao grupo de pessoas trajadas de modo a demonstrar os diferentes segmentos econômicos e sociais. A Partir das transformações pelas quais vem passando a sociedade, demarcações como essas deram lugar a uma participação mais abrangente e acessível.

Figura 30. Saída do andor da padroeira da garagem. 1983.



Foto: Rita Plácido Correia, 1983.

Essas observações demonstram a chegada de novos olhares para certos valores do passado , ainda que as hierarquias nos lugares sociais se mantenham de outras formas. Dentro da festa se destacam essas relações que se revelam nos cargos que ocupam os componentes da comissão organizadora. Se para isso, o destaque não se dá pela posição social, na ausência do status, o cargo, ainda que de caráter transitório, lhes impõe.

Figura 31. Representações das camadas sociais nas diferentes formas de vestir.



Foto: Rita Plácido Correia, 1983.

Durante a pesquisa descobrimos, que a maioria dos nomes que compunham a comissão de organização da festa era feita por algum morador de vulto da cidade. Não raro, o andor com a imagem de Nossa Senhora da Conceição saía da casa do presidente da festa pronta para a procissão (fig. 32). Quando, por questão de localização, a casa situava-se distante da igreja, o trabalho de ornamentação era feito na garagem do casarão dos Mascarenhas Cardoso, situada na praça da matriz. Tivemos informações que acontecia também da imagem sair da igreja, porém, não era comum. Inusitado também foi o fato ocorrido nos festejos de 1980. Neste ano, a santa saiu da residência do Sr. Antônio Alves Serra, dono da extinta granja galo de ouro, que ficava a alguns quilômetros do centro da cidade. De lá, a imagem seguiu em carro aberto com pequenos figurantes vestidos de anjos, até a matriz, dando início à procissão.

Figura 32. Andor da padroeira produzido na residência do Sr Arnold Almeida, quando presidiu a equipe organizadora da festa.



Foto: Acervo da família Pereira, s/ d.

Mesmo com as transformações que a diversidade de credo ou com novas visões que surgiram dentro da igreja Católica, ainda hoje a presença da imagem na casa de alguns moradores causa contentamento. Presenciamos uma dessas reações, como ocorreu na festa do ano de 2020. Visivelmente emocionada com a chegada da imagem da santa em sua casa, Dora Cardoso, que ofereceu sua casa para que ali fosse preparado o andor naquele ano (adaptado a um carro por questões da pandemia) aos gritos, ela chamou o marido: “Zezinho! Venha receber Nossa Senhora!”.

Toda essa carga emotiva encontra também o embate entre os que percebem a imagem como um mero artefato ou algo inadequado para os dias atuais. Para outros, ela representa um recipiente onde guardam suas memórias afetivas junto com a sacralidade religiosa.



### 3 AS IMAGENS NA IGREJA CATÓLICA

As representações pictóricas de Cristo e dos primeiros mártires da Igreja Católica que sofreram com a perseguição do Império Romano, já faziam parte do cenário ritualístico nos primeiros séculos do cristianismo. O papa Gregório Magno (540- 604), já estimulava a arte como ferramenta didática. Ele mesmo, segundo Frade (2012, p. 54) se referia à arte cristã como a bíblia dos pobres. Desse modo, o uso das representações iconográficas se tornou um meio de atingir o entendimento dos fiéis, em geral analfabetos.

Mediante a adoção da nova fé pelo antigo Império, a difusão do culto se estendeu para além dos mártires e chegou até membros do clero, religiosos e peregrinos que em vida, abraçaram a conduta cristã, sem que passassem pelo testemunho do martírio sangrento nas arenas. Para efetivar o destaque daquele personagem era necessária apenas a confirmação de suas virtudes por parte dos fiéis. Essa modalidade de canonização foi bastante usual no transcorrer da idade média, o que favoreceu a criação de um número vultoso de santos (RIBEIRO, 2000).

Já no século XII, a tarefa de legitimar e oficializar novos santos, restringiu-se aos papas com o intuito de pôr limites aos excessos. Nesse momento, se estabelecia a composição iconográfica oficial daquele personagem para assim, ocorrer sua identificação nas composições em que fossem retratados (RIBEIRO, 2000).

Muitas obras de arte concebidas dessa temática com a função de culto, compreendendo assim o que se entende por arte sacra (COSTA, 2011, p.37), foram destruídas durante a reforma iniciada por Martinho Lutero no século XVI, e, para organizar essa parte da doutrina Católica, durante o Concílio de Trento, realizado nessa cidade italiana em 1546, editou-se as regras para esse item (MONFORT). Entre as deliberações promulgadas nesse evento, ratificaram o uso das imagens como um artifício difusor dos textos sagrados e da doutrina, de maneira que essas representações artísticas se constituíam em veículo de apelo à fé, por meio dos sentidos e da emoção (Freire, 2009).

Um escrito do século XIII, mostra que a discussão em torno do uso das imagens dentro da Igreja Católica esteve em pauta desde muito tempo, pois, nesse documento de autoria de um Frei identificado pelo nome de Boaventura, explica de forma clara a razão da presença dessas obras nas igrejas aceitas pela Instituição. Ele aponta a ínfima presença

intelectual nas massas, que indispondo dos meios de acesso à leitura, por meio da visualização de uma pintura ou escultura, traduziria melhor a mensagem. Junto a essa justificativa estava a impermanência do discurso proferido, diante da fixação na memória do que poderia ser visto, aliado a eficácia do dispositivo imagético para animar os sentidos (RIBEIRO, 2000, p. 3).

A agitação que se instaurou no mundo católico em virtude da reação a esses questionamentos, gerou a Contra Reforma e assim, garantiu chegar às terras mais distantes conhecidas e dominadas pela Europa, em consequência da expansão marítima, os dogmas retratados nas obras de arte como objetos de culto e de catequese (FAUSTO, 2010 p. 36). Nesse contexto tem início a arte sacra católica brasileira.

O catolicismo no Brasil Colônia, sem dúvida desempenhou papel decisivo quanto à forma de ocupação das terras de domínio português na América, que abrangia dimensões continentais. Nos núcleos que pouco a pouco se formavam, sempre se fazia presente ao centro, como marco da presença da coroa e da igreja, a edificação de uma capela. Nesses recintos realizavam-se as cerimônias religiosas e também onde se cultuavam as imagens dos santos. As primeiras imagens que chegaram aqui vieram da metrópole, logo nos primeiros anos de povoamento. Segundo Pêpe (1999 p.34), mais tarde, essas obras passaram a ser produzidas aqui, confeccionadas em argila pelos religiosos que chegavam com os portugueses, os quais também treinavam pessoas das comunidades locais para exercerem esse ofício.

Gradativamente, os aprendizes desses mestres religiosos assimilam seus ensinamentos e, com o passar do tempo, recriam essas iconografias em leituras próprias, algumas de acordo com a realidade local e assim, produzem obras mais livres da rigidez conventual (FAUSTO, 2007, p.42). Com o desenvolvimento e expansão das comunidades, são edificadas novas igrejas e residências. Surge então uma grande demanda por essas imagens, e, junto com outras que continuaram a chegar do reino (Portugal), eram usadas para o culto e para adornar esses locais (OLIVEIRA, 2005, p.15).

Pêpe (1999, p. 34), afirma que com o passar do tempo, as imagens modeladas na argila, deram lugar às que passaram a ser confeccionadas em madeira, sendo o gênero Cedro (*Cedrella spp.*), presente em abundância nas matas tropicais, como a matéria prima preferida pelos escultores do momento. A escolha por esse tipo de madeira se relacionava diretamente às suas qualidades de aparência, trabalhabilidade e resistência ao ataque de insetos xilófagos. Suas fibras retas e macias facilitavam o trabalho do escultor e proporcionavam um

acabamento de qualidade superior. Somava-se a essas características o perfume agradável e inconfundível desse suporte. Outras madeiras como o louro, canela, pau-de-lacre, dentre outras foram também utilizadas para a confecção dessas esculturas (COELHO, 2005, p.235). A essa lista, Pêpe (1999, p. 34) acrescenta o jacarandá, peroba rosa, vinhático, sucupira e a madeira do tronco do jenipapeiro.

Finalizada a escultura, a imagem seguia para a etapa de preparação para receber o douramento e policromia. Esse processo iniciava com aplicação de uma camada de cola de origem animal (encolagem) que depois de seca, recebia várias camadas de uma mistura feita com esse mesmo tipo de adesivo ao qual se adicionava um tipo especial de gesso, a fim de corrigir as imperfeições da superfície, calafetar as emendas dos blocos e deixar a imagem apta para receber as folhas metálicas, a policromia, carnação e demais decorações.

Para o douramento, empregavam-se folhas de ouro muito finas sobre toda indumentária do santo, onde aplicava-se a tinta, geralmente têmpera a ovo ou óleo, permitindo uma decoração mais elaborada feita a pincel e com o uso do esgrafiado. Para isso o artista traçava linhas formando vários padrões sobre a camada de cor com o auxílio de um instrumento pontiagudo que trazia à mostra o brilho dourado (FAUSTO, 2007 p.44). Com a decrescente produção das minas do metal precioso, o uso do douramento ficou restrito apenas a partes específicas das imagens, na técnica conhecida como reserva.

Observando esses processos envolvendo as práticas religiosas no Brasil, cada uma se constitui em fontes de pesquisa para entendermos alguns aspectos da vida social, econômica e política da época. Assim, o produto da arte sacra católica produzida no nosso passado representa um registro de informações de aspectos múltiplos. Infelizmente as documentações referentes à maioria dessas obras se perderam, deixando uma lacuna para o pesquisador que muitas vezes vasculham os acervos das igrejas e paróquias sem muito sucesso, como ocorreu em nossa pesquisa.

Que tipo de contato existia entre as localidades produtoras dessas obras e os encomendantes? Quem patrocinava? Qual a procedência, situação econômica das comunidades, quem eram os artistas, quais suas técnicas e período de atuação? São informações que podem surgir a partir dessas obras colaborando com a história dessas comunidades que reunidas, vão revelando detalhes da história do país.

Dois pontos merecem destaques se olharmos as linhas escultóricas e a policromia das duas imagens da padroeira, na igreja matriz. A mais antiga, oriunda da capela inicial e a imagem do retábulo mor. A primeira possui uma estética que remete a imaginária baiana e que mais se aproxima ao gosto rococó, o que não se encaixa muito bem com a data de construção da capela

no ano de 1675. Essa discordância pode sugerir uma substituição da imagem primitiva ou pode atestar também que, em fins do século XVII, aqui na Bahia, a produção escultórica de algumas oficinas já estava de acordo com essa tendência estética europeia que pouco depois viria a se tornar moda no Brasil nos setecentos. Já a imagem do retábulo principal, possui elementos que evidenciam a escultura neoclássica baiana do século XIX. De fato, sua policromia apresenta um padrão bem diferenciado do que era costume se ver na decoração das imagens daquele período e apresenta um tipo de padronagem que se observa em imagens do final do século XVIII e primeiras décadas do século XIX. Essas obras conferiam beleza aos templos, de modo que também possibilitava aos fiéis a leitura e decodificação do personagem ali representado.

A vida dos personagens que compunham a corte celeste católica estavam presentes nos retábulos, oratórios, nichos e pinturas espalhadas nos ambientes religiosos e residências, como uma hagiografia visual. De acordo com Miatello (2009), o termo hagiografia corresponde à junção de dois significados que formam o vocábulo: hágios, que em grego quer dizer sagrado e grafia que designa escrita. Ou seja, é a escrita da vida do personagem sagrado. Trazemos aqui um pouco sobre a história de Maria, a mãe de Jesus.

A Bíblia trata sua vida com escassez de detalhes. Sabe-se, pela tradição oral, que Maria era filha de Joaquim, da cidade de Nazaré, na Galileia, e Ana, de Belém. Casados há muito tempo sem gerar descendentes, fato vergonhoso naquela cultura, ambos pediam em orações que Deus os favorecesse com a graça da “concepção”. Massacrado com insultos por sua infertilidade, Joaquim recebe a visita de um anjo informando que Ana, de certa idade, conceberia e daria à luz uma filha a quem dariam o nome de Maria. E assim se deu a “conceição” da virgem, predestinada a ser mãe do salvador (Vareze, 2003, p. 78).

Após o período de convivência com os pais, Maria atingiu a idade para ingressar no templo de Jerusalém, onde residiu com outras jovens da mesma faixa etária, recebendo educação e ali permaneceu até completar quatorze anos. Concluída a formação, as adolescentes deveriam voltar a suas casas e seguir a tradição do casamento. Após cumprir essa etapa, Maria, resistiu à saída e, para isso alegou ser propriedade do Senhor, consagrada por seus pais antes mesmo de ser concebida, pois, para seguir o costume Maria também deveria casar-se. Em busca de instruções para esse ocorrido, o sacerdote entrou no santuário do templo para consultar a vontade de Deus. De lá os que estavam presentes do lado de fora ouviram o decreto divino: “Todos os homens da casa de Davi que não estão convenientemente unidos em casamento devem levar um ramo até o altar, e aquele cujo ramo germinar e em cuja ponta o Espírito Santo repousar em forma de pomba, conforme anunciou o profeta Isaías, deve sem qualquer dúvida desposar a virgem”.

Reuniram-se então os filhos de Davi e, no meio deles estava José. Desconfortável por ser homem idoso pretendendo a uma jovem escondeu seu ramo, enquanto todos apresentavam diante do altar, sem que nenhum prodígio se confirmasse. Mais uma vez o sacerdote consulta o Senhor no santuário e outra vez ecoa no ambiente uma voz direcionada para o único que não mostrou o galho, que ao ser exposto floresceu na mesma hora, onde pousou uma pomba (VAREZZE, 2003, p. 748/ 749).

Cumprido esse ritual, a virgem volta à casa paterna, prometida em casamento a José. Enquanto orava, Maria foi surpreendida pela visita do anjo Gabriel enviado por Deus, com a missão de comunicar que fora escolhida por Ele, para ser mãe de seu filho. (LUCAS, 1:2).

Com todo esse aparato de fatos extraordinários envolvendo a vida de Maria, não seria possível que sua participação na Igreja fosse apenas de um personagem meramente acessório para o nascimento de Cristo. O seu papel na história da salvação já constava em profecias nos textos do antigo testamento: “Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho e chamará o seu nome Emanuel.” (ISAÍAS 7: 14). A toda essa sequência de acontecimentos incomuns, somou-se os laços da maternidade e reforçou ainda mais sua ligação à figura do Cristo, porém, os evangelhos, poucas vezes mencionam seu nome. Segundo a tradição católica, após a morte do filho, Maria seguiu para Éfeso, na companhia do discípulo João, onde possivelmente morreu (COSTA, 2009, p.21).

Posta em um patamar de evidência, Maria ocuparia o antigo lugar da Grande deusa (mãe) das civilizações antigas, desempenhando o papel da grande mãe da cristandade, equilibrando a corte celestial cristã na disputa de espaço entre as antigas religiões (CARVALHINHOS, 2005, p. 165).

Resquícios da cultura material do paleolítico encontradas em escavações arqueológicas demonstram que nesse período já se cultuava a figura feminina em objetos de formas estilizadas ligadas à maternidade (RIBEIRO, 2017, P. 260). Artefatos descobertos nesses locais remetem a interpretação mitológica de Vênus. São pequenas esculturas em forma de mulher com partes do corpo relacionadas à procriação em representações exageradas. Isso marca de forma simbólica o culto ao poder feminino de fazer continuar a vida nas diversas religiões antigas, em uso na Roma Imperial, contemporânea a chegada do cristianismo. Dentro dessa dinâmica religiosa o cristianismo se instala de forma sutil e gradual e assim, começam aparecer suas primeiras representações iconográficas. Sabe-se que no Século I, elas surgem nas paredes das catacumbas romanas com símbolos alusivos à figura de Jesus. Em seguida, vão figurar nesses locais, pinturas da virgem Maria sempre em atitude de oração.

A partir das representações humanizadas da figura de Cristo, o culto a Maria ganhou

maior visibilidade, fator que contribuiu para o fortalecimento do uso iconográfico (RIBEIRO, 2017, p.261).

As representações marianas vão ganhando formas mais elaboradas, ao tempo em que vai aumentando a diversificação da iconografia católica, organizada a partir do quinto século, durante o Concílio de Calcedônia (451). No transcorrer deste sínodo, afirma MEGALE (2008, p.16) se sustentou a ideia de Maria ser de fato, a Mãe de Deus que ao gerar Cristo, homem e Deus, seria ela também, a mãe do Deus que se fez homem. Por essa razão, Cristo-Deus, que se encarnou como homem sujeito à morte, refletiu na figura materna toda a sua divindade. Do mesmo modo, Maria partilhou com Cristo, o Deus em forma humana, toda sua humanidade. Logo, sua mãe biológica era igualmente mãe de Deus, pois, o corpo que seria sacrificado na cruz, seria o cordeiro sem mancha, concebido da virgem.

### **3.1 OS TÍTULOS MARIANOS**

Dentre os inúmeros títulos de Maria, o da Imaculada Conceição é sem dúvida um dos mais conhecidos. Alguns autores acreditam haver relação entre a composição da sua iconografia e a mulher descrita no Apocalipse 12:1. Na literatura bíblica, aparece no céu uma mulher vestida de sol, coroada por doze estrelas, pisando na lua. A visão descrita pelo discípulo na ilha de Patmos serviu de inspiração para muitos nomes da história da arte, com destaque para os pintores espanhóis do século XVII. Bartolomé Esteban Murilo (1617- 1682) foi um pintor barroco que retratou em suas telas, a forma clássica mais conhecida desse título de Nossa Senhora. Nas várias versões da "Imaculada", a virgem aparece como uma jovem de pé sobre o crescente da lua, em atitude de oração, cabelos longos, vestida com túnica branca e manto azul, cercada de anjos entre nuvens sobre um fundo luminoso.

Figura 31. Imaculada de Sout - Bartolomé Esteban Murillo. 1678.



Foto: Museu do Prado, Madri.

Em representações de outros artistas podem aparecer alguns símbolos relacionados à pureza, como na obra "Imaculada Conceição", do italiano Giovanni Battista Tiepolo (1696-1770), também no acervo do Museu do Prado em Madri, na Espanha. Nessa tela, o pintor considerado um dos últimos grandes nomes do barroco italiano, a virgem aparece majestosa, coroada por um círculo de estrelas, sob a pomba do Espírito Santo. De pé sobre um globo azul, Maria pisa a serpente que traz na boca uma maçã, símbolo do pecado original, do qual foi preservada na sua concepção. O crescente lunar aparece entre as nuvens junto com anjos e objetos que simbolizam a castidade e a condição de Maria, mãe que reflete a luz do filho Deus. Aparecem na composição elementos como o lírio, a rosa, a palmeira e o espelho. Possivelmente Tiepolo, em viagem à Espanha viu a tela A Imaculada Conceição, pintada por José Antolinez

(1639- 1676), hoje na coleção do Prado e nela se inspirou para compor sua obra.

Em casos menos frequentes, nas representações da Imaculada Conceição, Maria segura o menino, em trajes que caem cobrindo-lhe os pés, na cor branca ou vermelha, subjugando ou não uma serpente, de maneira que a lua está sempre na parte inferior (OSSWALD, 2013, p. 401- 406).

Figura 32. Detalhe da parte central do forro da nave da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição da feira., numa releitura da obra de Murilo.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

A pintura de Bartolomé Murilo conhecida como “Imaculada de Solt” (fig. 30), serviu de modelo para o pintor anônimo que fez a releitura dessa composição na parte central do forro da nave da igreja matriz de Conceição da Feira. O mesmo tema pode ser visto em pinturas de teto em igrejas de outras cidades da região, como na catedral metropolitana de Feira de Santana, na igreja da Conceição do Monte em Cachoeira e na matriz de São Gonçalo dos Campos.

O culto à Imaculada Conceição teve origem no oriente de onde irradiou para o mundo ocidental ainda no século VIII, mas, foi a partir do século XII, que no concílio realizado na



cidade de Pisa, tornou-se oficial sua celebração (GRIMALDI, 2018, p. 22). Dentre as ordens que tinham especial apreço a essa invocação mariana, destacam-se os franciscanos que muito colaboraram para a sua difusão. Em Portugal, no século XVII, D. João IV declarou Nossa Senhora da Conceição como padroeira do reino. Aqui no Brasil a santa aportou na Bahia no século XVI, com Tomé de Souza que trouxe uma imagem e promoveu o seu culto (CAMPOS, 2003, p. 119).

Mais tarde, D. Pedro I confiou o Império Brasileiro à sua proteção, ao declarar Nossa Senhora da Conceição como padroeira (GRIMALDI, 2018, p.22).

Vemos assim que a devoção à concepção de Maria é muito antiga e gerou muita discursão no meio intelectual da Igreja Católica a respeito da veracidade de sua essência. Mesmo com grande aceitação estabelecida entre os fiéis e com aprovação papal, o modo como Maria foi concebida deu margem a muitos questionamentos (LANDGRAF, 2017). Só mais tarde, na segunda metade do século XIX, a 8 de dezembro de 1854, o Papa Pio IX, proclamou e oficializou a Conceição Imaculada de Maria como dogma de fé, na bula *Ineffabilis Deus*.

### **3.2 A ARTE SACRA MARIANA NA BAHIA**

Toda essa discussão em torno do primeiro evento da vida terrena de Maria não diminuiu a sua credibilidade entre os fiéis e dessa maneira, seu culto se fortaleceu com o tempo. No Brasil, se enumerarmos as paróquias, igrejas e capelas dedicadas a Nossa Senhora da Conceição, podemos dizer que ela ocupa um lugar de privilégio entre os demais santos, fato que denuncia uma clara influência da religiosidade portuguesa.

Não é raro encontrar ainda hoje nas residências católicas, uma imagem da Virgem da Conceição. O mesmo se verifica nos inúmeros antiquários existentes no país, com a presença constante dessa iconografia na composição dos seus acervos, provenientes de várias regiões brasileiras e também da Europa. Em maior número, são peças de origem baiana, de acordo com as características que se nota nas peças.

Para Suzane Pêpe (1999, p. 29), é possível que dentre as imagens que foram produzidas nas oficinas da antiga capital da Colônia, as representações de Nossa Senhora da Conceição, perdeu em número de esculturas apenas para os crucifixos. A autora ainda informa sobre uma quantidade considerável de imagens de Nossa Senhora do Rosário, devoção que encontrou boa aceitação no meio dos cativos. Essa informação pode explicar a presença de uma imagem dessa santa junto com outra de São Benedito o negro, as quais integravam o acervo da antiga capela

da fazenda Saco. Segundo a tradição oral, naquela ermida também se festejava São Benedito, devoção que continuou existindo quando os atos religiosos foram transferidos para a segunda igreja. Seus festejos chegavam próximos de como se celebravam as solenidades da padroeira. Atualmente essa festa não existe mais na paróquia.

Essas imagens que possuem dimensões medianas se encontram na igreja Matriz da cidade e é provável que ocupassem os nichos nas paredes laterais da ermida, descobertos durante intervenções no local quando foram demolidas duas de suas paredes antigas. Atualmente, novas intervenções alteraram o aspecto interno e a planta do imóvel descaracterizando-o de forma agressiva.

Na igreja Matriz vamos encontrar de novo, esses dois santos em imagens maiores em seus respectivos retábulos. Um deles, mais antigo, lateral ao arco cruzeiro, possui um nicho com uma imagem de Nossa Senhora do Rosário. O outro, de São Benedito, lateral da nave e de características mais simples, é uma estrutura do início do século XX e abriga a imagem do santo do tipo roca.

A larga produção escultórica que saía das oficinas baianas, nos séculos XVIII e XIX e nos primeiros anos do século XX, se fazia presente nos retábulos e oratórios de igrejas, capelas e residências da Bahia e demais regiões brasileiras (ETZEL 1974, P. 285). Com grande número de imagens, a produção baiana supria o mercado interno e exportava para várias regiões da Colônia (FABRINO, 2012, p. 72). Isso justifica a presença de obras com características desses escultores e policromadores, em igrejas de cidades como São João Del Rei em Minas Gerais, Paraty no Estado do Rio de Janeiro, Divina Pastora em Sergipe, Coqueiro Seco em Alagoas dentre outros. Na cidade de Paraty, por exemplo, existe na igreja de Santa Rita, uma imagem de Nossa Senhora do Carmo no retábulo do lado da epístola, onde se observa o diferencial que, segundo Miriam Ribeiro (2000), marca as obras escultóricas de autores baianos: panejamento com requinte de drapeados, elegância nos gestos, nas expressões e atitudes. Características que a autora aponta também na policromia onde aparecem os inconfundíveis florões dourados, com buquês coloridos ou monocromáticos ao centro, distribuídos na ornamentação das vestes dos santos. Essas formas douradas ganhavam uma espécie de contorno, elaborado em cores mais claras e mais escuras a partir do cromatismo do campo onde estavam posicionados. Esse complemento ornamental ganhava um aspecto ainda mais elaborado a partir da punção, técnica que consiste em uma sequência de pequenas “depressões” sobre o douramento (2000, p.61) como mostra a figura 33.

Figura 33. Florão do padrão volutas. Escola baiana de policromia, séc. XIX.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Reconhecidas por esses aspectos, e pelas suas cores vibrantes, as imagens baianas se diferenciam da produção de outras regiões brasileiras do período colonial em diante. Uma parte significativa das obras que sobreviveram a roubos, incêndios, iconoclastia ou a ação do tempo, encontram-se descaracterizadas, resultado de um costume antigo de repintar as imagens conhecido por “encarnação”. Outra prática muito comum entre os encarnadores de santos e que propiciou o comprometimento da integridade dessas obras foi a remoção (lavagem) das pinturas originais para fazer novas (FAUSTO, p. 2012), fator que representa um problema para o estudo desses acervos. Outra parte dessas imagens ainda permanecem com sua antiga decoração, mas, a ausência documental sobre essas obras não permite afirmar se essas policromias são as mesmas com as quais saíram dos ateliês de origem.

Dentro desse padrão clássico de decoração das imagens baianas, ressaltamos que surgiram algumas variações de ornamentação, conforme identifica Cláudia Guanaes Fausto

(2010, p. 105- 119), detalhes que abordaremos a seguir junto com a descrição das duas imagens de Nossa Senhora da Conceição.

A produção desses escultores seguiu abastecendo a demanda até os primeiros anos do século XX, quando perdeu o mercado para as imagens fundidas em gesso que se popularizou rapidamente aqui no Brasil (ETZEL, 1974, p. 285).

### **3. 3 AS IMAGENS DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO ACERVO DA IGREJA MATRIZ. A IMAGEM DA PROCISSÃO**

Dependendo do momento histórico de sua manufatura, as obras de arte estão inseridas dentro de um período e padrão estilístico que caracteriza cada uma delas. As imagens dos santos mantêm na sua essência iconográfica os elementos que indicam o personagem, embora possam ocorrer algumas variações plásticas, resultantes da criatividade de cada escultor, erudito ou popular.

Dentro do universo dos santos e santas católicos, cada um com sua representação definida, com atributos próprios e símbolos da sua hagiografia, a iconografia da virgem Maria sob o título de Nossa Senhora da Conceição, se reconhece conforme descrição de Algras (2005), a partir da figura de uma mulher jovem de pé em atitude de oração, vestida com túnica clara e manto azul, pisando o quarto crescente da lua que pode aparecer entre nuvens e anjos, sobre um globo com ou sem a figura de uma serpente (ALGRAS, 2005, p.29).

A imagem de Nossa Senhora da Conceição (fig, 33), remanescente da antiga capela, mede 95 cm de altura, 49 cm de largura e 37 cm de profundidade. Para descrevê-la utilizamos o modelo proposto por Coelho e Quites (2014, p. 103).

A obra representa a virgem Maria ainda muito jovem (nota-se a ausência de seios) de pé em posição frontal, cabelos escuros partidos ao meio da testa caindo sobre os ombros em mechas para a direita e para a esquerda sob um véu branco e orelhas aparentes. A virgem aparece com os braços fletidos na altura do peito com as mãos postas em oração, cabeça e olhar inclinados para a direita, perna esquerda levemente flexionada sobre um bloco de nuvem onde aparece o crescente da lua junto a três querubins sobre o globo azul em uma base octogonal na cor vermelha. Sua indumentária é composta por túnica na cor marfim que cai ocultando-lhe os pés e manto azul estrelado com forro em vermelho.

Figura 34. Nossa Senhora da Conceição, século XVII? Imagem que sai nas procissões de encerramento da festa.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

A composição se baseia em um formato ligeiramente triangular obedecendo ao cânone de seis cabeças e meia, eixo central em linha reta e expressão teatralizada. O panejamento das vestes que se formam em linhas diagonais e curvas em C e S sugerem movimento e remetem as formas recorrentes nas imagens baianas do período transição barroco/rococó.

Figura 35. Imagem de Nossa Senhora da Conceição, parte posterior.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Um detalhe que chama atenção na obra é a presença de olhos de vidro. Um indicativo, de acordo com Coelho e Quites (2014, p.70), para uma possibilidade de que a imagem seja posterior à data de construção da capela, o que sugere uma substituição.

Entretanto, é preciso assinalar que em seus estudos sobre a imaginária, as autoras

também alegam que a solução em pintar os olhos das imagens durou mais tempo em uso pelos escultores na região das Minas, devido à dificuldade de importação dos olhos vindos da Europa até aqueles ateliers, uma vez que sua localização a grandes distâncias das regiões portuárias se constituía em limitações quanto ao uso desses artefatos. De acordo com as autoras (2014), no transcorrer da primeira metade do século XVIII, naquela região, ainda predominava o uso dos olhos esculpidos e pintados.

Não podemos, no entanto, descartar a possibilidade de que, a Bahia, por ser sede administrativa e religiosa da Colônia e, em contato permanente com Portugal estava em condições favoráveis para disponibilizar aos seus escultores, esse recurso com maior facilidade já em fins do século XVII, importando não só os olhos, como outros materiais e modelos para suas obras. Um argumento de Ott (1991- 1993 p. 43), corrobora com essa possibilidade e afirma que na segunda metade do século XVII, na Bahia, já se esculpia imagens elaboradas ao gosto barroco. Somente uma investigação mais detalhada sobre a obra poderá encontrar maiores informações que possibilitem chegar a um consenso se houve ou não substituição no decorrer dos séculos. Essa tarefa ficará para outra oportunidade, uma vez que o presente trabalho tomou como enfoque o culto à santa e suas manifestações.

### **3.4 A CONSERVAÇÃO**

Essa imagem possui algumas marcas das intervenções que sofreu ao longo do tempo e apresenta uma policromia de aspecto grosseiro, realizada sem apuro técnico. Seu estado de conservação é regular e, por meio de prospeções realizadas em diferentes pontos, verificamos a existência de um número variável de camadas de repinturas em locais específicos. Nas áreas de carnação, encontramos a presença de cinco camadas. Diferente das vestes, onde encontramos apenas duas. No véu, do lado direito identificamos três camadas brancas sobre uma mais grossa feita com purpurina. Logo abaixo dessa, existe mais uma de cor marfim sobre a base de preparação. Do seu lado avesso, duas camadas de tinta branca escondem uma pintura de boa qualidade feita a pincel sobre fundo dourado onde o artista executou o esgrafito em linhas retas e sobre este colocou arabescos brancos, numa imitação de renda. Ao comparar fotos antigas da imagem, foi possível averiguar que a policromia atual esconde outra de melhor qualidade, com os mesmos elementos decorativos.

Figura 36. Imagem da procissão após o acidente na procissão dos motoristas do ano de 2018.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2018.

Sabemos que a última repintura realizada na imagem ocorreu no ano de 1980, por ocasião dos festejos da padroeira, quando foi disseminada na comunidade a notícia que a mesma teria ido a São Paulo para ser restaurada. Anos depois foi desfeito esse boato.

Uma moradora, Maria Brígida Nunes, conhecida por Lia de Arlindo informou a respeito da chegada da imagem à cidade após a intervenção: “Todo mundo foi para a entrada da Rua Castro Alves para esperar Nossa Senhora. – Eu chegava do trabalho na hora e chorei emocionada quando a vi”.

Essa imagem, que no passado já exerceu uma forte influência religiosa e afetiva entre os moradores da cidade (SANTOS, 1996, p. 45), ainda causa comoção como objeto afetivo, de memória e como peça de culto.



Figura 37. Imagem separada da base pelo impacto na rede elétrica no acidente de 2018.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2018.

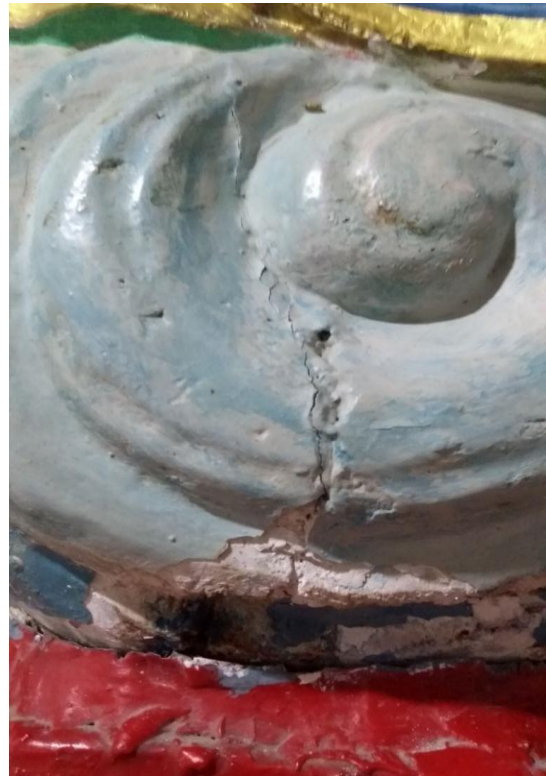
No entanto, foi possível observar que mesmo em pessoas de mais idade que exercem funções na paróquia existe um distanciamento religioso, aliado a uma ignorância histórica para com esse bem. É o que mostra um fato ocorrido durante a procissão da festa dos motoristas do ano de 2018, quando colocaram a imagem da santa em carro aberto para participar do evento. Ao passar sob os fios da rede elétrica da rua, a imagem ficou presa e o impacto ocasionou sérios danos a sua estrutura. Sobre o acidente, ao ver a imagem quebrada, uma senhora disse: “por mim... antes ela do que eu”.

Em consequência do abalo sofrido, quebrou parte do véu (fig. 36), como houve também o desprendimento do bloco escultórico da base de sustentação (fig. 37, 38 e 39), assim como o crescente da lua e várias escoriações na policromia e no suporte.

Figura 38. Base da imagem.



Figura 39. Fissuras que se evidenciaram após o acidente.



Fotos: Edilton Mascarenhas Gomes, 2018.

A partir do ano de 2005, toma conta da paróquia o desprezo pelo seu patrimônio e isso refletiu em ações como a fala da senhora que citamos acima.

Historicamente, o posicionamento iconoclasta passou a fazer parte da concepção de uma parcela considerável dentro do mundo cristão, o que gerou dentre outros motivos, a Reforma Protestante no século XVI, liderada por Martinho Lutero. Nesse momento na Europa, a doutrina católica, os dogmas e o comportamento do clero estavam recebendo fortes críticas e questionamentos (CANTO, 2009, p.19). Autor das 95 teses, o religioso parece ter sido muito admirado pelo padre que assumiu a paróquia no período de 2005 a 2012. Era comum encontrá-lo sempre com seus escritos.

No momento atual, vemos na Igreja Católica que exemplos dessa natureza, configuram-se a realidade de muitas paróquias, onde um número considerável de seus dirigentes, seja por simpatia ao protestantismo ou ignorância da fé que professam, atuam como uma ameaça aos acervos religioso, artístico e histórico do país. Junto a esse fenômeno, o roubo de arte sacra, a pouca atenção do Estado e de boa parte das instituições eclesiásticas detentora desses bens, a má qualidade de algumas intervenções dentre outros, produzem o somatório de situações

favoráveis ao desfalque e a destruição do patrimônio edificado, bem como dos bens móveis e integrados. A frequente escassez de fontes bibliográficas nos arquivos paroquiais a respeito do passado religioso das cidades enfatiza ainda mais o valor documental dessas obras devido a sua forte ligação com a formação de muitas delas.

No caso específico de Conceição da Feira, a imagem da padroeira possui além da função de culto, o caráter documental e iconológico que pode trazer informações sobre a história local e da arte produzida na Bahia naquele momento, conforme as hipóteses que aqui levantamos. Nesse sentido, trazemos as considerações de Freire (2009):

Contudo a ausência de qualquer informação textual não inviabiliza o trabalho com a realidade visual, o que, aliás, não é por si só deficitária, pois havendo manifestação estética, havendo conformação plástica, as possibilidades elementares para se construir a História da Arte estão postas. (FREIRE, 2009, p. 2144).

É possível que desde a época inicial do culto na capela primitiva, ao fim daquelas celebrações fossem organizadas procissões, fato que continuou ocorrendo após a transferência para a nova igreja e que ainda hoje acontece. Após alguns anos sem a sua participação da antiga imagem a mesma voltou a presidir o cortejo. O seu uso frequente nesses atos pode atestar as repinturas como forma de manutenção, diferente do que se observa na imagem do nicho do retábulo mor.

Não se tem notícia da participação desta imagem em procissões, salvo algumas datas especiais, segundo relataram alguns moradores. Uma dessas ocorreu no início dos anos 80, quando o padre da época promoveu um dia de oração, saindo da matriz em procissão de madrugada com essa imagem refazendo o antigo caminho para a antiga capela. Ali os fiéis passaram o dia em oração e no final da tarde retornaram finalizando com missa.

### **3.5 A IMAGEM RETABULAR**

Tudo leva a crer que a imagem de Nossa Senhora da Conceição (fig. 40) foi adquirida para a veneração no retábulo principal do novo templo, o que podemos inferir por suas características de imagem retabular, conforme explicação de Beatriz Coelho (2005 p. 21): olhar direcionado para baixo e a elaboração da policromia sem o douramento em partes posteriores como no caso da nuvem e do globo. A imagem possui o requinte da escultura católica baiana com características do início do século XIX.

Figura 40. Detalhe do nicho e da imagem da padroeira no retábulo mor da igreja matriz.

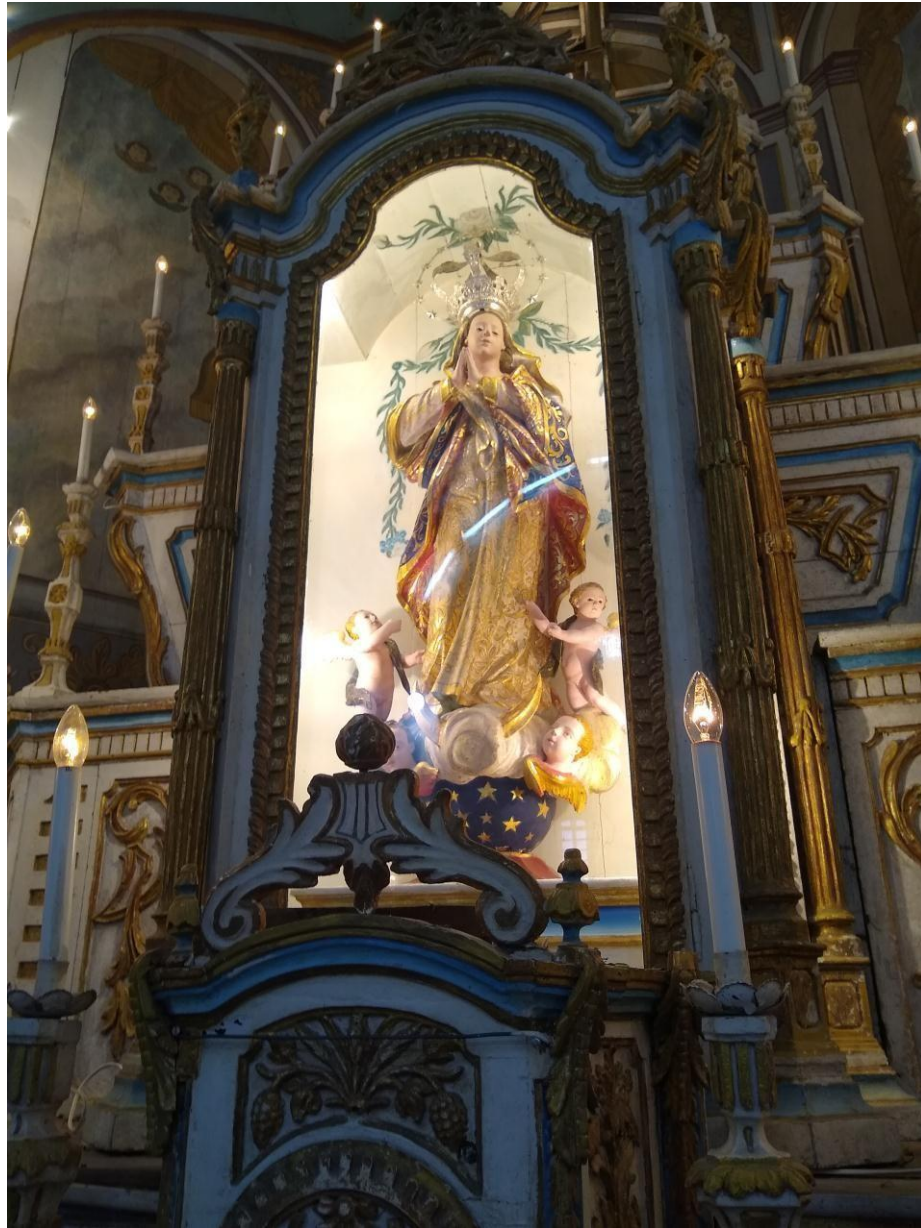


Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

Para inferirmos a respeito da sua origem, tomamos como base os estudos realizados por Cláudia Guanaes Fausto (2010), sobre a imaginária baiana dos séculos XVIII e XIX. A autora mostra a produção dessas obras na capital da Bahia desse período, as quais possuíampolicromia diferenciada do padrão comum da escola baiana. Algumas das imagens que compõem seu estudo exibem o mesmo padrão de policromia que se observa na imagem do retábulo mor e sugere o nome de Athanásio Rodrigues Seixas como um possível autor da sua pintura.

Figura 41. Nossa Senhora das Mercês, acervo do MAS-UFBA.



Foto: Cláudia Guanaes Fausto, 2012.

Figura 42. Imagem do Sagrado Coração de Maria com policromia exibindo padrão semelhante ao que se percebe na imagem de Nossa Senhora da



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Obras com esses mesmos motivos ornamentais encontram-se em exposição permanente no MAS-UFBA, dentre elas, chama atenção pela incrível semelhança ornamental da policromia, que se vê na imagem de Nossa Senhora das Mercês. Essa obra possui dentre outros motivos, representações de borboletas e beija flores na túnica, como vemos na imagem aqui descrita, a qual tinha a base de sustentação com a mesma cor daquela exposta no antigo convento carmelita na capital do Estado. Hoje a base encontra-se pintada de vermelho após o processo de restauração concluído em 1991 pelo Stúdio Argolo em Salvador.

Não se pode afirmar se no mesmo local onde foi feita a escultura, existiam douradores e policromadores trabalhando no mesmo espaço ou se dali seguiam para determinada oficina de douramento e policromias. O que podemos notar é que o artista que executou sua decoração,

munido de autonomia artística se desvinculou do clássico padrão, repetido a exaustão na imaginária baiana.

Figura 43. Imagem de Nossa Senhora da Conceição, retábulo mor da igreja matriz, Conceição da Feira Bahia. Madeira dourada e policromada, século XIX.

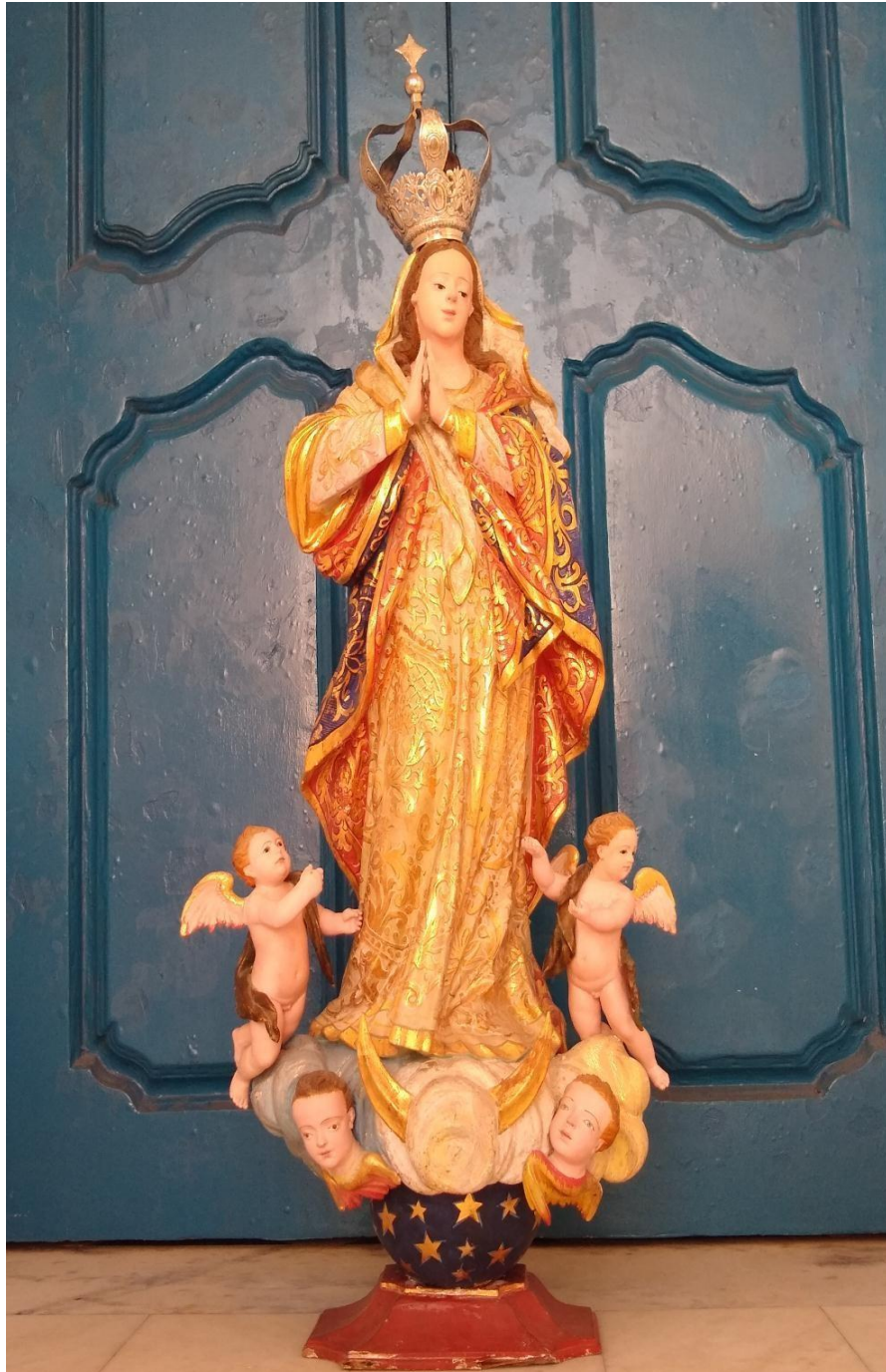


Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Na figura 43, Nossa Senhora da Conceição aparece como uma mulher jovem, de pé em posição frontal, cabeça ligeiramente voltada para a direita, cabelos castanhos partidos ao meio da testa, olhar direcionado para baixo, mãos postas em oração, perna esquerda ligeiramente flexionada sobre um bloco de nuvem onde repousam dois serafins e dois querubins, cada um ao lado das pontas do crescente lunar que sobressaem a frente de um globo azul estrelado sobre base octogonal de quinas chanfradas. Todo o seu panejamento se dá em linhas diagonais que formam o drapeado das vestes como a túnica bege que cai cobrindo-lhe os pés. Nossa Senhora aparece envolta em um manto azul cobalto com forro vermelho e véu na cor marfim que desce entre o braço esquerdo e forma ondulações do lado direito.

Figura 44. Olhar direcionado para baixo e detalhes dos motivos ornamentais da policromia



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Na policromia da imagem, o artista deixou de lado a forma clássica do florão dourado com agrupamentos de flores coloridas ao centro e adotou uma decoração que se espalha por toda a veste da santa utilizando a totalidade do fundo dourado. Nota-se o uso do esgrafito sobre o campo colorido onde aparece em profusão uma grande quantidade de ramagens e arabescos entrelaçados. Em meio a todo esse emaranhado de formas, aparecem trifólios, volutas em curvas e contracurvas, flores como dalias estilizadas, ramagens e pequenos círculos cobrindo a totalidade das vestes, conforme vemos na figura 44 e 45.

Figura 45. Douramento total na túnica da imagem onde o artista empregou a técnica do esgrafito e punção.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Outra particularidade da sua policromia é a inclusão de pintura em forma de escamas de peixe, simulação de rendas, bordados e animais como beija-flor e borboletas (figs 46 e 47).



Figura 46. Detalhe da policromia. Borboleta.



Figura 47. Detalhe da túnica com o beija flor.



Fotos: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Um olhar mais atento nos motivos ornamentais da imagem sugere a probabilidade de um trabalho realizado em conjunto, devido à diferença do traço na representação dos elementos e destreza de como foram executados (fig. 48).

Figura 48. Detalhe do verso da imagem. Sinais de coautoria na execução da policromia.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Figura 49. Nota de jornal noticiando a restauração da imagem do retábulo.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes. Acervo particular. 2019.

Apesar do processo de restauro a que a imagem foi submetida na década de 90 (fig. 49), o seu estado de conservação é regular e já apresenta alguns danos decorrentes do seu acondicionamento. São visíveis os sinais da ação de insetos xilófagos colonizando o suporte da obra como perfurações em vários pontos, mais precisamente na parte lateral do globo e na cabeça (fig. 50). Nesse local a oxidação metálica dos cravos de fixação está comprometendo a integridade do da madeira, onde se percebe grande desgaste. Esse fenômeno químico ocasionou a corrosão das fibras da madeira ao redor do grande cravo que une a base de sustentação ao bloco escultórico partindo do globo e, com isso, a estabilidade da obra ficou comprometida. A oxidação causou ainda o rompimento do pino de encaixe de um dos serafins, assim como manchas pontuais na policromia (fig.51).

Figura 50. Sinais de ataque de insetos e oxidação metálica com desgaste da madeira.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

Figura 51. Manchas de oxidação metálica.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2013.

#### **4. A FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS**

Em conformidade ao que diz Santiago (1951), com a instalação da colônia portuguesa no Brasil começam as construções das capelas e igrejas, de maneira que já bem avançado o século XVI, contabilizavam na Bahia, sessenta e duas, com parte significativa desse número situado no Recôncavo. Desse total, dezesseis atuando como freguesias. Todas essas estavam em boas condições de limpeza, manutenção e conserto para receber os fiéis e os ofícios religiosos que se realizavam nos dias de seus padroeiros com muitos festejos (SANTIAGO, 1951, p. 6).

Essas construções seguiam a arquitetura funcional para o culto, tendo sempre presente os cômodos de nave, capela mor e sacristia como é o exemplo da planta primitiva da antiga capela da fazenda Saco, atualmente alterada. É possível que no passado houvesse em sua fachada o alpendre, elementos arquitetônico típico das construções rurais do período colonial, mas isso carece de comprovação.

Sabe-se, no entanto, que na Bahia, houve uma preocupação quanto à construção de novas capelas e igreja, pois, em 1707, as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, Título XIV no Artigo 692, determinava as regras e o aparato necessário para suas construções e uso como para a fiscalização desses locais (VIDE, 1707, p. 268). Essa jurisprudência abrangia, inclusive, as igrejas construídas em propriedades privadas, erguidas com frequência nas proximidades da casa senhorial. Figurava geralmente como orago, Nossa senhora da Conceição, do Rosário dentre outras invocações da Virgem e alguns santos como Santo Antônio que serviam de protetores contra as labutas e a todo tipo de necessidades naquele mundo particular (SANTIAGO, 1951, p. 2).

A recitação do rosário, do ofício de N. S. Senhora, as novenas e festas do orago reuniam senhores, agregados e escravos, identificados todos na mesma súplica, dominados pelo mesmo temor ou animados das mesmas esperanças... (SANTIAGO, 1951, p. 2).

O medo diante de tantas incertezas que acompanhavam as pessoas em vida parece que alimentava ainda mais a preocupação em continuar a agradar e suplicar a intercessão dos santos mesmo após a morte. Para isso, os fiéis que possuíam bens, deixavam claro em seus testamentos o sufrágio de sua alma com uma quantidade de missas pagas e valiosas doações para as igrejas (SANTIAGO, 1951, p. 2).

Nesse clima, é bem provável que acontecia a vida na fazenda Saco desde o final do

século XVII, para onde se dirigiam moradores daquelas redondezas, para ali fazer as suas súplicas e homenagear Nossa Senhora da Conceição com as novenas e festas que se estendiam até o dia oito de dezembro. Sabemos que essas homenagens faziam parte da dinâmica local e que continuou após a morte do primeiro dono daquelas terras passando para o seu neto Manuel de Aragão Pereyra (SANTOS, 1996, p. 45). O relato do frei Agostinho de Santa Maria (1722, p. 216), religioso que dedicou parte de sua vida a registrar as devoções marianas que se cultuavam por onde passava, comprova que quase meio século após a data de sua construção, a capela continuava em uso. A descrição fala a respeito de como era a dinâmica local nos dias de festa e como ocorriam as celebrações:

He esta Santíssima Imagem da Senhora da Conceição de muyto grande devoção, & romagés, & na sua Casa se vão ter muytas Novenas, aonde concorrem os Fiéis com muyta fé, & devoção a impetrar daquela soberana Rainha os bês de que necessitão, & a Senhora em tudo os favorecem, não se referem milagres em particular, porque nunca houve quem deles fizesse memória. Festejão essa Senhora os moradores daquelle distrito por sua devoção, & são eleytos todos os anos, os Mordomos que hão de fazer a sua festa. Esta se lhe faz no seu mesmo dia de oyo de Dezembro, & neste dia he muyto grande o concurso de gente, que de varias partes concorre. Da Senhora da Conceição nos deu noticia o Vigayro da Cachoeyra (aonde he anexa a hermidã da Senhora) por mandado do Ilustrissimo Senhor Arcebispo da Bahia Dom Sebastião Monteyro da Vide, o Padre Antonio Pereyra (FREI AGOSTINHO DE SANTA MARIA. 1722, p. 216/217).

A descrição do religioso justifica o desejo de optarem por construir um novo templo que abrigasse o culto de maneira mais confortável, em conformidade com os padrões exigidos e também pelas suas dimensões já insuficientes para acolher o número crescente de pessoas que se reuniam em seu interior. A conservação do prédio, com o transcorrer do tempo não estava atendendo às condições aceitáveis e assim, transferem-se as celebrações para a nova igreja, construída em área mais distante da fazenda, concluída em 1838 (SANTOS, 1996, p. 12).

É possível que na antiga ermida esporadicamente ainda acontecessem atos litúrgicos até entrar em estado de abandono, pois, em conversa com um morador muito conhecido na comunidade, (Mestre Dija), já falecido, foi dito que, quando criança, via abertas as portas do antigo templo que servia de abrigo aos animais. Não encontramos relatos nem documentos que informassem a respeito do declínio e do retorno das atividades religiosas naquele local. Sabe-se que até os primeiros anos da década 80, na primeira semana do mês de janeiro, ali acontecia a Festa da Capela. Os festejos eram organizados por uma comissão, com novenas seguidas de grande movimentação nas imediações da igreja, onde se fazia apresentação de bandas e barracas para a venda de comidas e bebidas. À tarde, uma missa encerrava a festa e logo após seguia a

procissão com a antiga imagem de Nossa Senhora da Conceição até a matriz.

#### 4.1 O PASSADO RECENTE E O PRESENTE

Foi escolhido o espaço de 35 anos, entre 1985 a 2020, para abordar a festa de Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Conceição da Feira. A opção por esse recorte cronológico se deu em virtude de presenciarmos nesse período, alguns acontecimentos que despertaram insatisfação na comunidade e refletiram diretamente na celebração da festa. Notamos que esses eventos tiveram forte incidência no seu patrimônio histórico, cultural e religioso. Essas ações decorreram de forma majoritária, das atitudes e posicionamentos dos padres que estiveram à frente da paróquia nesses 35 anos.

Figura 52. Estandarte do bando anunciador.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 53. Estandarte da lavagem.

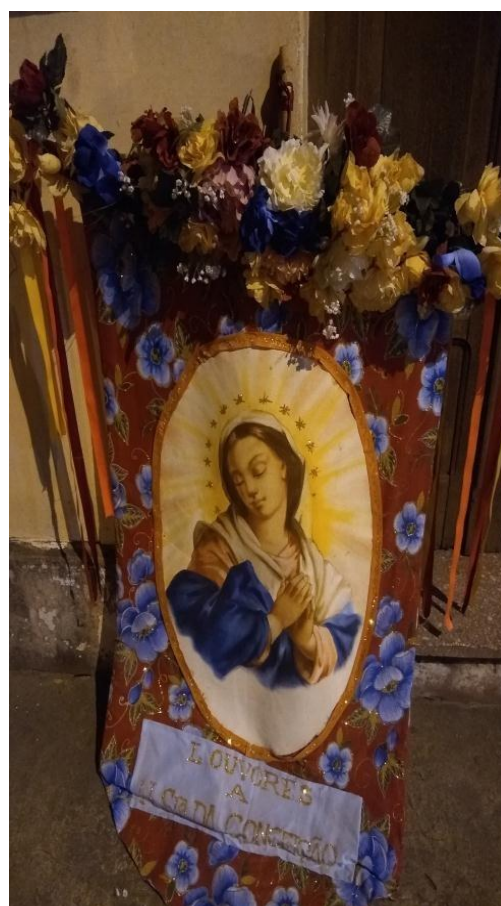


Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Como nossa pesquisa de campo foi iniciada em 2019, com observação etnográfica, conseguimos interlocuções também em 2020. Mesmo com o cenário de limitações implantado pela pandemia do Covid 19, foi possível colher dados que serviram de base para realizarmos

esse trabalho.

Nos dois últimos anos em que estivemos presentes nos eventos relacionados às festas (2019 e 2020) fizemos o registro de momentos que envolveram desde a preparação dos estandartes para o bando anunciador, para a levagem da lenha e que abria o cortejo da lavagem (fig. 52 e 53) e até finalização da festa de Nossa Senhora da Conceição. Para isso, o distanciamento afetivo tornou-se necessário para que houvesse um olhar crítico, desprovido de emissões de posicionamentos enquanto pesquisador e participante como também membro da própria comunidade.

As restrições a locais de acesso onde poderíamos encontrar um número maior de fontes documentais, como o arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador e de Feira de Santana, Arquivo Público da cidade de Cachoeira e outros, tornou inviável a pesquisa nesses acervos. Em visita aos arquivos da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, não encontramos nenhum documento que pudesse informar a respeito da festa nem da igreja matriz e da origem do seu acervo. O antigo livro de tombo, onde poderiam constar muitas informações da história da paróquia, desapareceu dos arquivos e assim, perderam-se registros importantes de detalhes sobre a história local.

As informações que traremos a seguir não pretendem atender a uma reconstituição histórica da festa da Conceição, tendo em vista que variações podem ocorrer de ano a ano em virtude de fatores econômicos, socioculturais etc. Com a finalidade de comparar realidades passadas e presentes, fizemos a coleta de dados para assim verificarmos os acontecimentos no passado não muito distante e no presente.

Seguimos com a coleta de dados como a captura das reações, e do instante por meio de fotografias. Esse recurso para Malinowski (1978, p. 461), se constitui em potencial instrumento de uso em campo e auxilia na análise das informações. Observamos as falas, as atitudes previsíveis e inéditas, tivemos conversas despreziosas com as pessoas durante as visitas de campo. Utilizamos também algumas entrevistas a pessoas que estavam conscientes para tal finalidade. Dessa forma, seguimos com o trabalho etnográfico de acordo com a concepção de Angrosino (2009, p. 30) o qual descreve como a ciência e a arte de descrever grupos humanos em seu cotidiano, permeando suas crenças, comportamentos interpessoais, instituições e a produção material.



Encontramos expressões de fé, de carinho e respeito pela padroeira. Não faltaram também expressões de pouca importância no sentido religioso e cultural da festa, partindo de pessoas ligadas aos movimentos da paróquia.

No passado, ao se aproximar o mês de dezembro, as pessoas da comunidade se preparavam para entrar em clima de festa. As costureiras da cidade trabalhavam em ritmo acelerado para dar conta das “roupas da festa”. Semanas antes do início das novenas saía o pregão. Era uma carreta composta por veículos enfeitados que distribuía pelas ruas da cidade e pela zona rural, os folhetos com a programação dos festejos (fig. 54 e 55). Nesse período, a praça da matriz ganhava iluminação extra, ambulantes construía barracas de palha com placas pintadas onde se podiam ler os nomes mais criativos. Nesses locais vendiam-se bolos, cocadas, acarajés, feijoada, maniçoba e bebidas e etc.

Figura 54 . Programa da festa da padroeira do ano 1984.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes

Figura 55 . Folheto distribuído no pregão do ano de 1989.

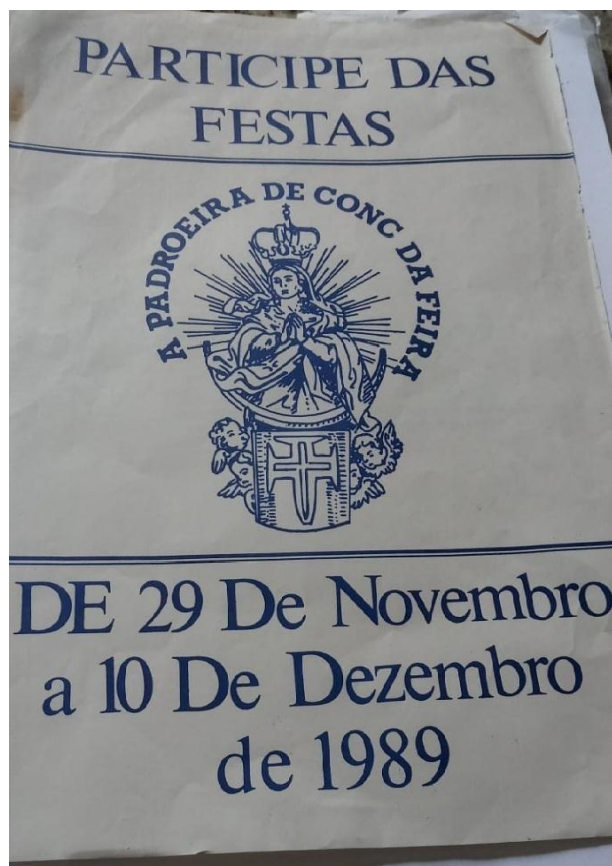


Foto. Acervo particular do pesquisador.

O início do novenário sempre marcou o dia 29 de novembro com a seguinte programação: Às cinco horas da manhã, a comunidade acordava ao som de fogos e repique dos sinos seguidos de celebração diária de missas às 7. Ao meio-dia, ouvia-se novamente o toque dos sinos acompanhado por queima de fogos, enquanto um grupo de músicos conhecido por “os barbeiros”, saía às ruas do centro da cidade tocando dobrados e marchinhas. À noite, às 19 horas e 30 minutos, cantava-se o ofício da Imaculada Conceição, para as 20 horas, já finda o programa A voz do Brasil, iniciar a novena. Isso porque toda a celebração era transmitida pela rádio Ide e Ensinai da cidade de São Gonçalo dos Campos, que instalava um pequeno estúdio na igreja nesse período. Durante as noites da novena, uma filarmônica se fazia presente, enquanto aguardava na sacristia o momento de tocar a marcha de elevação durante a bênção do Santíssimo Sacramento.

Via-se o clima de festa e empenho das pessoas que nesses dias usavam suas melhores roupas e guardavam a especial (nova) para a missa solene às 10 da manhã e, outra, para a

procissão. Quase todos os dias era feita nova decoração na igreja e, ao término dos atos religiosos, a praça se enchia com os moradores e pessoas das cidades vizinhas. Para animar a noite havia sempre bandas de música no coreto da praça. Há quem cite a presença de trio elétrico em uma festa.

A lavagem do adro da igreja como ainda acontece após um período de proibições, se trata de uma realização simbólica que remete a um tempo em que na ausência do serviço de abastecimento de água como temos hoje, pessoas se dirigiam às fontes para buscar água e fazer a limpeza do templo para as festas que se iniciavam. A levagem da lenha, de acordo com Maria Lúcia Plácido, professora antiga da cidade, fazia alusão ao período em que não havia energia elétrica na localidade e a iluminação da praça era feita com uma grande fogueira (fig. 56).

Figura 56. Mulheres vestidas de baianas com a fogueira simbólica no final do percurso da levagem da



Foto: Acervo particular. Lindinalva Bonfim s/d.

Todos os anos, ao final da procissão de encerramento, o padre, na presença da comissão em exercício (fig. 57), informava a equipe organizadora do ano seguinte. Assim as pessoas escolhidas se organizavam para trabalhar durante o ano com várias campanhas e eventos em prol da festa.

Figura 57. Comissão organizadora de 1983.



Foto: acervo particular, Rita Plácido Correia. 1983.

O primeiro evento beneficente já acontecia no dia de natal, em frente à matriz com um jantar e leilão de prendas. No decorrer do ano, a comissão realizava outras promoções, como venda de doces, trabalhos manuais, rifas, livro de ouro, dentre outros que se realizam ainda hoje.

Segundo alguns entrevistados, a cada ano, as equipes procuravam diversificar as atividades para obter os subsídios necessários para custear o evento. O mais rentável deles, o leilão de gado, passou a integrar as atividades de arrecadação a partir do ano de 1949. Seu idealizador foi Cid Plácido, um prático que exerceu a função de médico da comunidade. Para isso construíram um curral provisório na praça da matriz.

O leilão ainda permanece e produtores rurais do município todos os anos doam animais

de pequeno e grande porte para essa finalidade. Um caso marcante e que vale a pena registrar, aconteceu em 1983, quando o Sr. Agnelo, conhecido na cidade e de tradição adventista, doou uma novilha para o leilão da festa em que seu amigo Anézio Pinto Correia estava presidindo a comissão, segundo relatou Maria Lúcia Plácido: “tenho minha religião, mas, estou doando para a santa de Anézio”.

Encontramos informações de que, em épocas mais recuadas no tempo, havia desfile de blocos durante as madrugadas no transcorrer dos dias da festa. Seguiam pelas ruas do centro da cidade entoando marchinhas de carnaval e outras, compostas por pessoas da comunidade, como Vivaldo Bittencourt que compunha músicas especialmente para o momento.

Integrava o cenário das manifestações culturais nesse período o bumba meu boi e a burrinha. Já era esperada a presença em todos os anos de Maria Lordelo carregando o estandarte da lavagem, seu Alcides e seu Gustavo, moradores conhecidos da comunidade, vestidos de baiana e índio.

A levagem da lenha e a lavagem do adro da igreja, que atualmente está de volta ao calendário extraoficial da festa da Conceição, acontecem hoje, no sábado às 5 horas da manhã e no domingo às 10, respectivamente.

No domingo, dia da lavagem, o cortejo saía pela manhã ou à tarde, geralmente da casa do presidente da comissão, composto por baianas usando roupas brancas bem elaboradas e outras pessoas trajando uma indumentária mais simples feita a partir do tecido que recebiam das doações. Carroças enfeitadas também faziam o percurso (fig. 58).

Fig. 58. Carroças enfeitadas na lavagem, 1984.



Foto: acervo particular, Lindinalva Bonfim. 1984.

A festa encerrava com a procissão, onde figuravam vários andores com as imagens dos santos padroeiros dos povoados e de devoção de algumas famílias que faziam a decoração em suas casas, percorrendo as principais ruas da cidade ao som da filarmônica. Caso o dia da santa caísse durante a semana, que é feriado municipal, o cortejo era transferido para o domingo, como uma maneira de estender a festa e favorecer a presença de um número maior de pessoas de fora.

O andor de Nossa Senhora, todos os anos trazia nova decoração. Por muitos anos foi feita por um senhor da cidade de Muritiba, chamado Manoel. Seu trabalho era requisitado por várias paróquias da região nas festas dos padroeiros (fig. 59 e 60).

Figura 59a. Andor da padroeira do ano de 1954.



Foto: Acervo particular. Elza Brandão, 1954.

Figura 59b. Ornamentação do andor da padroeira.



Foto: acervo particular. Idália Benício de Oliveira, s/d.

Ao chegar à praça em frente à matriz, o andor era recebido ao som dos sinos, da filarmônica, queima de fogos e pelo grande número de pessoas que faziam questão de carregar o andor até o último momento do trajeto. Ao recolher, dava-se início aos ritos finais como ainda ocorre, feito com homilia e bênção do Santíssimo Sacramento. Antes de entrar na igreja, os fiéis se amontoavam para entrar junto com as imagens e começava então o tumulto para a retirada das flores dos andores. Os mais antigos diziam que essas flores, principalmente, do andor de Nossa Senhora da Conceição, possuíam poderes milagrosos usados na forma de chá. Caso a decoração fosse artificial, eram guardadas como lembrança.

E assim acontecia a festa da padroeira que, com o passar do tempo, às mudanças foram impondo restrições, mas, sem perder com isso, o sentido de referencial para a grande parte da comunidade. A partir da segunda metade da década de 1980 essa manifestação começa a sofrer modificações que alteram sua configuração.

Figura 60. Procissão do ano de 1983.



Foto: Acervo particular, Rita Plácido Correia



Inicialmente, com o decreto da diocese de Feira de Santana em 1987 que foi notícia de jornal (fig 61), obrigava as paróquias sob sua jurisdição a separar a festa religiosa dos padroeiros, da parte profana que incluía as manifestações culturais locais. A partir desse momento, a festa da Conceição de Conceição da Feira começa a sofrer interferências que vão, aos poucos, reformulando sua configuração.

De início, essas interferências surtiram efeito negativo na cidade, com reflexos na parte cultural, turística e econômica, uma vez que deixou de acontecer toda a programação popular que compunha a dinâmica da festa. Os visitantes já não se faziam presentes, os ambulantes e o comércio local que ganhavam renda extra nos dias de grande movimentação na cidade, deixaram de contar com as vendas extras.

Pelas informações colhidas, o maior dano se deu na identidade cultural da cidade à medida que o espaço para as manifestações de maior representação para a localidade estava impedido de acolhê-las. Paralelo a isso, um novo acontecimento propiciou mais um corte na referência de identidade local, por ocasião do desabamento de uma parte da parede lateral da igreja matriz, provavelmente resultado de infiltrações no telhado. Com a interdição da igreja por um bom tempo, os atos litúrgicos da paróquia passaram para a capela primitiva e para a capela de São Joaquim e Santana, erguidas na Rua Nova, onde existia uma antiga Santa Cruz. Durante as obras na matriz, foram realizadas reformas que alteraram sua forma antiga.

Figura 61. Nota sobre a separação dos festejos religiosos e populares na diocese.



Foto: acervo particular do pesquisador.

Durante as intervenções no prédio foi demolida boa parte das antigas paredes e, na reconstrução, não respeitaram suas características originais. De volta à matriz, a festa continuou com as restrições e a missa das dez horas passou para o final da tarde do dia oito, com a procissão para o dia seguinte. Motivo de impedimento para participação de pessoas da cidade que residiam fora, uma vez que nesse dia é feriado em boa parte do Estado da Bahia.

Novamente outro fato gera estranhamento na comunidade quando no ano de 1990, a antiga imagem da santa é substituída pela imagem de Nossa Senhora da Conceição da Praia em Salvador (fig. 62 e 63), que veio para presidir a procissão e encerrar a festa daquele ano. Apesar da interferência de algo externo ao maior símbolo local, a comunidade participou dos atos.

Figura 62. Imagem de Nossa Senhora da Conceição da Praia em Conceição da Feira, Bahia.



Foto: Cristoval Filho, 1990.

Figura 63. Retorno à Conceição da praia.



Foto: acervo particular do autor.

Mais tarde, em 1994, acontece outra substituição da imagem da santa. Dessa vez, a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi substituída por outra, vinda da cidade de Maragogipe, BA (fig. 64), que ocupou o lugar principal na procissão da padroeira da cidade

(fig.65).

Figura 64. Imagem de Nossa Senhora da Conceição de Maragogipe- Bahia.



Foto : internet, 2019.

Figura 65. Procissão de encerramento das festas da padroeira, ano de 1994, presidida pela imagem da cidade de Maragogipe .



Foto: acervo particular, Cristoval Filho, 1994.

Em 1993, sem consultar a comunidade, a imagem antiga teve sua participação abolida de vez, por outra do tipo roca, adquirida da paróquia de Nazaré das Farinhas pelo pároco da época (fig. 66). Conforme cita Sacramento (2010, p. 30), essa substituição não agradou aos fiéis.

Figura 66. Imagem substituta da imagem local.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2020.

Em 2005, finaliza essa gestão que durou 21 anos e é nomeado um novo padre. As medidas restritivas em vigência na administração anterior tornam-se mais flexíveis e a parte religiosa da festa sofre novas alterações. Toda a liturgia mariana das novenas foi descartada e em seu lugar, incluíram-se missas durante as noites do novenário. Com essa nova celebração até a ladainha de Nossa Senhora, uma das partes que se cantava em homenagem à padroeira, ficou restrita apenas a algumas invocações, sob o pretexto de não prolongar o rito.

A partir de então, durante os sete anos seguintes, implantou-se abertamente na paróquia uma linha de influência protestante, no combate com veemência o culto às imagens, alegando serem símbolos diabólicos. Tal posicionamento encontrou aceitação por parte da comunidade engajada na igreja, enquanto a parcela que discordava preferia não opinar. O padre que ridicularizava as imagens manifesta claramente o desejo de destruir os retábulos da matriz por incomodá-lo. O ponto de maior estranhamento ocorreu no dia oito de dezembro, já primeiro ano de sua administração, quando esse mesmo padre interrompeu a celebração da missa retirando-se do altar, exigindo que o andor com a imagem da santa fosse retirado da nave da igreja sob a ameaça de não retornar para continuar o ato. E assim foi feito. Alguns presentes, após conduzir a imagem para o corredor lateral (fig. 67), foram buscá-lo em casa para dar continuidade à missa. Segundo uma testemunha, ao se retirar do altar, o clérigo solicitou ao sacristão um pau para quebrar a imagem dizendo: “Vou mostrar a esse povo quem sou eu”. De volta à igreja, demonstrando grande fúria, pediu que chamassem o “rabcão”, carro destinado ao transporte de cadáveres, para levar a imagem.

Figura 67. Andor da padroeira retirado para o corredor lateral, dezembro de 20005.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2005.

Ao final da missa, novamente o padre se manifestou. Dessa vez, exortou os fiéis alguns portando Bíblias, que seguissem o trajeto da procissão acompanhando apenas o andor onde

estava uma grande bíblia à frente do cortejo. Continuando, pediu que as pessoas não acompanhassem o andor da padroeira por ser “coisa do diabo” e “idolatria. “Quem for de Deus siga o andor da Bíblia. Quem for idólatra vá atrás da imagem”, disse o referido padre que seguiu durante o percurso à frente de um andor, onde puseram o livro, acompanhado pelo grupo que o apoiava. Com isso, formou-se na rua dois espaços bem delimitados, onde as pessoas com a Bíblia não se misturaram à grande quantidade de fiéis que conduziam a imagem de Nossa Senhora. Entre uma parte e outra se formou uma divisão de aproximadamente 40/ 50 metros de distância.

Enquanto esse padre esteve à frente da paróquia, não faltaram atos dessa natureza. Ele mesmo, durante uma missa, chegou a ridicularizar uma imagem de São Benedito, questionando aos presentes se ali estava um caso de “corno”, pois, um negro não poderia ter filho branco, o que serviu de motivo para risadas. Na sexta-feira santa, ao final da cerimônia da paixão, novamente a comunidade presenciou outro fato inusitado. Mais uma vez o padre impôs a procissão do Senhor morto, um caráter vexatório ao perguntar em tom de chacota, o motivo da demora de sair da igreja. “Esse caixão tá demorando demais para sair. Ele é de rosca?”.

A acolhida desses feitos fica nítida entre as pessoas que exerciam alguma atividade na igreja local, como mostra a fala de uma senhora, ministra da eucaristia, em resposta a solicitação para que a mesma se retirasse do local onde ficaria o andor da santa, ao recolher a procissão: “Não saio. Cheguei primeiro!”.

Existia na comunidade o movimento da Mãe Rainha, quando a estampa com a foto de Nossa Senhora de Schoenstatt, visitava as casas um dia a cada mês. Essa prática foi interrompida depois de uma pesquisa feita por membros da comunidade para saber a opinião das pessoas, quanto a sua continuidade. Entre as perguntas que constava no questionário estava a seguinte: “Você deseja continuar recebendo em casa a imagem da Mãe Rainha?” Em resposta, outra ministra da eucaristia informou: “Nossa Senhora sim. O retrato não”.

Algumas pessoas já achavam um absurdo a presença de uma imagem da santa no altar mor. Até a Eucaristia, que para a Igreja Católica representa o próprio corpo de Cristo, teve sua importância desmerecida, no momento em que o tal padre, em suas homilias, afirmava não existir dentro daquela igreja, nada digno de valor, exceto a Bíblia. O mesmo desativou o sacrário do retábulo mor, transferindo para uma sala ao lado, para que as hóstias não ficassem no mesmo espaço que a imagem. Ali, a Bíblia passou a figurar na frente do tabernáculo em sinal de supremacia.

Foi nessa gestão que algumas pessoas da comunidade como o Professor Bidó (Antônio Carlos Guedes), Pompílio (Raimundo da Cruz Bastos) e Haroldo Borges, se organizaram para

trazer de volta a lavagem, evento que uma empresa local assumiu a organização e patrocínio. Atualmente, a Prefeitura Municipal junto com o Grupo das Baianas promovem a realização dessa parte na festa. Para ajudar na cobertura dos gastos, esse grupo formado majoritariamente por senhoras promove ações para angariar fundos para assim ajudar a cobrir as despesas.

O Grupo das Baianas também é responsável pelo resgate da levagem da lenha e do bando anunciador. Com o resgate dessas manifestações culturais na festa da Conceição, a comunidade vem demonstrando boa aceitação e a cada ano aumenta a participação popular.

Em 2012, chega à paróquia um novo dirigente, adepto da Renovação Carismática (RCC), com identificação aos rituais das igrejas neopentecostais (fig. 68) e celebrações de missas de cura e libertação (fig. 69), com manifestações de glossolalia arrebanhando grande número de fiéis. Em sua administração o padre carismático implanta na paróquia a devoção à Divina Misericórdia, e a comunidade engajada que havia rejeitado o culto às imagens, retomam a veneração e até adotam costumes já abolidos na Igreja Católica, como o uso do véu pelas mulheres (fig. 70).

Figura 68. Missa com rituais de cunho neopentecostal onde se vê queima de pedidos escritos em bilhetes.



Foto: facebook.



Figura 69. Rituais de cura e libertação durante a celebração da missa.



Foto: Facebook

Figura 70. O retorno do culto às imagens e uso do véu.



Foto: Facebook.

Essa gestão segue até o ano de 2018, quando é empossado o padre atual que chega para assumir a paróquia. Sensível às questões culturais da comunidade, o mesmo vem demonstrando atenção ao acervo da igreja matriz, a história local e a festa da Conceição. Ele mesmo no dia da lavagem faz questão de receber as baianas em frente a matriz (fig. 71). Abriu espaço, dentro da missa da padroeira, para que estas senhoras homenageassem a santa.

Em sua primeira reunião com o conselho paroquial, para tratar sobre a festa da padroeira, propôs aos seus componentes o retorno do ritual antigo das novenas. Tivemos informações que um dos participantes, envolvido na igreja desde outras gestões, se pronunciou alegando desconhecer esse tipo de rito.

Figura 71. O padre atual recebendo as baianas em frente a igreja no dia da lavagem.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Há alguns anos, no dia da lavagem (fig. 72), passam pelas ruas da cidade um número crescente de pessoas que vem a cada ano, se organizando em grupos padronizados e outras vestindo fantasias. Além da participação do Grupo das Baianas, é marcante a presença de adeptos do candomblé, que se fazem presentes todos os anos com indumentárias específicas de cores alusivas aos seus Orixás (fig. 73). Outros participam vestidos de roupas brancas com bordadas em rechilieu, saias rodadas e turbantes.

Figura 72. Participação popular na lavagem



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 73. Adeptos de religiões de matriz africana integrando o cortejo da lavagem.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Mesmo com todos esses acontecimentos que envolveram as celebrações da festa, percebe-se uma grande participação da comunidade nos dois momentos, profano e religioso, como mostram os registros fotográficos realizados em campo. Durante o novenário as pessoas comparecem em bom número e ocupam o espaço interno e fora da igreja (fig. 74). Algumas pessoas ainda seguem o costume de usar roupa especial para participar desses momentos, enquanto a maioria adota a modalidade mais atual e padronizada como se observa na figura 75, em um registro da da missa solene. Para isso, a paróquia disponibiliza a venda de camisetas com a estampa da imagem da santa com grande aceitação na comunidade (fig. 76).

Figura. 74. Fiéis ocupando o espaço externo da igreja durante o novenário. 2018.



Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 75. Momento da missa solene das 10 horas do dia 8.



Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 76. Camisas padronizadas.



Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Presenciamos fiéis emocionados antes da saída e durante a procissão, como o caso de um antigo morador da cidade, que residindo fora, todos os anos estava na companhia dos filhos para carregar, junto com um amigo de infância, o andor da santa. Dessa vez se emocionou ao chegar à garagem onde estava o andor (fig.77) e não rever o amigo que fora assassinado meses antes.

Figura 77. Geraldo Leite e Lia de Arlindo, moradores emocionados enquanto aguardavam a saída da procissão.



Foto. Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 78. Momento de emoção à passagem do andor da padroeira.



Foto. Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Uma senhora, absorta da realidade, acompanhava com o olhar a passagem do andor de Nossa Senhora da Conceição, até exprimir numa frase todo o seu sentimento: “É muita emoção, não é meu filho?” (fig.78).

Figura 79. cadeirantes aguardando a procissão.



Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 80. Pessoas com limitações físicas



Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Pessoas em cadeiras de rodas também esperavam a imagem passar, como mostram as figuras 79 e 80. No decorrer do trajeto percebemos a disputa das pessoas para carregar, ainda que por um mínimo de tempo, o andor principal que serve de abrigo a uma senhora ( Terezinha) que todos os anos acompanha a procissão debaixo ou segurando em alguma parte dele (fig.81).

Figura 81. Moradora que sempre acompanha a procissão segurando o andor ou embaixo dele.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Segundo a fala de dona Luizinha Xavier, uma senhora que compareceu à garagem nos dois anos em que estivemos em campo, ela afirmou estar ali para seguir o costume da tia Lulu Cardoso, já falecida. Dona da casa de onde na maioria das vezes saía o andor de Nossa Senhora da Conceição, ela aspergia seiva de alfazema na imagem e sobre as flores antes da procissão (fig.82). Enquanto aspergia o perfume, conversava com a santa.



Figura 82. Dona Luizinha e a seiva de alfazema para Nossa Senhora.



Foto. Edilton Mascarenhas Gomes. 2019.

Figura 83. Etapas do processo de decoração do andor de Nossa Senhora da Conceição.



Figura 84. Fotos com o andor antes da procissão.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Enquanto aguardava o término da missa da tarde e a decoração do andor (fig. 83), muitas pessoas se dirigiram até a garagem para tirar fotos e acompanhar a imagem da santa até a matriz para seguir o cortejo da procissão ao som da filarmônica (fig.84). Ao final, como há muitos anos não acontecia, do coreto em frente a matriz, o padre procedeu ao encerramento da festa dando a bênção do Santíssimo Sacramento. Nesse momento um grande número de pessoas seguiu com o andor de Nossa Senhora e os outros até o interior da igreja, tentando fazer fotos e pegar flores (fig.85) enquanto acontecia a queima de fogos de artifício.

Figura. 85. Fiéis após o encerramento da procissão na disputa pelas flores do andor.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Figura 86. Fogos de artifício na chegada da procissão.



Foto: Edilton Mascarenhas Gomes, 2019.

Ressaltamos que durante o novenário o número de participantes supera a presença em outros atos realizados pela paróquia, culminando na procissão de encerramento, onde se observa a maior concentração de fiéis.

A festa do ano de 2020, foi realizada respeitando as limitações impostas pela pandemia. As novenas aconteceram do lado de fora da igreja e a missa solene do dia oito foi celebrada no interior da igreja mediante agendamento prévio para manter o controle do número de pessoas. A procissão seguiu motorizada com a imagem da padroeira em carro aberto, seguido por vários veículos da cidade.

Figura 87. Carro com a imagem da santa. Procissão motorizada do ano de 2020.



Para a festa do ano de 2021, ainda é incerto como será a modalidade de realização dos atos por causa da pandemia, mesmo seguindo a vacinação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as considerações que podemos fazer por meio deste trabalho, citamos a carência de pesquisas mais detalhadas sobre a cidade de Conceição da Feira, sobre sua formação, seu patrimônio histórico, cultural e religioso. Constatamos que a falta de documentos nos arquivos da paróquia e na Cúria da Arquidiocese de Feira de Santana, a qual Conceição da Feira é parte integrante atualmente, dificulta a realização de um estudo mais consistente e detalhado a respeito da atuação da paróquia na história local.

Deixamos aqui o registro do desaparecimento do antigo livro de tombo da paróquia e lamentamos essa perda. Com isso, desaparece uma importante fonte documental a respeito da formação e do dia a dia da paróquia desde antes da sua criação a 25 de maio de 1847. É possível que neste livro pudéssemos encontrar informações valiosas sobre o seu acervo, principalmente informações a respeito das imagens de Nossa Senhora da Conceição, o que em muito contribuiria para pesquisas no campo da arte sacra católica do baiana.. Uma dessas imagens, supostamente a mais antiga que teria sido a imagem primitiva da capela da fazenda Saco e a outra, que figura no nicho central do retábulo mor. Essa última se constitui em obra pouco comum na composição escultórica e como suporte para uma variação do modelo tradicional de policromia das imagens baianas que ocorreu entre os séculos XVIII e XIX. Ao passar por processo de restauro nos anos 1990, foi emitido um laudo técnico sobre as intervenções, porém, esse documento não encontra-se nos arquivos paroquiais.

Embora seja uma realidade comum nesses arquivos, o desaparecimento de recibos de encomendas de imagens, retábulos e outros tipos de serviços contratados pelas paróquias, irmandades e até particulares, os que sobreviveram até os dias atuais constituem-se em raridades.

O padre Antônio de Almeida Carneiro, que esteve à frente da paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Feira até o ano de 1984, informou que deixou o livro de tombo juntamente com um inventário de todo o acervo da igreja matriz e bens da casa paroquial. O seu sucessor ao deixar o cargo afirma ter mandado entregar o livro na secretaria paroquial. Até o final deste trabalho, não tivemos informações sobre esse importante documento.

Embora a primeira imagem já esteja descaracterizada pela retirada da policromia mais antiga, suas linhas de composição apontam para sua antiguidade, o que não permite

afirmar ou não se ela é a mesma imagem que descreve o Frei Agostinho de Santa Maria no seu livro Santuário Mariano do século XVIII.

Verificamos por meio de prospecções realizadas em diferentes pontos desta imagem, uma prática recorrente entre os antigos encarnadores, os quais lavavam as peças para remover toda a policromia danificada para fazer uma nova.

Encontramos em Salvador e no interior, algumas imagens com policromia semelhante a que se encontra no nicho principal do retábulo mor da matriz. Um estudo sobre essas peças pode ser de grande importância para a arte sacra baiana dos séculos XVIII e XIX. Algumas dessas obras como a referida imagem exibem elementos inusitados na sua decoração como pássaros e aves. Seriam esses animais a marca que identificava o autor daquela pintura? Fica em aberto essa questão que pode servir para uma investigação futura.

Após uma análise dos textos teóricos que citamos no capítulo específico deste trabalho, percebemos, de forma mais clara e analítica, como acontecem os processos históricos e dentro desses, como se dão as relações de poder. Notamos que o confronto entre culturas distintas favorece o surgimento de meios pelos quais seus elementos possam permanecer, seja por adaptação ou imposição. O que resulta desses processos contribui para o fluxo natural e dinâmico no contato com as diferenças. Essa realidade nos forneceu uma maior clareza, para assim observarmos os fatos ocorridos dentro da festa de Nossa Senhora da Conceição. Podemos ver que a cultura, em seu dinamismo, faz incorporar, com o passar do tempo, elementos de outras que se reformulam em manifestações dentro de práticas já estabelecidas.

A cidade, que até pouco tempo fazia parte do recôncavo baiano, hoje, integra a microrregião de Feira de Santana, porém, sua ligação com as tradições e costumes da cultura regional do Recôncavo ainda permanece. Tal fato justifica a presença de elementos de outras tradições religiosas, como a indumentária da baiana usada por mulheres negras no século XIX e que remete aos rituais dos terreiros de candomblé, junto com as vestes de caboclos e índios, típicas das religiões afro-brasileiras. Essa mistura é uma realidade no Brasil desde a colonização que ainda hoje, de maneira marcante acontece nessa região, onde a presença africana e indígena, com toda sua tradição se fazem presentes na cultura e religiosidade local. A presença de babalorixás com suas indumentárias de festas acontece na missa da festa e também no cortejo da procissão de encerramento. Acreditamos que esses fatos confirmam essa abordagem.

A cultura, conforme citamos anteriormente, é dinâmica. Assim explicaria então,

os acréscimos ou extinções dentro das manifestações culturais, o que também se observa no campo da religiosidade que envolve a celebração da festa. Ao tomarmos conhecimento de como ocorria a festa da Conceição em um tempo mais recuado, foi possível perceber as mudanças de valores dentro da comunidade ao longo dos anos.

Vemos a construção de uma realidade social que foi se cristalizando, amparada pelas mudanças socioeconômicas na região, junto com presença de novos valores religiosos que retiraram a supremacia católica entre os moradores locais e até divergências doutrinárias dentro da própria Igreja Católica. Tais reorganizações e reconstruções constituem-se em linhas de direcionamentos que encontram adeptos entre sacerdotes e fiéis. Tudo isso representa um risco ao patrimônio material e imaterial.

Notamos como se deu o processo de desvalorização do referencial local por meio dos seus símbolos, tais como a parte cultural e profana da festa, a imagem da padroeira e a igreja matriz da cidade. Todos esses sofreram a interferência agressiva de um processo de descaracterização e dessacralização, não somente no sentido religioso, mas do ponto de vista cultural, afetivo e histórico. Mais tarde, com a instauração de uma visão iconoclasta na paróquia, essa desconstrução chegou até o sentido de sacralidade intrínseco à imagem de Nossa Senhora da Conceição. No momento em que a parte da comunidade católica, inserida na vida da paróquia, rejeita o ícone símbolo de memória, de afetividade e fé, foi possível vislumbrar o reflexo desses processos gradual de desvalorização e desconstrução, atuando nas formas do culto a santa e no referencial histórico da cidade.

As atitudes de caráter iconoclasta na paróquia seguiu por quase uma década e potencializou a desvinculação de uma parte da comunidade paroquial praticante para com o referencial da festa e seu maior símbolo, a imagem da santa refletindo essa concepção ao que se refere a essa parte da doutrina católica..

O crescente número de simpatizantes pelo movimento da Renovação Carismática pode ser um indício de rompimento com as formas tradicionais da liturgia católica. Em alguns de seus ritos, percebe-se um forte apelo aos cultos das igrejas protestantes, principalmente, as neopentecostais. A quantidade dessas igrejas teve um aumento na cidade, fato que ajudou a dispersar em número e em convicções as crenças de um momento majoritariamente católico. Com esse novo administrador a paróquia volta a ter uma direção mais devocional, porém dentro da linha carismática e se observa um retorno à valorização das imagens e dos santos.

Mesmo a festa passando por uma crise de identidade local, o seu sentido não perdeu o valor diante da grande parte dos moradores da cidade, o que se verifica na

quantidade de participantes nos eventos religiosos e profanos da festa. O evento já não possui o pertencimento e a identificação massiva que tivera no passado e dessa forma, foi possível perceber o processo de transformações elencados neste trabalho. Verificamos que a ideia do sagrado referente a Nossa Senhora da Conceição ainda permanece na comunidade.

As consequências dos fatos que levaram à desconstrução do referencial identitário se faz presente conforme observamos no transcorrer da pesquisa de campo. Isso se verifica ao observarmos a aceitação de pessoas da comunidade local mediante as posturas contraditórias dos padres que citamos em seus períodos distintos de administração. A parte cultural, apesar de permanecer adormecida por quase duas décadas, vem, a cada ano, se fortalecendo graças ao empenho de alguns moradores da cidade.

A proibição dos festejos populares junto com as comemorações religiosas, por imposição da diocese gerou insatisfação na comunidade e promoveu um desfalque considerável no sentido do pertencimento, sobrevivência e apropriação das tradições da cidade. Foi uma atitude imposta, reforçada sob a ameaça de suspensão dos atos religiosos na paróquia.

A interdição da matriz, sua descaracterização com a demolição de grande parte da estrutura antiga e a substituição da imagem, acontecendo à revelia da comunidade, propiciou uma espécie de esmaecimento cultural e afetivo para essa manifestação e seus símbolos, porém, não foi apagada.

O vínculo cultural precisou de tempo para se reestruturar, diferente da parte religiosa que, mesmo passando por todos esses momentos de crise identitária, se manteve. É o que se confirma com a volta dos festejos de rua que somente aos poucos vem se firmando, mediante a crescente participação da comunidade. Quanto a parte religiosa da festa, independente da retirada da imagem tradicional do cenário da celebração, não se observou queda de participantes, apesar do descontentamento de boa parte dos fiéis. Logo, a santa padroeira, Nossa Senhora da Conceição continua como um ponto de referência local.

Ficou evidente que o culto a Nossa Senhora da Conceição na cidade de Conceição da Feira ainda permanece forte entre os moradores católicos com a maior valorização entre os que não são praticantes. Isso se justifica pela interferência de posicionamentos dos dirigentes que estiveram à frente da paróquia nos últimos anos, associados a fatores sociais já mencionados. Dentre esses, o crescente número de igrejas



evangélicas na cidade.

Notamos que a linha de cada padre que responde pela paróquia influencia diretamente no posicionamento dos fiéis praticantes envolvidos em algum movimento da igreja local.

Com a chegada de um novo padre em 2018, a festa ganhou novo apoio quanto às formas antigas de celebração e da parte cultural do evento. O antigo rito da paraliturgia mariana das novenas, que havia sido substituído por missas, voltou a integrar as celebrações. Sua retirada pode ter ocasionado uma diminuição da percepção de dias de festas, uma vez que a missa é parte do cotidiano paroquial. Esse padre vem incentivando a valorização das tradições locais em suas homilias, como fez no último dia 23 de julho, data de emancipação política da cidade e na missa festiva do dia oito de dezembro junto com o padre visitante, quando pediu publicamente a devolução do antigo livro de tomo, desaparecido dos arquivos da paróquia.

O retorno da parte profana da festa tem incidido de forma gradual, crescente e positiva para com essas manifestações. Dessa maneira observamos o despertar da reapropriação pela comunidade. A chegada dos dirigentes paroquiais e seus respectivos posicionamentos diante as questões culturais e religiosas aconteceu de forma negativa até 2012, (com exceção ao retorno da lavagem).

Por fim, concluímos que se passam os milênios, os séculos, as décadas e até os anos, mudam-se os costumes, mas, o poder da cultura se mostra soberano em qualquer momento e, o valor do pertencimento se percebe quando se exaltam os ânimos na defesa de convicções. Uma vez ausente esse sentimento, o grupo se desestabiliza e assim, abre brechas para se abater sob o jugo externo ou cair sobre si mesmo. Não se trata apenas de uma frase solta dita a exaustão como clichê, que “a união faz a força” e, de fato, faz. A partir do que aqui foi exposto fica claro essa verdade.

Uma parcela que se reconheceu na visão de cultura e tradições como coisas obsoletas e retrógradas, fez surgir comportamentos que se comparam ao da vítima que aplaude o seu algoz. Esse mesmo fator, igualmente agindo sobre os que se agruparam em defesa ao que disponibilizaram valores às coisas com as quais se identificaram, fez sair das lembranças para reviverem no presente suas memórias.

Por influência da nossa formação em museologia, ressaltamos aqui, o valor da imagem fotográfica e da obra de arte, tal qual qualquer documento escrito. Entre as possibilidades desse recurso, consta o poder informativo comprovar que a teoria apresenta

e lança luz sobre questões que se fazem presentes nesse trabalho. Não menos importante, pontuamos também o poder de guarda e transmissão da oralidade como meio de fazer história.

Mais uma vez apontamos o elemento cultura que desde os tempos mais remotos da humanidade foi desenhando as civilizações e se estabeleceu como um divisor de classes, definindo papéis e moldando comportamentos. Assim, é fator determinante como arma nas relações de poder onde, no fundo, não há vencedores, uma vez que todos nós estamos sujeitos, direta ou indiretamente a ela, quem de fato triunfa.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **Festas e cultura popular na formação do “povo Brasileiro”**. Proj. História, São Paulo, 16, fev. 1998.

ALGRAS, Monique. **Todos os santos são bem vindos**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2005.

ALMEIDA, Admilson Gomçalves de. **Educação e evangelização: a convivência de jesuítas e índios no século XVI no Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de Piracicaba, Programa de Pós- graduação em Educação, Piracicaba, SP. 2016.

ALMEIDA, Oscar Damião. **Dicionário personativo, histórico e geográfico da Feira de Santana**. Aliança Editora gráfica Ltda. 1998.

ARAGÃO, Ivan Rêgo; MACEDO, Janete Ruiz de. Festa, Memória e Turismo Cultural-Religioso: A Procissão ao Nosso Senhor dos Passos, em São Cristóvão-Sergipe. Revista Rosa dos Ventos, 5(I), p. 15-28, jan-mar, 2013.

ALTEMEYER Jr, Fernando. **Devoção popular: as festas juninas e a pastoral**. São Paulo, SP. Mai. – jun. 2018, n. 321, pag. 21- 28.

ALVES, Alan Nickerson. Religiosidade Popular: “A crença do povo é a crença em Deus”. Folk Religiosity: “Folk’s Belief Is The Belief In God”. **Diversidade Religiosa**, v. 1, n. 2, 2014.

ANCHIETA, José de. **Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões**. São Paulo/SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução: José Fonseca. Bookmam Editora, 2009.

ARAÚJO, Carlos Magno. **Nossa Senhora da Conceição: Um caso de remoção de repintura contribuindo para atribuição de autoria**. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. 86 fls. Il. 2007.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira. Iconografia da Imaculada Conceição: novas interpretações e simbologias das ladainhas loretanais. **Imagem Brasileira**, Belo Horizonte, n.9, 2018.

BARICKMAN, J. B. Um contraponto baiano. Açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780- 1860. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BÍBLIA SAGRADA [traduzida em português da Vulgata Latina por Pe. Antônio Perera de Figueiredo]. – São Paulo: DCL, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo: um estudo sobre a Religião popular. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986 [1980].

CANEDO, Daniele. “CULTURA É O QUÊ?” - Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil, 2009.

CANTO, Priscila Kelly. **A educação na Companhia de Jesus: um estudo sobre os colégios jesuíticos.** Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em educação da universidade estadual de Maringá.PR. 2009.

CARMO, João Paulo Pinto do. Um lugar chamado Quilombo: cativo e liberdade em um engenho do Recôncavo Baiano (170- 1930). 2016. 122 F. Dissertação (Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas) Centro de Artes, Humanidades e Letras. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. **Hierotoponímia portuguesa. De Leite de Vasconcelos às atuais teorias onomásticas.** Estudo de caso: as Nossas Senhoras. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COELHO, Beatriz. Devoção e Arte imaginária religiosa em Minas Gerais. In: \_\_\_\_\_(Org.). **Materiais, técnica e conservação.** São Paulo: EDUSP, 2005, p. 233-280.

COELHO, Beatriz; QUITES, Mario Regina Emery. **Estudo da escultura devocional em madeira.** Belo Horizonte: Fino Traço Belo Horizonte, 2014.

COSTA, António M. R. P. da. **Museologia da Arte Sacra em Portugal: espaços, momentos e museografia.** 2011. Tese (Doutorado em Letras, área de História, na especialidade de Museologia e Património Cultural). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

COSTA, Célio Juvenal; OLIVEIRA, Anderson dos Santos. Educação jesuítica na América Portuguesa: a dispensa das leis positivas e a racionalidade mercantil. **Revista Educação em Questão.** Centro de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista On-line. Natal 2015.

COSTA, Maria Domingos da. **Catequese e educação dos indígenas na colônia: alguns apontamentos.** Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá. PR. 2009.

COSTA, Rogério Vicente da. **Estudo sobre a Iconografia de Nossa Senhora da Conceição e Inventário das Invocações de Nossa Senhora em Ouro Preto - a importância da Virgem Maria no culto católico.** Programa de Pós-Graduação em Cultura e Arte Barroca. Instituto Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2009.

CRESSONI, Fábio Eduardo. **A demonização da alma indígena: jesuítas e caraíbas na**

Terra de Santa Cruz. 2013. 160 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, SP, 2013.

DAMIÃO, V. **História da Religião**: suas influências na formação da humanidade, Rio de Janeiro: Casa Publicadora da Assembleia de Deus, 2003, p. 2.

DIAS, Gabriela Duque. **A atuação dos poderes locais na América Portuguesa**: Uma análise dos mestres de Campo nas Minas Colonial 1714-1803. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Departamento de História, Juiz de Fora, 2010.

DORIA, Francisco Antônio. **Caramuru e Catarina, Lendas e narrativas sobre a casa da Torre de Garcia d'Ávila**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. Ed. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000 a.

\_\_\_\_\_. **O suicídio**: estudo de sociologia. Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DRUMOND, Maria Cecília de Paiva. Prevenção e conservação em museus. In: **CADERNOS DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS I**. Brasília: Ministério da Cultura/ Superintendência de museus, 2006, p. 107- 133.

ECHEVERRI, Rafael. **Identidade e Território no Brasil**. Brasília: IICA, 2009.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Origens: história e sentido na religião**. Lisboa: Edições 70, 1969.

ETZEL, Eduardo. **O barroco no Brasil**. Psicologia e Remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. São Paulo: Edusp; Melhoramentos, 1974.

FABRINO, Raphael João Hallack. **Guia de Identificação de Arte Sacra**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2012. 147 p.

FAUSTO, Cláudia Guanais. Descrição da técnica e análise formal da policromia na imaginária baiana. **Revista Ohum**, ano 3, n.3, p. 37 – 71, set. 2007.

FAUSTO, Claudia Guanais. Os policromadores e suas pinturas nas imagens religiosas da

Bahia setecentista e oitocentista. **19 & 20**, v. VII, n.3, Rio de Janeiro, jul. - set. 2012. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/cg\\_policromadores.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/cg_policromadores.htm) Acesso em: 10 abr. 2020.

FAUSTO, Cláudia Maria Guanais Aguiar Fausto. **Padrões, cromatismos e douramentos na escultura sacra católica baiana nos séculos XVIII e XIX**. 2010. 410 fl. il. (Dissertação) Mestrado em Artes Visuais. Escola de Belas Artes. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

FERREIRA, L.D.M. (2009). **Festas religiosas: uma manifestação cultural de Mariana**. Ouro Preto: ETFOP. 2009.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Patrimônio: Discutindo alguns conceitos**. DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ Editora; Minc- IPHAN, 2005.

FRADE, Gabriel. A arte sacra e a liturgia. **Revista de Cultura Teológica**, v. 20, n. 80, Out-Dez. 2012.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. Imaginária e imaginário no Brasil Colonial. 18º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTES PLÁSTICAS. Salvador, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo. O patrimônio como categoria de pensamento In: ABREU, Regina Abreu; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio, ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro. Editora Lamparina. 2003, p. 25- 33.

GRIMALDI, Karla Oliveira. **Policromia sobre madeira e pedra: estudo de intervenção de três esculturas do Convento de Cristo-Tomar**. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar. Escola Superior de Tecnologia, 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. DP& A, Rio de Janeiro, 2006.

IBGE. Conceição da Feira. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/conceicao-da-feira/panorama> Acessado em: 07 set. 2020.

INGOLD, Tim. Antropologia versus Etnografia. Tradução Rafael Antunes Almeida. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Redenção, Ceará, Brasil. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 26, v.1, 2017.

- IPAC-BA. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia. Monumentos e sítios do Recôncavo, II parte, vol. 3, 2. Ed. Salvador, 1997.
- IPHAN. Portal de acesso. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>
- JESUS, Priscila Silva de; SOUZA, Josefa Eliana. Uma leitura do conceito de cultura na obra “A interpretação da cultura” de Clifford Geertz. In: ANAIS DO VI COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. São Cristóvão - SE, 20 a 22 de setembro de 2012.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- LE GOFF, Jacques. Introduction des Entretiens du patrimoine. In: LE GOFF, Jacques (sous la présidence de). **Patrimoine et passions identitaires**. Paris: Fayard, 1998.
- LENDGRAF, Robert D. **A experiência religiosa presente no dogma da Imaculada Conceição**, 2017. 107 fls. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas Sociais Aplicadas. Campinas, 2018.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- LIMA, Livia Ribeiro. **Criação e circulação de imagens na devoção aos santos negros em comunidades rurais de Minas Gerais**. In: Seminário de História Oral, Campinas, São Paulo, 2018. Disponível em: [http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1517435126\\_ARQUIVO\\_ARTIGOSeminarioHistoriaOralcampinasmaio18.pdf](http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1517435126_ARQUIVO_ARTIGOSeminarioHistoriaOralcampinasmaio18.pdf). Acesso em: 03 set. 2021.
- MALINOWSKI, B. **Coral Gardens and their Magic**. New York: Dover Publication, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Tradução Anton P. Carr e Ligia Mendonça. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MARKUS, Gyorgy. **Teoria do Conhecimento no jovem Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- MAZZUCCHI, Maria Letícia Ferreira. PATRIMÔNIO: DISCUTINDO ALGUNS CONCEITOS. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.
- MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- MELLO, Francisco José. **História da cidade de Cachoeira**. Cachoeira, 2001. (Editado pelo autor).

MELO, Suzana Leandro de. **A religiosidade no Brasil colonial: o caso da Bahia** (séculos XVI- XVII). Dissertação (Mestrado) UFPB/ PPGCR. João Pessoa: [s.n.], 2010.

MIATELLO, A. Hagiografia. E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, 2009. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt> Acesso em 30 jan. 2020.

MONFORT. Associação Cultural, Concílio Ecumênico de Trento. Disponível em <http://w.w.w.montfort.org.br/id> Acesso em: 10 dez. 2006.

MOTT, Luiz. **Bahia: inquisição e sociedade**. Salvador: EDUFBA, 2010.

\_\_\_\_\_. Cotidiano e Vivência Religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Melo e (org.). **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. V. 1.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio Intangível: Considerações Iniciais. In: ABREU, Regina Abreu; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio: Ensaio contemporâneo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

.OLIVEIRA, Pedro A. R. de. Religião e dominação de classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo organizado no Brasil. Petrópolis: vozes, 1985.

O MUNICÍPIO. Disponível em <http://www.conceicaodafeira.ba.gov.br/municipio>: <http://www.conceicaodafeira.ba.gov.br/municipio> Acesso em: 03 set. 2020.

OSWALD, Cristina. **A Imaculada Conceição na pintura e na escultura: contextualização histórico-hagiográfico; a formação de um dogma**. In: SANTA BEATRIZ DA SILVA. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. 2013 p. 397-414 Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/307512841\\_A\\_Iconografia\\_da\\_Imaculada\\_Conceicao\\_na\\_pintura\\_e\\_na\\_escultura](https://www.researchgate.net/publication/307512841_A_Iconografia_da_Imaculada_Conceicao_na_pintura_e_na_escultura) Acesso em: 10 set. 2020.

OTT, Carlos. **História das artes plásticas na Bahia: (1550 – 1900)**. Alfa Gráfica, Editora LTDA. Salvador. 1991- 1993. Volume II – escultura, 102 p. II.

PASSOS, Mauro. **Quando o povo é a festa: o significado social e religioso do Círio de Nazaré**. Disponível em: [encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398803717\\_ARQUIVO\\_ABHOTextocompleto2014.pdf](http://encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398803717_ARQUIVO_ABHOTextocompleto2014.pdf) Acesso: 08 set. 2014

PÊPE, Suzane Tavares de Pinho. **A atividade do escultor Manoel Ignacio da Costa na cidade do Salvador**. 1999. Monografia. XI Curso de Especialização *Lato Sensu* em Cultura e Arte Barroca - Instituto de Filosofia Arte e Cultura - Universidade Federal de Ouro Preto. Orientadora: Dr<sup>a</sup> Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira; Coorientadora: Dr<sup>a</sup> Maria Helena Ochi Flexor. Ouro Preto (MG), 1999.

PERAFAN, Mireya E. Valencia Perafan; OLIVIVEIRA, Humberto. **Território e Identidade**. Coleção Política e Gestão Cultural. Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Salvador, set. 2013, p. 55.



PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os andares do sobrado: de um Brasil a outro. In: \_\_\_\_\_. Reinventar o Brasil Gilberto Freyre entre a história e a ficção. Porto Alegre: UFRGS/EDUSP, 2006, p. 262.

PESSOA, José. Atlas de Centros Históricos do Brasil / José Pessôa, Giorgio Piccinato. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007.

POULOT, Dominique. **Musée, nation, patrimoine, 1789-1815**. Paris: Gallimard, 1997.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. As muitas faces de Nossa Senhora dos Remédios. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 18, n. 32, p. 259-287, jul./dez. 2017.

RIBEIRO, Miriam Andrade. A Imagem Religiosa no Brasil. In: ARTE BARROCA: Mostra do Redescobrimento. Brasil 500 Anos. Artes Visuais e Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

ROZENDAHL, Z. **Território e Territorialidade**: Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

ROPS, Daniel. **L'Eglise de La Renaissance et de la Reforme. Une Ère de Renouveau**: La Reforme Catholique. Paris, 1955, [s. n.].

SACRAMENTO, Tatiane Amorim da Silva. **Procissão de Nossa Senhora da Conceição**. 2010. Monografia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Cachoeira, 2010.

SANSHIS, Pierre. Introdução, In: (Org) Catolicismo: modernidade e tradição, São Paulo: Loyola, 1992.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. Santuário Mariano e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, e milagrosamente manifestadas e aparecidas em o Arcebispado da Bahia. Tomo IX, Lisboa Ocidental, na Oficina de Antônio Pedroso Halran. 1722.

SANTIAGO, Anfrisia. **Capelas Antigas da Bahia**. Salvador, Bahia, 24 abr. 1951.

SANTOS, Maria Lúcia Plácido dos. **Conceição Terra da Gente**. Grafimort Editora, Feira de Santana- Bahia, 1996

SANTOS, Milton. **O Retorno do Território**. Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec: Anpur, 1994, p. 15-20.

SILVA, André Luis da. Devoções Populares no Brasil: Contextualizando Algumas Obras das Ciências Sociais. **Revista de Estudos da Religião**. n. 3, p 30- 49. São Paulo, 2003.

SILVA, V. G. da. (1993). O terreiro e a cidade nas etnografias afro-brasileiras. **Revista De Antropologia**, 36, 33-79. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1993.111383> Acesso em 13 jun. 2020.

SOUZA JÚNIOR, Tadeu Baliza de. **“Pedra que brilha” em uma região sertaneja: institucionalização, poder e sociedade (1850- 1888)** 2015. Dissertação. Universidade Estadual de Feira De Santana, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia. Programa de Pós Graduação em História. Feira de Santana, 2015.

TYLOR, E. B. **Primitive Culture**: Vol. I, London, 1871.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda áurea: vida de santos**. Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Sensibilidades Sociais e História De Vida. Fundação Casa de Rui Barbosa. **Revista de História e Estudos Sociais**. Vol.6, ano IV, n. 3, 12 p. Julho/ agosto/setembro de 2009. Disponível em: [www.revista-fênix.pro.br](http://www.revista-fênix.pro.br). Acesso em: 29 abr. 2020.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA**. Feitas, e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro da Vide. (Fac-similar da 2. ed. São Paulo: Typ. Antônio Louzada Antunes, 1853). Brasília: Senado Federal, 2007.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Teoria da Cultura. In: \_\_\_\_\_. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Série Rumos da Cultura Moderna, 20; Coleção Pensamento Crítico, 7).

ZACCARIA, Tadeu Mourão dos Santos Lopes. **De médicos a meninos: vitalidade gemelar na escultura doméstica popular dos santos Cosme e Damião no Brasil**. 2015. 163 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ZORZO, Francisco Antônio. O movimento de tráfego da empresa da estrada de ferro central da Bahia e seu impacto comercial: das iniciativas privadas inaugurais à encampação estatal (1865- 1902). **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 26, p.63- 77, jan./ jun.2002.